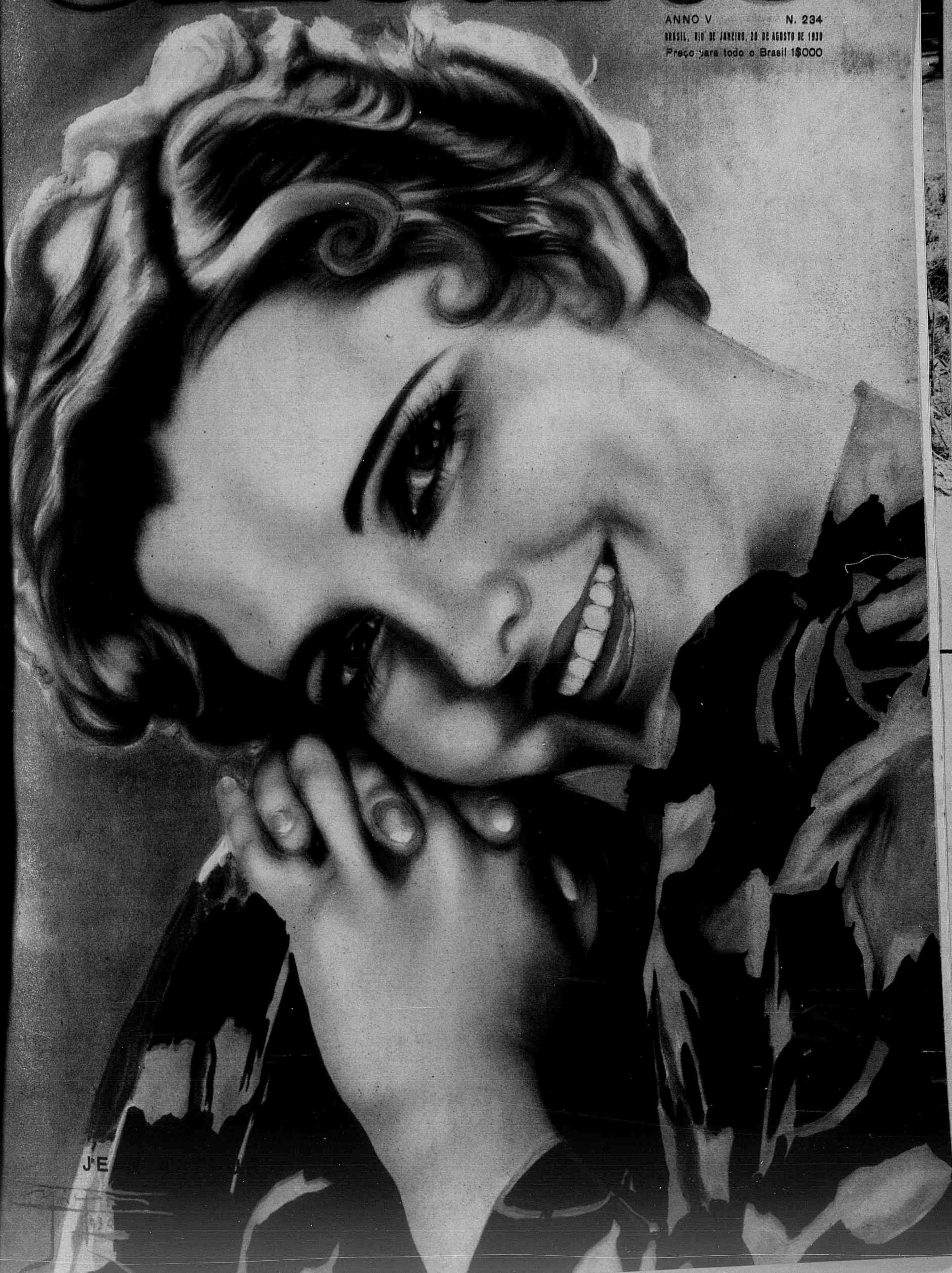
Cinearte

ANNO V N. 234
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 20 DE AGOSTO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

J·E

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

A MAIOR EMPREZA EDITORA DO BRASIL

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO EM 1922

Capital realisado Rs. 2.000:000$000

SÉDE NO RIO DE JANEIRO—TRAV. DO OUVIDOR, 21

Endereço Telegraphico: OMALHO — RIO

TELEPHONES: REDACÇÃO VILLA 6247; » CENTRAL 1017; GERENCIA » 0518; ESCRIPTORIO » 1037

Redacção e officinas: RUA VISCONDE DE ITAUNA, 419 — Telephone Villa 6247

Succursal em S. Paulo: RUA SENADOR FEIJÓ Nº 27 — 1º andar — Sala 15

EDITORA DAS SEGUINTES PUBLICAÇÕES:

"O MALHO" — SEMANARIO POLITICO ILLUSTRADO

"O TICO-TICO" — SEMANARIO DAS CREANÇAS

"PARA TODOS..." — SEMANARIO ILLUSTRADO, MUNDANO

"CINEARTE" — REVISTA EXCLUSIVAMENTE CINEMATOGRAPHICA

"ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" — MENSARIO ILLUSTRADO DE GRANDE FORMATO

"LEITURA PARA TODOS" — MAGAZINE MENSAL

"ALMANACH DO MALHO"......
"ALMANACH DO TICO-TICO"....
"CINEARTE - ALBUM".........
} ANNUARIOS

LENDO O SEMANARIO

"PARA TODOS"...

acompanhareis a vida elegante e intéllectual do Rio, de São Paulo e de todos os grandas centros brasileiros. Constantes informações illustradas das capitaes européas.

ASSIGNATURAS

12 mezes............. 48$000
6 mezes.............. 25$000

AS CREANÇAS PREFEREM

"O TICO-TICO"

a qualquer outra publicação nacional. E os paes devem aproveitar esta preferencia dos filhos, que com ella se EDUCAM, INSTRUEM E DIVERTEM.

Concursos com premios uteis em todos os numeros.

ASSIGNATURAS

6 mezes.............. 13$000
12 mezes............. 25$000

Pedidos á

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Trav. do Ouvidor, 21 -- Rio de Janeiro -- Caixa postal, 880

BUSTER KEATON

— O homem que faz rir mas não ri, o Campeão da Cara Amarrada provoca delirios de gargalhadas, ao lado de RAQUEL TORRES, DON ALVARADO e muita gente de Hollywood em

"Jeca de Hollywood"

(Toda falada em hespanhol)

PALACIO THEATRO

(Da Companhia Brasil. Cinematographica)

Metro-Goldwyn-Mayer

OS MELHORES E MAIS ECONOMICOS

NOVIDADES PARA 1930

FIGURINOS

Paris Elegante — Um dos melhores jornaes de modas, com lindos contos e paginas coloridas.

La Femme Chic — Trazendo as ultimas creações, com varias paginas a côres.

Chic Parisienne — Creação das melhores casas de Paris, Vienna, etc. Innumeras paginas com modelos coloridos.

La Mode Parisienne — Figurino de grande formato, trazendo uma folha de riscos para cortar moldes.

Modas y Pasatiempos — Bom figurino, apesar do seu baixo preço. Traz folha de riscos para cortar moldes, riscos para bordados, arranjos de casa, etc.

Record — Lindo figurino, de pequeno formato, colorido, com folha de riscos para cortar 4 moldes para senhoras e 1 para creança.

Revue des Modes — Figurino de pequeno formato, com varias paginas a côres, trazendo folha de riscos para moldes.

Weldon's L. Journal — Com moldes cortados dos modelos da capa, trazendo a descripção dos modelos em varios idiomas, inclusive o portuguez.

Paris Mode—Edition Gaston Drouet, de Paris — com varias paginas coloridas, trazendo um molde cortado.

ALBUNS DE GRANDE FORMATO PARA VERÃO — 1930

Saison Parisienne — **Revue Parisienne** — **Grande Revue des Modes** — Toute La Mode, création Gaston Drouet, com lindos modelos — **Album Pratique de La Mode** — **La Mode de l'Eté** — **La Parisienne** — **Les Patrons Favoris** — **Juno Astra** — **Juno Splendide** — **Fashion Quartely** — **Butterick Quartely** — **Weldon's Catalogo Fashion** — **L'Elégance Féminine**, lindo album todo colorido.

FIGURINOS PARA CREANÇAS

Weldon's Children's, com moldes cortados — **Paris Enfant** — **Les enfants de la Femme Chic** — **Enfant Juno** — **Jeunesse Parisienne** — **La Mode Infantile**—**Enfants des Jardins des Modes**—**Star Enfant**, com lindos modelos para a estação.

FIGURINOS PARA ROUPAS BRANCAS

Lingerie des Jardins des Modes — **Lingerie Elégante** — **Lingerie de Juno** — **Lingerie de La Femme Chic**, etc.

Nossos amaveis freguezes poderão honrar-nos com o prazer de sua visita, pois, além destes, possuimos innumeros outros jornaes de modas, sendo impossivel enumeral-os todos. Grandes sortimentos de jornaes para bordados. Albuns para filet, tricot, crochet, Modèles des Ouvrages, etc. Apesar do grande augmento soffrido em quasi todas as publicações estrangeiras, continuamos a vender o nosso artigo pelos preços antigos.

ULTIMAS NOVIDADES EM LITERATURA

FRANCEZA — Maurice Barrès, **Un jardin sur L'Oront**; Ernesto Perochon, **Les Creux des maisons**; Georges Sim, **La Femme qui Tue**; Maurice Barrès, **Mes cahiers**; Alexandre David, Noel — **Mystiques et Magiciens du Tibet**; Octave Honberg, **L'Ecole des colonies**; etc. **Collection La Liseuse**, temos todas as obras publicadas.

HESPANHOLA — V. Stefansson, **Un año entre esquimales**; Antonio Espina, **Luiz Candelas, el bandido de Madrid**; Pierre Loti, **Pekin**; Juan Zorilla, **Los principes de la literatura, La mode Siglos XIX-XX**; Martins Gusman, **La sombra del candilo**; Gerhard Rohlfs, **Através del Sahara**; etc., etc.

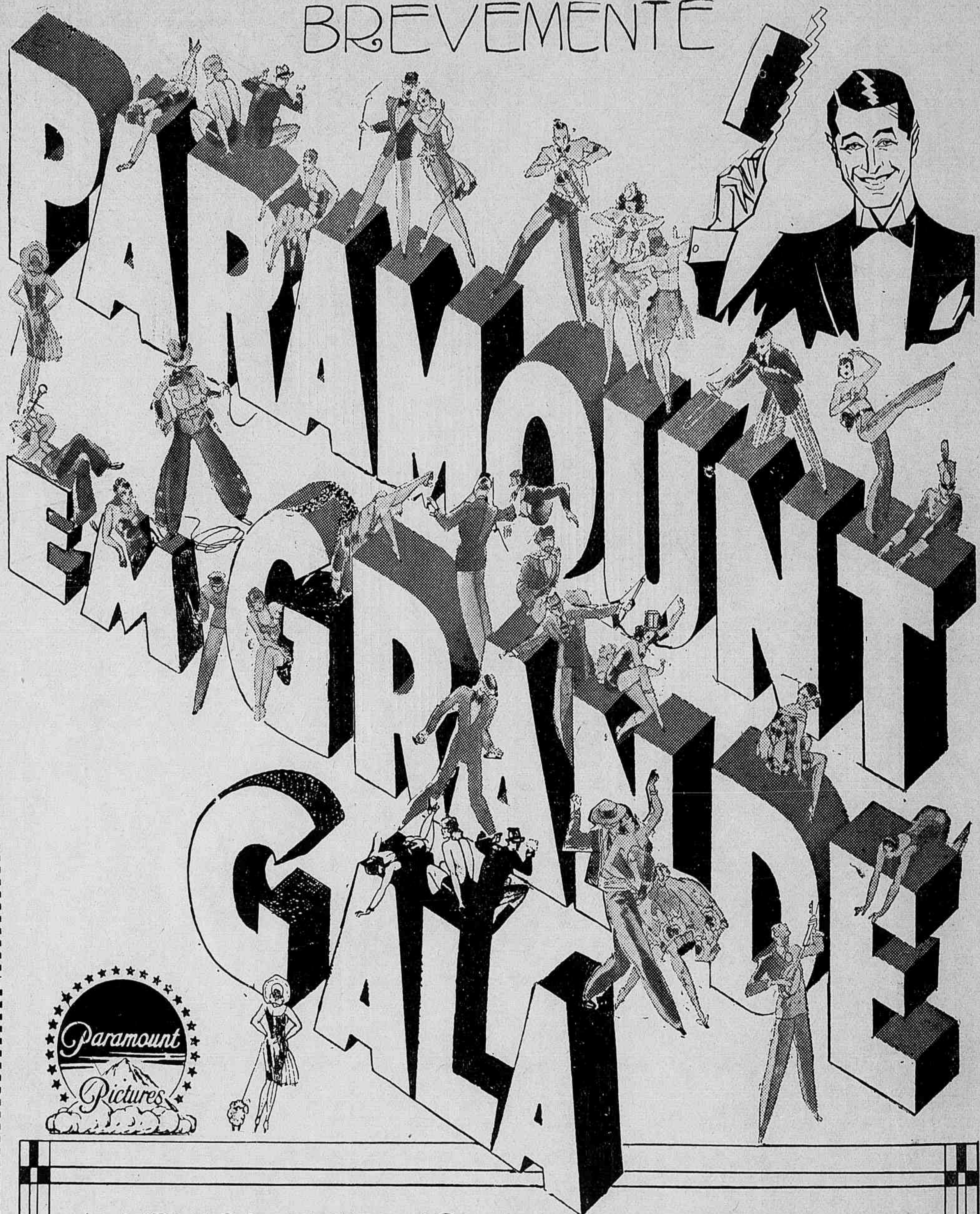
PORTUGUEZA — Orlando Rego, **Manual do Charadista**; Britto Pereira, **Contabilidade de conta corrente**; Alice Leonardos S. Lima, **Ouvindo Estrellas**; Malba Tahan, **Lendas do Deserto**; Ardel, **Coração de Sceptico**; Claudio de Souza, **De Paris ao Oriente**; Peregrino Junior, **Pussanga**; G. Acremente, **Serracena**; Jugurtha C. Branco, **O Brasil em Cuecas**; Cervantes, **D. Quixote de la Mancha**, obra de grande vulto, com illustrações de Doré. Publicados 1º e 2º fasciculos. **Historia da Literatura Portugueza**, publicada sob a direcção de Albino Forjaz Sampaio. Publicado o 1º volume.

A correspondencia do interior deve vir acompanhada do sello para a resposta e dirigida directamente á

CASA BRAZ LAURIA

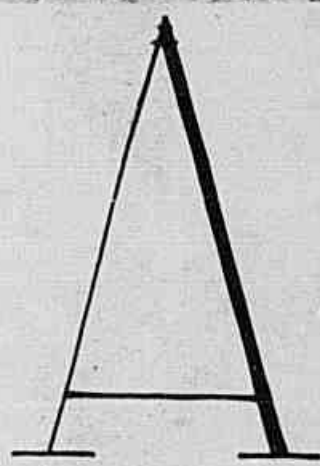
RUA GONÇALVES DIAS, 78

Telephone 3-5018 Rio de Janeiro

Psit!... VÁ Á
3ª FEIRA de AMOSTRAS
ABERTA TODOS OS DIAS _
GRANDE PARQUE DE DIVERSÕES
ESTE CERTAMEN INTERNACIONAL
NÃO PODERÁ DEIXAR DE SER VISTO
POR VOCE...

A MELHOR ENTRE AS MELHORES REVISTAS, COM

MAURICE
CHEVALIER

APRESENTANDO-SE AO NOSSO PUBLICO COMO
O "CABARETIER" DA PARAMOUNT

O AMOR DE LINCOLN NO ULTIMO FILM DE GRIFFITH. WALTER HUSTON E UNA MERKEL.

AQUELLES que jamais quizeram reconhecer no Cinema uma arte, nem dar valor aos elementos por elle revelados, e estes se contaram legião no Rio de Janeiro, recrutados especialmente dentre as pessoas que pertencem ás classes ditas cultas; aquelles que declaravam Douglas Fairbanks um saltimbanco e Charles Chaplin simples palhaço de circo, devem ler as tres paginas que *Para todos*..., a linda revista carioca consagrou em seu numero de 9 do corrente ao maravilhoso Carlitos, Charlie, Charlot...

E' um transumpto de opiniões varias que servem para exaltar, não sómente o artista, mas ainda os meios por que a sua arte se manifestara, opiniões de gente abalisada, criticos em sua maioria, de nacionalidades varias.

Desde os tempos em que *Para todos*... creou a sua secção cinematographica, modesta a principio, com duas a tres paginas, mas desenvolvida logo por exigencias dos leitores, até tornar imprescindivel a secessão entre a parte consagrada ao Cinema e a destinada aos assumptos varios de aspectos sociaes concretisada na creação de "Cinearte", buscamos sempre attrahir a attenção dos nossos leitores para a arte de Carlito, fazendo notar que o typo por elle creado e que se encarnara nos mais differentes papeis merecia mais que a simples expressão hilare, pedia a consideração, a analyse, o estudo por quanto representava em certos motivos verdadeiras creações shakespeareanas.

Motivo de chacota muita vez nossas observações.

Teimavam, insistiam os que se jactavam de altos espiritos em perceber apenas o jogral nos typos tão humanamente tragi-comicos do genial artista inglez.

Charlie Chaplin custou a impor-se não só aqui como em toda a Europa, especialmente nos paizes latinos.

Era um incomprehendido.

As suas obras primas de cinematographia, emtanto, acabaram por impor Carlito ao estudo e á admiração de toda gente, em todo o Universo. Ahi estão as opiniões transcriptas pelo *Para todos*... para comprovar esse facto.

"Cinearte" sempre foi, por seus redactores, grande admiradora de Carlito. Sempre proclamou seus meritos excepcionaes.

ANNO V
NUM. 234
20 — AGOSTO DE 1930

E' pois com prazer que vemos como a opinião mutavel, de nossos homens de letras principalmente, rendendo-se á evidencia, passou a considerar com respeito esse artista singular, a maior revelação da arte silenciosa.

E tanto maior é a nossa satisfação quanto com a admiração conquistada pelo interprete cresce a consideração ao meio de que se serve para exteriorisar suas manifestações, para muita gente attingidas as proporções da genialidade.

O Cinema está em plena evolução. O film sonóro, impondo-se, vae fazendo desapparecer o film silencioso. Carlito resiste impavido á transformação. Não concorda com o som accrescentado ao film. Recusa-se a falar. Prefere permanecer como até aqui utilizando os seus gestos, a sua indumentaria caracteristica e o reflexo de suas expansões "estampado na mascara da face", pois só com isso tudo consegue.

Um film ao anno, apenas. Esse film, porém, é sempre um poema. E' natural que a evolução se faça. Os films de Carlito porém, podem ser os unicos silenciosos, as ultimas manifestações da arte silenciosa e continuarão apesar disso a attrahir as multidões, a congregar as cohortes de seus admiradores. Pela téla tem passado artistas de valor que attingiram as culminancias da celebridade. Carlito porém, é unico—é a mais alta expressão do Cinema. Forte da admiração universal, condensada nos artistas que *Para todos*.. transcreveu elle poderá ficar solitario mas será sempre victorioso e triumphante.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA

Cinema Brasileiro

A CINÉDIA E OS FILMS FALADOS

A nota mais importante da semana, é, sem duvida a noticia de que a "Cinédia" acaba de adquirir, nos Estados Unidos, os apparelhamentos para Cinema falado.

Este é o resultado de uma série de estudos que Adhemar Gonzaga, seu director, vem fazendo, desde sua ultima visita a Hollywood, em Junho do anno passado.

Agora, removidos todos os impecilhos até prohibitivos que antigamente tornavam impossivel a realização deste proposito, aviva-se o mesmo, e, afinal, encontra solução satisfatoria.

Mais importante torna-se esta nota, sem duvida, se levarmos em consideração que a "Cinédia", quasi que ao mesmo que leva a termo este seu emprehendimento, conclue as obras de seu Studio, já tem elencos contractados, argumentos estudados, directores encaminhados e á sua producção emfim delineada e só este departamento faltava para completar ás possibilidades da empresa e collocal-a melhor dentro de todos os recursos que requerem o Cinema moderno.

Este é o reflexo da orientação traçada pela "Cinédia" que só agora officializa esta declaração depois de resolvida e acertada a acquisição dos apparelhos que, entretanto não modificarão radicalmente os seus planos de producção.

Os primeiros trabalhos, naturalmente, já que é um genero que se estréa entre nós, terão, apenas, uma ou duas sequencias faladas. No emtanto, logo que tudo esteja devidamente assentado, augmentará, por certo, a capacidade de producção e, então, nova orientação será dada á este novo departamento que se cria na "Cinédia".

Quem saberá dizer se tambem não iremos ter a nossa revistazinha?

O principal objectivo da "Cinédia", porém, é emprestar mais actividade a companhia para chegar ao resultádo de poder produzir um film por mez e assim tambem manter uma agencia propria de distribuição que poderá benificiar ao Cinema Brasileiro em geral.

GLORIA SANTOS, ESTRELLA DE "MEU PRIMEIRO AMOR".

Limite

Mais um flim brasileiro

MARIO PEIXOTO E' UM NOVO DIRECTOR BRASILEIRO. RAUL SCHNOOR BRUTUS PEDREIRA LEILA LEMOS E YOLANDA BERNARDI SÃO AS PRINCIPAES FIGURAS.

Rudie, o Cinema morreu com você. Agora inventaram uma cousa chamada "talkies" e Al Jolson, Lawrence Tibbett, Alexandre Gray e outros são os idolos...

Amigo *Valentino*.

Você se foi ha quatro annos.

Ha quatro annos que seu nome lembra uma saudade. Ha quatro annos que você passou a ser uma recordação.

E quando você se foi. E aqui deixou o romance da sua vida real. As suas desillusões. As suas alegrias. E a sua legião de admiradores.

Você, Valentino, não sabia o que ia acontecer, mais tarde, ao mundo todo.

Principe do romance. Sonhador cheio de uma seducção exquisita. Hypnotisador das almas sentimentaes. Você, Valentino, era bem o symbolo do Cinema.

Silencioso. Romantico. Enlevo das almas. Sorriso perfumado que trazia uma illusão. Para mitigar um soffrimento...

Poucos, meu amigo, foram os que conheceram as verdadeiras tragedias da sua vida. Poucos os que comprehenderam o que significava o final feliz da sua escalada difficil. Pelo morro do successo...

Valentino, você foi o maior romantico do Cinema. Sahindo do ról dos extras. Lutando pelo successo. Conseguindo-o, passo a passo. Quando attingiu o final. Glorioso, porque era já immortal. Você, Valentino, era o mesmo homem. Simples. Honesto. Bom. Apenas, talvez, desilludido de certas cousas do mundo. Que, na verdade, sempre existiram...

Eu estimei você, Valentino. Pelos momentos de sonho que você me deu, na vida. Lembrou-me, como se fosse hoje. Que, naquelle tempo, quando você era Monsieur Beaucaire. Eu ia ao Cinema para sonhar. Não queria ouvir. Queria sentir. Queria fechar os olhos da alma. Embala-a num somno bom. E ver você. Deslisando pela vida do romance que o film mostrava. Fazendo caricias á mulher que você amava. Fazendo bem aos humildes. Protegendo os fracos. Sendo, para os olhos do sonho. Um grande principe encantado. Todo phantasia e delicadeza. Illusão bonita, que o coração via e a alma gravava...

E, meu amigo, quando eu deixava o Cinema depois de ver um film seu. Trazia o coração mais leve. Uma grande vontade de fazer o bem. Um sentimento profundo de romance, dentro de mim. Como se você me houvesse hypnotisado e me houvesse ordenado sonhar sempre, pelo resto de meus dias...

Na vida, você soffreu. Não foi o mesmo homem-romance. O mesmo amante-seducção. Que era nos films. Sentimental, como todo latino. Você procurou uma mulher que lhe fizesse feliz.

Jean Acker.

Ella não comprehendeu você. Você a deixou. Como se deixasse, ao canto de um jardim, uma flôr que você pensou bonita. Mas que viu descolorida...

Depois, surgiu outra, na sua vida. De nome russo. Fria. Contraste aos teus impetos de sangue moço e quente. Natacha Rambova.

Tambem falhou. Um dia, você soube de uma infamia que ella lhe fizéra. Justamente com um dos ultimos dos seus auxiliares. Você a esbofeteou. Não se conteve. Bateu, no rosto della. Com a ferida que ella propria abrira no seu coração. Ella que fez você fazer aquelle film "Cobra"!

Foi ahi que Pola Negri entrou pela sua vida.

Para perfumal-a. Para romantizal-a. Para fazer, dentro do seu coração. Um palacio de sonhos. Bonito e grande. Firme e solido. Que supportasse qualquer golpe do destino...

Foi então que você apanhou o melhor contracto. Foi ahi que você fez os seus melhores films. Os unicos, mesmo, que foram dignos da sua grande personalidade.

O Filho do Sheik. O Aguia.

E quando você attingia o maior grão de successo. E, na vida, o maior amor.

Você foi ceifado. Cruelmente. Brutalmente. Levado para longe de todos nós. Como se fosse o thesouro que todos acharam. E, quando o iam pegar. Viram que elle desapparecia...

Valentino, a sorte foi maldosa com você. Para lhe dar o successo que lhe deu. Cobrou-lhe juros bem pesados... E, depois, quando você podia seguir, socegado, pela trilha do destino.

die...

Você morreu. Mas, cousa grande, você, Valentino, não ficou, como os outros, no esquecimento. Wallace Reid, tambem foi idolo. Barbara La Marr, tambem. Mas elles são, na vida de hoje, apenas um echo. E você, Valentino, você é uma saudade...

O final do seu romance, meu amigo, foi infeliz. Quando a gente, num film, não haver o ultimo beijo. A gente tem saudade daquelle beijo.

E se o galã morrer?

Nem se pensa, não é?

Pois, na vida, você que foi bom. Você que foi amigo. Não deu o beijo final. Morreu.

A's vezes, sozinho, eu começo a pensar em você e não acredito na sua morte. E' impossivel!

Tanta mocidade! Tanto vigor! Tanta pujança! Porque morrer?... Porque?...

Hoje... Lembrando os 4 annos que separam você da vida. Comprehendi porque é que você morreu...

Você tambem sabe. Porque, ahi aonde você está. Tudo se sabe!

Você morreu, Valentino. Porque o Cinema, pouco depois, tambem ia morrer.

Alguem que é mais do que nós. Quiz pegar você. O symbolo mais vivo do Cinema. Tirar você, assim moço. Assim cheio de esperanças. E botar você longe. Muito longe. Para esperar alguma cousa da terrivel e triste que teria de acontecer.

E que, depois, faria com que todos sentissem mais falta de você, ainda.

Annos depois que você morreu. Surgiu o **Cinema** falado.

Annos depois que você morreu. **Desappareceu o** silencio. Começou a voz. Os sons, **substituiram** os detalhes. O ruido matou o symbolo. Aquellas personagens que saltavam de um poema. E vinham representar para enlevo de nossas almas. Aquelles homens que arrebatavam os corações das pequenas. Venciam os villões. E terminavam as peripecias num beijo. Desappareceram.

Rudie nasceu em 6 de Maio de 1895. Morreu em New York no dia 23 de Agosto de 1926.

Um instantaneo inedito de Valentino, longe dos studios, numa caçada na California. Esta é uma photo de Paulo Ivano, cedida especialmente para "Cinearte".

Agora, Valentino, tudo é falado, cantado, synchronizado...

Você pensa que ainda ha um idyllio como aquelles que você teve com Vilma Banky?...

Vovê pensa que ainda ha o romance que havia no grande silencio. Nos golpes de audacia que você dava. Para a conquista da felicidade final?...

Não, meu amigo. Agora, os galãs deram para cantar... Se não têm voz. "Aprendem" voz... Se têm varrem o sentimento. Atiram para longe o romance. Esquecem-se da delicadeza. E põem os ouvidos dos *fans* totalmente obtusos com os seus profundos agudos...

Esta é tida como a ultima photographia de Rudolph. No dia em que embarcou em Hollywood para não voltar mais...

Se não têm voz. Mandam *fazer* cançoes apropriadas. Suspiros de musica. A fingir que são uma melodia de amor...

Voce, com aquelle violão, cantando para Helena D' Algy uma melodia que ninguem ouvia. Cantava mais aos ouvidos da alma. Enchendo-a de belleza e felicidade. Do que todos esses galãs de hoje. Que cantam, berram e gritam. Só porque amam...

A belleza dos idyllios, Valentino, você bem sabe. E' aquelle que poetico e bonito. Silencioso. **Apenas** visto. Sentido e não ouvido. Que **faziam** os encantos dos que iam ao Cinema, **antigamente**, para dar um balsamo ás almas.

Hoje, **Valentino**, se você fosse galã. Voce teria que fallar. Teria que chamar de nomes melosos. Suas companheiras. Teria que cantar. Ainda que não tivesse voz! Ainda que precisassem contratar o Tito Schipa, mesmo. para ficar escondido, cantando para voce... Romance?... Não! Todos passariam a ouvir voce. Ninguem mais veria voce...

E' por isso que sua morte foi um bem. Mais para voce do que para os que ficaram lastimando, aqui, sua partida inesperada.

Mas foi um bem. Porque só a recordação sua. Que morreu sem ter falado a um microphone. Que morreu sem cantar o thema do film. Que, nem que seja russo. Tem que ser uma valsa americana... Que morreu sem dizer um classico *I love you* aos ouvidos de uma heroina ex-theatral...

Voce, Valentino, já sabe que Charles Farrell e Janet Gaynor, aquelle cazalzinho colosso; que, em *Setimo Céu*, poz o mundo dentro de um sonho? Você sabe, meu amigo, que elles estão cantando fox-trots. E fazendo *cortinas*. Nas revistas da Fox?...

Meu amigo, lembra-se de Al Jolson? Um cavalheiro que dizia, sempre, que não entraria nunca para o Cinema. Porque é uma *arte inferior*. Mas que na verdade, não entrava porque não o queriam nem para *double*... Pois bem. Hoje, Valentino, elle é *heroe* de films... Que tal?...

E George Arliss? E esses galãs todos? E essas heroinas de caras mais duras do que pedaços de páo. Que são as *doces* e aromatizantes e angelicaes *ingenuas* de hoje?...

Sim! Tudo é verdade! Eu não estou mentindo, não! Voce se lembra de *O Aguia*? Aquellas situações formidaveis. As suas lutas com Vilma Banky? Para derrubar-lhe o coração? *Sangue e Areia*. *Monsieur Beaucaire*. Todo um rosario de successos. Nos quaes o romance era tudo... Lembra-se?...

(Termina no fim do numero).

Os seus "fans" Collocaram esta estatua em sua memoria no "De Longpree Park", Hollywood. E' um trabalho de Roger Noble Burnham (Photos exclusivos para "CINEARTE").

A TELA

TOURJANSKY E BRIGITTE HELM AGRADAM COM O SEU "MANOLESCO".

PALACE THEATRO

NO, NO, NANETTE (No, No, Nanette) – Film da First National. — Producção de 1930.

Clarence Badger, dirigindo esta revista-Cinematographica. Apenas imprimiu á mesma, um movimento intenso e ininterrupto. Que auxiliou muito o accrescimo de interesse pela mesma.

Mas, Cinema, ninguem deve procurar nelle. Ha theatro. Genuino e exclusivo. Scenas longas. Embora movimentadas. Dialogos que formam situações, no argumento. Situações comicas de genuino "vaudeville". E, assim, mais uma série de incidentes e accidentes que fazem, deste film, uma das peças theatraes mais bem filmadas até hoje...

No emtanto, forçoso é que se reconheça, um raro senso e um soberbo bom gosto na confecção geral do film. Não só pelo luxo do mesmo. Como ainda, pela excellente distribuição de scenas coloridas. De cantos e bailados. E de acção, finalmente. Larry Ceballos, no emtanto, cooperou immensamente com seus bailados, extraordinariamente bem marcados. E Sol Polito com uma photographia esplendida, quasi sempre.

Bernice Claire, sympathica, bonitinha, mesmo e Alexander Gray, formam o par. Ella, ficará. Mas elle... Arruinou todas as scenas em que figurou em "Sally". E, neste, faz a mesma cousa... Apenas tem voz. Nada mais.

Lucien Littlefield é todo o film. Está engraçadissimo. Exaggeradissimo, ás vezes. Mas, apesar de tudo, perfeitamente dentro do seu papel. Elle, Louise Fazenda, Zasu Pitts, Lilyan Tashman e Bert Roach, divertem immensamente. Principalmente Lucien.

Mildred Harris e Jocelyn Lee apparecem, como "gold diggers"... Ha innumeras piadas "faladas" e excellente movimentação de machina. Disponha-se a assistir uma opereta de Otto Harbach e Frank Mandel e não um film.

Cotação: 6 pontos.

₴ Como complemento, um "short" Vitaphone, apresentando um jazz de 3.ª categoria, superposta numa scena de baile dum film francez, com uma cantora de 100 kilos, esganiçando um "blue"...

ODEON

O TURUNA DA MARINHA (Navy Blues) Film da M. G. M. — Producção de 1929.

A M. G. M., afinal, não precisava incommodar Clarence Brown para fazer este film. Elle é um director para cousa muito mais seria, muito superior. Edward Sedgwick, para o qual chegou a ser annunciado o mesmo, é que o devia ter dirigido. Porque é, mesmo, todo o seu ambiente. No emtanto, apesar disso e, ainda, de ter sido exhibido em versão "muda". E' um film divertido, alegre, cheio de mocidade e de algum romance. E apresentando mais um trabalho do moleque William Haines, ao lado da suave, meiga e deliciosa Anita Page.

Ha, no film, situações impagaveis. Todo o principio, até a scena da expulsão de William, da casa de Anita Page, quando esta o acompanha. Depois, vêm alguns trechos dramaticos e, finalmente, a situação principal. Engraçadissima, tambem e apresentando, mais uma vez, aquelle *truc* que Karl Dane já havia empregado em *Negocios da China*, quando ameaça os adversarios com um dos punhos e arruma justamente o outro pelas ventas do mesmo. Nota-se que o film perdeu por ter sido falado. Embora seja rapido, moderno e não conserve os caracteristicos prejudiciaes dos primeiros *talkies* que nos vieram. Apenas dialogos e nenhuma acção.

Vale a pena assistir. Vendo-se o nome de Clarence Brown, espera-se muito mais. Mas, afinal, não se sahirá desilludido e nem aborrecido. Muito pelo contrario: alegre, até!

Ha alguns bons idyllios e William Haines, em cada film, revela-se melhor artista. Karl Dane tem parte saliente no film e Anita Page igualmente. J. C. Nugent, como pae de Anita, é o peor elemento do film. Photographia commum de Merrit B. Gerstadt.

Cotação : — 6 pontos.

₴ Como complemento, um *short* da M. G. M., *A Escada de Ouro,* com Charles King. Bons numeros de canto e alguns bailados acceitaveis. Colorido soffrivel. Como *short,* bom.

PATHÉ-PALACE

TRAJE DE RIGOR — (Skinner Steps Out) — Universal — Producção de 1929.

Ha 12 annos, a Essaney fez uma versão deste film. Ha 9, a Paramount, com Bryant Washburn e Wanda Hawley, outra. Ha 5, Reginald Denny e Laura La Plante, para a Universal, mesmo, mais outra. E, finalmente, agora, epocha *all talkie* Glenn Tryon nos offerece a versão falada do mesmo assumpto. Aliás "muda", aqui para nós...

Ha bôas passagens comicas. E, nellas, Glenn Tryon sempre se salienta. Aliás, se não fosse elle, o film seria um completo e radical fracasso. Na pelle de Skinner, elle conseguira prender a attenção do publico e agradará, com certeza.

Perde, o film, apenas por ser versão "muda". E tem menos movimentação do que o film de Reginald Denny. Aliás, com estes ultimos films de Glenn, vê-se, claramente, que seu contracto está a acabar e que a Universal não pensa em reformal-o...

Merna Kennedy é a heroina e Lloyd Whitlock, mais uma vez o antipathico. Burr Mac Intosh tem um bom trabalho.

A direcção é de William J. Craft, que nem a fez descuidada e nem original. Trabalhou vulgarmente. Photographia bôa de R. Allyn Jones.

Passa-se o tempo. Mas não ha deslumbramentos.

Cotação: — 5 pontos.

₴ Como complemento, um *short* cantado em hespanhol por Nancy Torres e Lupita Tovai. Interessante.

ELDORADO

COQUETTE — (Coquette) — Film da United Artists — Producção de 1929.

Mary Pickford, num film de Joan Crawford... Podia parar aqui a critica. Estava dito tudo. Mas vamos um pouco mais além. Só para dizer mais alguma cousa...

Mary representa muito bem. O assumpto deste film, é admiravel. Mas está feito com demasiada theatralidade. E é uma versão "muda" que quasi tem mais letreiros do que film...

No emtanto, Joan Crawford, neste mesmo assumpto, operaria o milagre de fazer um film admiravel.

As futilidades e as leviandades de Mary, absolutamente não convencem. Qualquer que a veja, lembra-se logo das meninas bôazinhas que ella foi. De cara suja e pé no chão. Innocente e ingenua. Acreditando em contos de fada e esperando a lua para conversar com ella...

Assim, bem vestida. Amando profundamente um homem. Soffrendo. Em vestidos compridos. E querendo esquecer aquelle seu andar de menina moleque. Não convence e nem agrada. Nota-se que é esplendida artista e que faz bem o seu papel. Mas está deslocadissima!

John Mack Brown continua sem sal e continua galã. Vamos ver o que fará delle King Vidor, em *Billy, the Kid*...

John Sainpolis tem soberbo desempenho. A direcção de Sam Taylor é vulgar. Outrosim o trabalho de Matt Moore.

Cotação: — 6 pontos.

₴ Passou em "reprise" apresentado como inedito, o film "Brasil Maravilhoso", aquelle velho lençol de recortes de films naturaes de cavação, com os mesmos erros geographicos. Um verdadeiro "tira", não ha duvida, mas que muito desprestigiou a casa, não ha duvida tambem.

₴ Tambem passou em "reprise" "A dama mysteriosa" de Greta Garbo.

RIALTO

MANOLESCO — (Manolesco) — Film da UFA — Producção de 1929.

E' dos taes films allemães que justificam uma phrase qualquer que lemos num commentario. *Os allemães fazem, durante o anno, duzentos Films. Um, é o melhor do mundo. Mas em compensação, os outros 199 são os peores do mundo*... De facto. *Manolesco,* que acabamos de assistir, é um excellente film. Não é bem o melhor do mundo. Mas é dos bons. Tem uma historia que até pecca por ser um tanto ou quanto longa demais. Um scenario bom. Uma direcção segurissima. E uma intepetração soberba.

Ivan Mosjoukine é o principal. Está magnifico. Controlado. Seguro. Perfeito, no seu papel. Mas o film é de Brigitte Helm. Tinha que ser, é logico... Figura sensual e perigosa. Bôa artista. Dentro de um papel que lhe vae como luva. Tinha que agradar! E agradou em cheio. Principalmente no principio. Em scenas de um sensualismo indescriptivel. Bem feitas. E jogadas com sabedoria.

O scenario, é pouco menos que perfeito. Tem cousa e mais cousa de genuino Cinema. E está admiravelmente bem trabalhado. E o film, é dos taes que nem os americanos fariam melhor. Porque se passa, todo elle, em ambientes genuinamente europeus. E, nisto, os allemães não têm quem lhes leve a palma. No emtanto, apesar disso tudo, não vimos aspectos sem photogenia. Ao contrario. Todos elles são photogenissimos! O que augmenta, é logico, 30% no valor do film. São as aventuras de um bohemio. Que se faz ladrão por causa de uma mulher. E se purifica ao fogo sagrado de um amor honesto. O unico defeito do film é ser, talvez, excessivamente longo. Porque, afinal, no fim já não se consegue conservar o mesmo interesse que se tinha no principio. No emtanto, é, todo elle, verosimil e interessante.

Os roubos e os *contos,* que Mosjoukine pas-

EM REVISTA

sa, nas suas victimas. Estão logicamente demonstrados. E finalmente resumidos em intelligente e Cinematographica maneira.

Assim como, no principio, os idyllios de Moskoukine e Brigitte Helm.

A scena da cabine do *expresso* para Monte Carlo, optima. Outrosim a do banheiro. W. Tourjanski, o director russo que não conseguiu vencer Hollywood. Fez um trabalho de mestre, neste film. Principalmente dosando o Mosjoukine. E tirando da personalidade de Brigitte Helm, o maximo de seducção, dentro do minimo de gesticulação e *representação*... Brigitte, é como Greta Garbo. Não agrada aos que apreciam theatro. Porque é parada. Vive, apenas nas expressões de rosto e no olhar. Não gesticula quasi. Vive, não representa...

Os que apreciam bom Cinema e bôa direcção, não percam este film. Heinrich George, tem um bom papel. Representa-o talvez um pouco *a la* Emil Jannings... Mas está bem. Vão assistir o film. Mas não levem inflammaveis, comsigo, para não soffrerem accidente durante as scenas de amor de Brigitte Helm com Ivan Mosjoukine...

Cotação: — 8 pontos.

卍 Como complemento, *A Amisade entre os Animaes*, film cutural da Ufa. Cães brincando com gatos. Ratos, com gatos. Tigres, com elephantes. Etc! Um film que interessaria particularmente á Noé. Infelizmente o coitado já morreu... Para palpite, não serve. Que caceteia, caceteia! Não haja disso a menor duvida... Inauguraram-se, com este film, os apparelhos Ufaton. Que são, afinal, a mesma cousa. Isto prova, é logico, que, durante este tempo todo, o *synchronizado* que o Rialto annunciava, nada mais era do que uma vulgar victrola dupla...

PATHÉ

VAIDADE E SACRIFICIO — (Fashion Madness) — Columbia.

Um film fraco com Claire Windsor e ainda dirigida por Gasnier. Reed Howes é o galã. Mas Laska Winters agrada mais.

Cotação: — 4 pontos.

BEIJOS ROUBADOS — (Stolen Kiss) — Warner Bros.

Uma comedia regular, com May Mac Avoy. Reed Howes, Glaude Gallingwates, Hallam, Cooley e Edna Murphy, tomam parte.

Cotação: — 5 pontos.

LABIOS VIRGENS — (Virgin Lips) — Columbia.

Assumpto batidissimo, com mais um valentão no Mexico, aquelles mexicanos que conhecemos etc. Olive Borden é a estrella, e a unica cousa que se salva. John Boles, mediocre.

Cotação: — 4 pontos.

PARADA DO OESTE — (Parade Of The West) — Universal.

Bom, como film de far-west. Ken Maynard é um artista que agrada, no seu genero. Pena que se fantasie tanto. Gladys Mac Connell é a pequena. Otis Harlan, como sempre, diverte.

Cotação: — 5 pontos.

O LEÃO E O RATO — (The Lion and the Mouse) — Warner Bros.

Film fraco e já meio velho. Um dos primeiros "falados", mas aqui, "mudo". May Mac Avoy é o melhor elemento do film.

Lionel Barrymore, Buster Collier e outros tomam parte.

Cotação: — 4 pontos.

O FILHO DO OESTE DOURADO — (The Son of Golden West) — Radio Pictures.

O primeiro film de Tom Mix para a Radio (ex-F. B. O.) que vem ao Rio. Fraco. Até a maquillagem deixa, a desejar. Tom Mix é o mesmo. Sharon Lynn é a pequena.

Cotação: — 4 pontos.

IRIS

OURO DO ALASKA — (Burning Daylight) — First National.

As primeiras partes se desenrolam naquella Alaska que já tanto conhecemos. Scenas bem apanhadas pela camera. As scenas finaes passam para S. Francisco. E Milton Sills, o principal, vence o canalhismo dos magnatas das finanças a cano de revolver. Doris Kenyon e Stuart Holmes tomam parte. Direcção de Charles Brabin. Não sei se porque é um film silencioso, não desagrada.

Cotação: — 6 pontos.

SOBERANIA — (Power) — Pathé.

Uma esplendida comedia que mantem a platéa em risada. William Boyd e Alan Hale formam um "team" typo Ed. Lowe-Mac Laglen. Alguma emoção tambem. Jacqueline Logan toma parte. Uma bôa fitinha. Póde ser vista.

Cotação: — 6 pontos.

A VOLTA DE SHERLOCK HOLMES — (The Return Of Sherlock Holmes) — Paramount

Assumpto policial, já se vê. Olive Brook agrada como protagonista. Pelo menos, fuma muito bem cachimbo.

Alguns cavalheiros desconhecidos, tomam parte.

Cotação: — 5 pontos.

OUTROS CINEMAS

O MARQUEZ DE BOLIBAR — (Bolibar) — British International Film.

Um film inglez! Esta, porém talvez por se tratar de um film historico não é de toda má.

Passa. Mas tambem, não é para qualquer publico. Os artistas não são conhecidos. São elles: Jerrold Robertshaw, Charles Everald e Elissa Landi. Não prestem a attenção aos factos historicos.

Cotação: — 4 pontos.

DESERTO SANGRENTO — (The Call of the Desert) — Syndicate.

Tom Tyler numa fitinha regular. Como farwest, passa. Sheila Legay é a pequena e Bud Osborne o villão.

Cotação: — 5 pontos.

O TREME TERRA — (Covered Wagon Trails) — Syndicate.

Outra fitinha de Bob Custer. Elle tem melhorado um pouco...

Bôas lutas para a meninada.

Cotação: — 5 pontos.

——oOo——oOo——oOo——oOo——oOo——

Honeymoon Hate, da Paramount, será dirigido por Lothar Mendes e terá Jeanette Mac Donald e Charles Ruggles nos principaes papeis.

卍

The Dove, da United Artists, terá a Dolores Del Rio no principal papel e Walter Huston e Walter Mc Guire, secundando-a. Thornton Freelan será o director.

卍

Rainbow, proximo film que James Cruze está produzindo, para a Sono Art, terá Lola Lane e Tom Moore nos principaes papeis. O director é Walter Lang.

卍

Leo Mc Carey assignou importante contracto com a Fox.

卍

Douglas Fairbanks será o companheiro de Bebe Daniels em *Reaching for the Moon*, o film que Irving Berlin está produzindo, para a United Artists.

卍

Joe Schenck, da parceria Von & Schenck, que alguns *shorts* e mesmo um film grande nos deu, para a M. G. M., morreu. Está desmanchada a parceria. Diga-se de passagem, estão os *fans* de parabens...

卍

Pièrre Colombier continúa em actividade, dirigindo a sua producção "Je t'adore, mais pourquoi?", para a Pathé-Nathan. Danièle Parola é a estrella.

卍

Emmanuel Matrat, considerado como o mais antigo artista de cinema, por ter tomado parte no primeiro film de "scenario", intitulado "La leçon de bicyclette", filmado pelos irmãos Lumière, nos jardins do Casino Aix-les-Bains, em 1891; depois de muitos annos sem apparecer deante de uma objectiva, resurge agora desempenhando o papel de Sylvestre Bonnard numa producção da Etoile Film, dirigida por André Berthomieu.

卍

Gina Manès, depois de tomar parte em varios films, está agora gosando as suas férias em Cannes.

O primeiro film comico que a Gallia Films Production vae produzir se chamará "Les Tutti Frutti", interpretado pelos clowns Ilès e Loyal. O argumento é de Georges Dolley e a direcção de S. Silka.

卍

Jean Murat voltou de Berlin para onde havia seguido afim de tomar parte numa producção cujo titulo em francez é "Marché d'amour"

卍

André Berthomieu, fez a sua ultima producção "Le crime de Sylvestre Bonnard" em cinco semanas, batendo assim, no Cinema Francez, está visto, o record da ligeireza na direcção de um film de longa metragem.

Bernice Claire em "No, No Nanette"

Victor MacLaglen entrevista-se

— Meu caro Vic...

—O que ha? Eram meus olhos que procuravam se voltar para minha alma. Para entrevistal-a... Geralmente não gosto de entrevistas. Mas esta... Como negar? Sim, como negar? Eram meus olhos que me pediam entrevista. Se negasse, elles não se podiam vingar e ficar... vesgos?... Accedi...

— Bem... E o que ha?

— Vamos, seu Vic., saia desse torpor intellectual! Que diabo! Eu sei, perfeitamente, que você já fez, neste mundo, tudo. Mas tudo, mesmo! Mas escrever... — Nunca!

— Pois é isso! Bem sei. Mas, agora, meu bom amigo, vaes fazer mais isto...

— Não digas?

— Digo, sim... Vamos! Dize lá as novidades..

— Mas como?

— Naquella machina, por exemplo...

— Mas nunca escrevi á machina!

— Pois será a primeira vez...

— Não! Prefiro domar cavallos selvagens, do que escrever á machina...

— Vamos, escreve, deixa-te de luxos!

— Bem... Vá lá! Uma de minhas recordações, é Poona, na India, aonde estive algum tempo. Talvez...

— Por causa de Niema?

— Sim. Lembras-te della? Tão doce, tão suave e delicada... Tão feminina...

— Você a amou, não foi?

— Demais. Sinceramente, foi a que mais amei, na vida. Seu pae, tambem me lembro, era um cavalheiro arabe, de finissima educação. Deixei a armada, para trabalhar com elle. Só para estar ao lado de Niema. Lembro-me que atravessava legoas e legoas de deserto. Com a caravana de camellos que tinhamos e com a qual negociavamos, satisfeito e sem sentir fadiga. Só porque trazia um presente de valôr para a minha Niema...

— Foi depois disso que Fred morreu, não foi?

— Foi, sim. Elle era meu irmão favorito. Uma especie de idolo que eu tinha na vida. Os outros cinco, não tinham, para mim, a fascinação que Fred tinha. Com sua intelligencia e com seu cavalheirismo. Tudo que elle fazia estava bem feito, sempre. Lily, minha irmã, tambem era minha adoração. Porque era nossa unica irmã. Mas se Fred não morresse, tão cruelmente, e eu precisasse regressar á Europa. Eu acho que não teria mais deixado a India e os braços quentes e amorosos da minha Niema. Se soubesse o quanto isso me custou a fazer...

— Mas você preferia continuar lá?

— Não sei. Sei que Niema jamais sahiu de minhas cogitações. Eu jamais a esqueci. Muito embora lhe tenha parecido que não regressei porque jamais pensei nella. Eu a amei, mais do que minha propria vida. E apenas a deixei, porque precisei luctar pela vida. E, aqui em Hollywood, sabes, ainda que passando pó de arroz no rosto consegue-se bom dinheiro pelo que se faz com alma... Uma cousa, garanto-lhe.

— Qual?

— Jamais ter pensado que, um dia, ainda viesse ganhar minha vida, concertando minhas sobrancelhas com lapis dermatographico. Nem passando baton nos labios... Sem duvida um trabalhinho bem doce para um homem, não acha?...

— E'...

— E', mesmo! Ser heróe das 9 ás 5 da tarde. Dar murros. Beijar pequenas quasi sempre formidaveis. E, afinal, depois do trabalho ainda voltar de Lincoln para casa... Não é?

— Se é!!!

— E os retratos de publicidade? Já descobrio cousa mais cacete? E as apparições em publico, quando das "primeiras?..." "Punch" Allen, um dos meus constantes rivaes, quando era "boxeur", se me visse agora, neste estado, com a pelle mais macia do que setim. Passando pó de arroz, com um pom-pom, sem duvida se riria de mim e me mimosearia com um dos seus delicados pernachios, bem assoprados... E' por isso que eu sempre tive medo, durante uma filmagem, de encontrar um "extra" que já tenha sido conhecido meu, ha annos...

— Mas não gostas, cara de páo, de appareceres diante de uma "camera" e, depois de algumas macaquices, ganhares um montão de dollares e, ainda, fama universal? E que facil maneira de ganhar dinheiro! Descobriras outro assim?...

— De facto...

— E, depois, não dás á tua esposa, a Andrew e Sheila, teus pequenos, tudo que elles querem?

— Dou...

— Então?

— Tens razão. A minha casa em Beverly Hills, palavra, sempre me pareceu um sonho. A outra, que tenho em La Jolla, para passar o verão, é outro sonho. Que jamais tive ou pude siquer sustentar, quando era marinheiro ou vendedor de camellos, na India...

— Camello seria você, meu caro, se não pensasse assim...

— Obrigado, irmão...

— E depois, Vic., poder fazer o que quizeres, aqui. Montas a cavallo, nadas, fazes sport, passeias, tomas banhos de mar, e, além disso, nos teus films, não tens sido, por acaso, tudo quanto já foste, na vida e, ainda, o que querias ser?

— E' verdade! Já fui um pioneiro da lucta pelo ouro, em *Winds of Chance*. Fuzileiro, em *Sangue por Gloria* e *Mundo ás Avessas*. E, em *Guarda Negra*... Um pouco do que já fui, na India...

— E que tal?

— Esplendido, sem duvida! Mas, creia... Apesar disso tudo...

— Queres dar um tiro na cabeça?

— Deus que me livre! Quero, ás vezes, nunca mais sentir o cheiro que já me enjôa, deste "greasepaint", deste ar "pintado" destes camarins. E, de novo, voltar a Bagdad. Ou, então, correr com os meus para Capetown ou para a Inglaterra. E, lá, esquecer-me, por tempos, de que sou artista de Cinema... Principalmente visitar Capetown, aonde nasceu Papae. E, lembras-te delle? Nascido na Africa. Casado na Inglaterra. Experimentador de animaes em Madagascar, aventureiro em Mauritius e finalmente, rancheiro em Capetown.

— Um pouco de você...

— Talvez por isso mesmo! Eu, é verdade, deixei a casa quando ainda tinha apenas 14 annos. Para me juntar ao corpo de Guarda Vidas, nas praias. Aos 17 e meio, Papae fez-se voltar para casa. Aos 18, a bordo do "Lake Champlain", procurava as margens do Canadá. Trabalhei como mineiro, fazendeiro, explorarador, pintor, "boxeur" e tudo, emfim, que me désse dinheiro! E, depois, de Cobalt fui para Toronto. De lá, para Porto

(*Termina no fim do numero*)

Elsie Ferguson, de volta . . .

ALGUMAS SCENAS DO SEU FILM "SCARLET PAGES"

ELSIE SAUDOSA, DOS BONS TEMPOS DA ARTCRAFT . . .

VOLTOU, SIM. FALANDO.

Eisenstein

Eisenstein, o famoso director da Russia e L. S. Marinho, representante de "Cinearte" em Hollywood.

(De L. S. MARINHO, representante de CINEARTE em Hollywood)

O director de "Potemkin", "Dez Dias" e, recentemente, "Velho e Novo", está em Hollywood. Trouxe-o, a Paramount que, por intermedio de Jesse L. Lasky, assignou com elle um contracto para longo praso e grandes films.

Chegado que foi a Hollywood, Eisenstein falou. Conicidia, exactamente, a sua chegada, com o lançamento de um de seus films: "Velho e Novo". E, assim, duplas attenções voltadas para elle, passou a ser, logicamente, o factor de todas as prosas e de todas as conversas.

Deu entrevistas. Falou para os alumnos de uma Academia, na California. Deu opiniões á esquerda. Trocou idéas, á direita. E, agora, coube-me a vez. Falei com elle. Longamente. E, além disso, mostrei-lhe "Cinearte", com a qual foi photographado. E, ainda, muitas e muitas cousas me disse elle.

No emtanto, antes de entrarmos pelo assumpto, convém rememorar, aqui, alguma cousa do quanto elle disse aos jornaes. Falando sobre Cinema falado, teve elle as seguintes expressões.

— O som é desejavel, e, mesmo, necessario. Mas encher um film, todinho, com dialogos e ruidos accidentaes, é ridiculo. O film americano, actualmente, tem um grave defeito. Só dura uma hora e meia, na sua projecção. O que, sem duvida, é a razão mais forte para justificar a mediocridade dos mesmos. Os films devem durar, no minimo, 3 horas de projecção. E, acima de tudo, ter interesse visual.

Mais adiante, no acalorado da discussão, diz elle, referindo-se aos "scenarios" dos films americanos.

— Os assumptos tem excesso de "plot" e as historias são na maioria tolas. Os "scenarios" devem ter, antes de mais nada, dóses medidas de drama, de comedia e de sensualismo temperado. A funcção do film é ensinar e inspirar e não sómente divertir e alegrar.

— Os films americanos, tambem, dependem muito de artistas profissionaes. Estes não estão á altura de viver um papel. Prefiro dirigir aquelles que, antes, nunca estiveram diante de uma "camera".

—Ainda nada está decidido quanto ao meu primeiro film americano. Mas não será uma cousa futil.. Aqui ainda existe muita cousa a explorar. O povo, os arranha-céos e as tremendas industrias americanas. Quanto á eu empregar artistas profissionaes, depende apenas dos artistas que me forem dados, mesmo. Mas eu continuo preferindo trabalhar com elencos sem pratica.

Agora, vamos á mais um pouco de Eisenstein.

Com elle, em Hollywood, acham-se Gregor V. Alexandrov, seu scenarista e Edward Tisse, seu operador. O contracto que o prende á Paramount, é generoso. Ha ampla liberdade e, ainda, direito á ambas as partes de estudarem, durante tres mezes, para concluirem sobre as vantagens ou desvantagens deste mesmo pacto. No emtanto, Sergei M. Eisenstein terá que se deixar controlar pelo productor yankee e, naturalmente, amoldar os seus films mais pelo diapasão yankee. Logicamente, para seu proprio bem. Porque, afinal, se na Russia elle era genial, com certa escassez de recursos, nos Estados Unidos, tiradas certas de suas manias, e corrigidos certos de seus pontos de vista, ficará elle, evidentemente, admiravel. Tanto quanto Ernst Lubitsch, Ludwig Berger ou Poul L. Stein, mesmo. Allemães que, em Hollywood, perderam as manias erradas que tinham. Desenvolveram as suas qualidades e, pouco tempo depois, só faziam films realmente soberbos.

— Fui um dos primeiros jornalistas de Holly-

HOLLYOOD

wood a entrevistar Eisenstein. Almoçamos juntos e trocamos muitas idéas. Sem duvida alguma, emocionei-me com isso, porque, como todos sabem, Eisenstein é um homem de fama universal. E, ao lado de homens assim e pequenas como Joan Crawfords, eu geralmente me sinto acanhado...

Estudando-o, com olhares indirectos, em intervallos de prosa agradavel, conclui que é um homem de grande intelligencia. Um tanto ou quanto minado e deteriorado pelo microbio do communismo... Tem uma cabeça muito grande. Olhos perspicazes, azues e vigilantes.. E' gordo e tem cabellos castanhos claros, eriçados. A sua personalidade é evidente e salta pelos olhos. E' magnetico, mesmo, quando fala e expõe suas idéas. Vê-se, logo, que não é um homem vulgar. E, além, disso, é alegre, communicativo e um humorista de grande força... Emquanto conversavamos, fez diversas piadas. Entre ellas, contou-me, rindo, que não sabendo o que queria dizer o americano por "speakeasy", que em giria significa bebida. Soffreu, num restaurante, uma "bóla" dessas. Dirigiu-se ao garçon e pediu-lhe em voz um pouco mais baixa, um chá. Porque ficou com medo que alguem ouvisse um genio a pedir chá... E, este, não ouvindo, respondeu-lhe, em tom de pergunta: "Speakeasy?" E como "speakeasy", tambem significa falar facil... Elle concordou, sem saber bem com o que concordava. Resultado: quasi vae se haver com a policia, se não tem agilidade para passar a garrafa de "whiskey" para baixo da cadeira do vizinho... Elle fala muito bem inglez, apesar do seu accento estrangeiro. Tambem fala allemão e francez.

Contou-me elle que já estava com o assumpto do seu primeiro film em trabalhos. Disse-me elle que será um film de assumpto de interesse internacional e que "não será cem por cento falado". Será sonóro e terá voz, nas sequencias que precisarem, para auxilio da intensidade dramatica. Como, por exemplo, um grito ou uma exclamação. Ou mesmo uma phrase. Se tanto fôr necessario.

Elle me disse que acha que o Cinema falado não supplantou o theatro. E que nunca poderá bater o theatro. Pela mesma razão que o theatro jamais conseguiu supplantar *o bom Cinema silencioso*.

Mas... Resta-nos uma pergunta intima. Eisenstein modificará o typo "standard" do Cinema americano? Ou o Cinema americano acabará fazendo Eisenstein dirigir Clara Bow em um film de linha?...

Uma das cousas que mais elle admira é o caracter profundamente industrial dos Estados Unidos. E, no assumpto que é seu, tambem, o Cinema, acha que Hollywood é inegualavel. Eisenstein, dentro do Cinema falado, esera, dentro das clausulas do seu contracto, conseguir embellezar o Cinema falado. Isto é. Tirando-lhe o excesso de voz. Augmentando o interesse dos trechos em que a mesma seja necessaria. E, ainda, baseando o film todo na mesma technica de antes. Apenas aprimorando-o com determinados [illegible]ces de voz, como acha toda gente de senso cine[illegible]graphico commum.

Contou-me Eisenstein, ainda, que, se Ad[illegible] Zukor consentisse, elle de bom grado dirigiri[illegible] film para Douglas Fairbanks. Porque não só [illegible] Douglas um artista esplendido, como, principa[illegible]te, tem-no no rol dos bons amigos e sabe, tambe[illegible] o mesmo artista ha muito que o quer para diri[illegible]

(*Termina no fim do num*[illegible]

FIGURINOS

E

FIGURINHAS

LA'

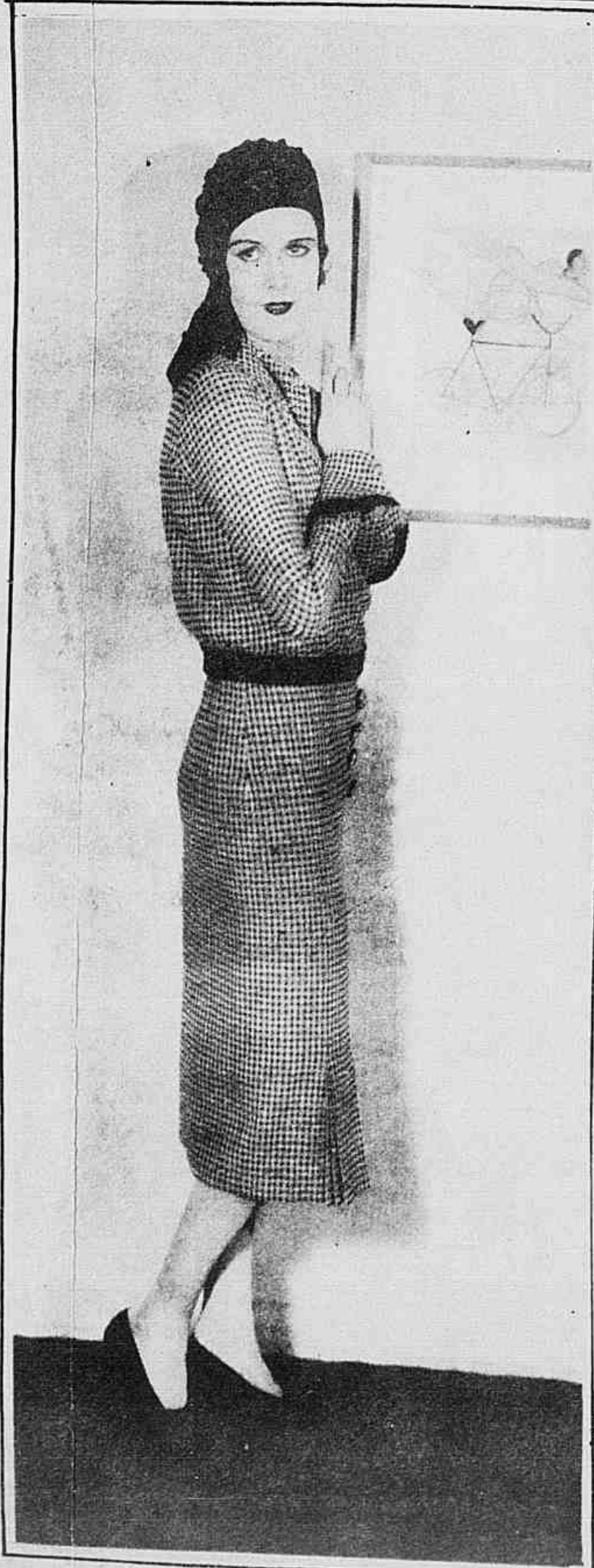
DA

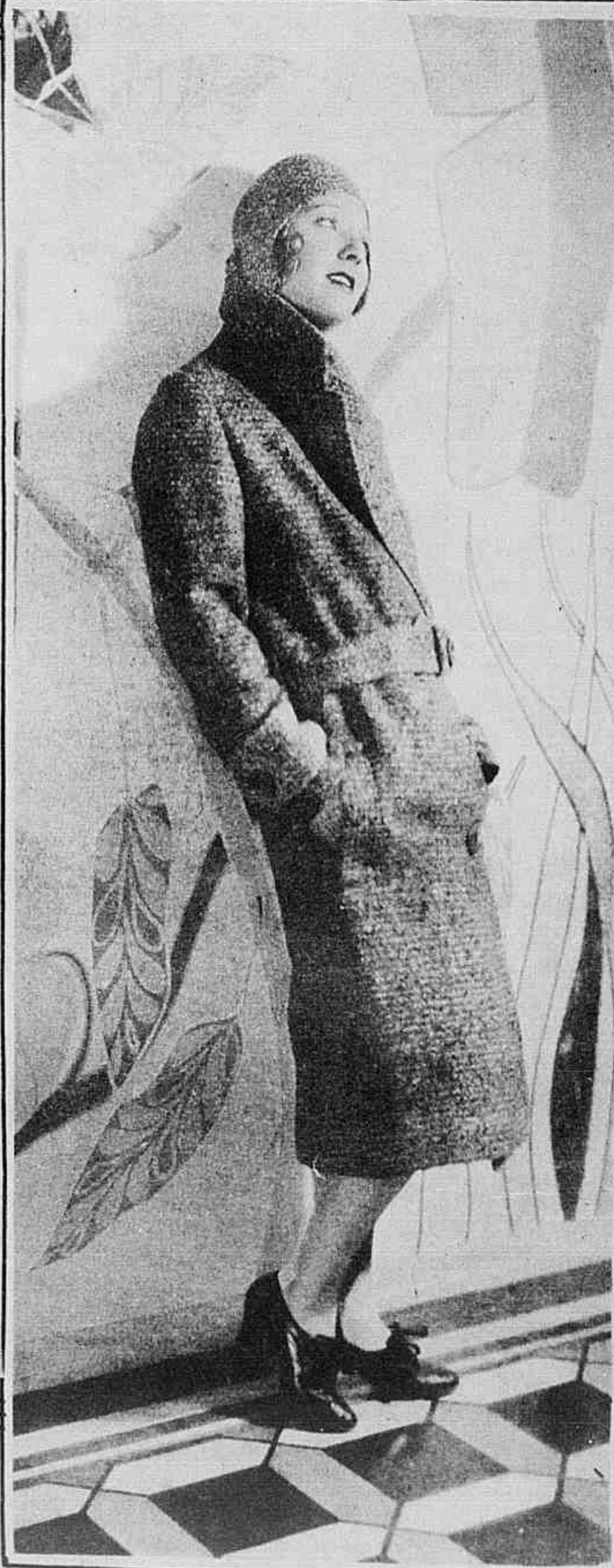
CALIFORNIA.

DOROTHY MACKAILL.

QUEREM MAIS? VEJAM "MODA E BORDADO".

JULIEN JOHNSON

JUNE COLLYER

LILLIAN TASHMAN

(Photos Bruno)

DOROTHY MACKAILL

CONRAD
NAGEL
Cinearte

BERNICE CLAIRE

Cinearte

JEAN ARTHUR

Cinearte

JUNE COLLYER
(PARAMOUNT)

Cinearte

JOAN CRAWFORD TEM HORROR AS THESOURAS.

Mania QUE a gente tem

Já se disse muito sobre o que os artistas gostam. Não acham que já é tempo de dizer, tambem, alguma cousa sobre o que os artistas "não" gostam? Vamos procurar alguns artistas e, á todos, fazer a mesma pergunta.

A primeira será Sue Carol. Foi a primeira que nos attendeu.

Na apparencia, Sue Carol é dessas meninas que não tem aversões. Não é? Tão symapthica. Bonitinha. Sorridente. Parece que acha tudo bom.... O seu ar de eterna collegial, torna-a incompativel com uma aversão que seja, não é? E' o typo da pequena que gosta de tudo. No emtanto, assim que a consultamos, sobre o que era que ella "não" gostava. Sahiu-se ella, rapidamente, sem que perguntassemos pela segunda vez. Com esta resposta.

— Sim, tenho uma grande aversão, na vida. Pelos passaros! Não póde calcular o quanto os detesto! O ruido de suas asas ou os seus cantos desharmoniosos, põem-me maluca! Quando filmavamos "Atravez á Europa", proximo á uma aldeia franceza, havia um grupo de gansos, pacificos, que atravessavam a via que nós tinhamos que percorrer, representando. Emquanto Davi Butler, o director, não afastou os taes, eu não prosegui em filmagem! E' uma versão que não posso esconder.

Perguntamos-lhe porque é que tinha essa versão.

— E' que quando tinha onze annos, mais ou menos, fazia, de minha casa, para a villa proxima, um trajecto num pequeno carro que tinhamos. E, durante o mesmo, ouvi, sobre minha cabeça, um rumor de asas. Olhei. Fiquei aterrada! Era um immenso gavião. De garras aduncas. Que esvoaçava sobre a carruagem e, segundo me pareceu, tentava agarrar-me, com seu bico. Mas o animal que me conduzia, assustado, tambem, poz-se em tremenda disparada e, assim, livrei-me disso. Mas, depois deste facto, nunca mais consegui olhar um passaro. Por menor que fosse, que não me lembrasse daquelle gavião. E, assim é bem por isso que con servo, em mim, esta profunda aversão por aves. Depois de termos ouvido Sue Carol, fomos procurar justamente o opposto. Lowell Sherman. Escolhemol-o, porque, assim, criamos typos de ingenua e villão, para começarmos estes commentarios...

A resposta que Lowell Sherman nos deu, não propriamente possivel de aqui se reproduzir. Porque, afinal, cremos que elle não comprehendeu bem aquillo que lhe perguntamos... Emfim, houve uma segunda. E, depois della, foi isto que elle nos respondeu...

— A altura! A altura, sim. A' qualquer altura que ultrapasse um metro acima do sólo. Tenho quando sobre ella, um desejo incontrolavel de saltar... Attracção pelo abysmo, sem duvida... Acho a vida um espectaculo interessantissimo. Mas gosto muito de o assistir sempre de baixo. Jamais trepando em trapezios... John Barrymore fez um film em que o viamos escalando Mont Blanc. Focalizaram-na ali, olhando pára baixo, numá altura immensa, num angulo de uns 90 gráos... A sensação que tive, quando ali o vi, foi indescriptivel. Senti-me no papel de John. E, logo depois, tive que fechar os olhos para não sentir, já, a sensação de que me atirava de lá para baixo... Jamais olho para um film que focalisa proezas em bordas de abysmos ou em topos de arranha-céos. E se me déssem um papel num film assim, eu o perderia. Ainda que fosse o melhor de quantos já me houvessem dado.

Depois de Dowell, fomos ouvir Kay Francis. Ella, neste particular de aversões, mostrou-se francamente positiva, nas suas affirmações.

Ella nos disse, antes de mais nada, que tem uma terrivel, violenta, duradoura, immensa, formidavel e... Mas para que continuar? Basta que diga que ella gastou todos os adjectivos immaginaveis para descrever a sua profunda aversão por salas pequeninas, muito fechadas e mal arejadas.

— Não é propriamente uma aversão. O temor que tenho por salas assim, data de longe. Parecem-me, antes de mais nada, terriveis, suffocantes, detestaveis e insupportaveis!

— Um incidente, em minha vida, fez-me ficar assim. Era pequenina de collegio. E minha professora, por uma travessura qualquer, trancou-me num quartinho de roupas. Pequenino e sem ar. Apenas por brincadeira. E mais por isso do que a sério. Quando ella de lá me tirou. Eu, enfurecida, completamente fóra de mim. Pelo profundo odio que aquelle castigo me inspirou. Atirei-me á ella e, embora criança, foram precisas mais tres alumnas dali, juntas, para me arrancarem de cima della. E' logico que a senhora em questão, mudou, logo, os seus methodos de castigar... O que aquelle modo de castigar me causou, foi indescriptivel! Se eu pudesse reproduzir o que pensei, o que senti, gastaria muitas e muitas paginas. Os "subways", por exemplo, para mim não são, como para todos os outros, profundas realizações da engenharia moderna. Qual nada! São

(*Termina no fim do numero*)

HA UM CERTO PERFUME QUE CLARA BOW NÃO SUPPORTA.

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA

RAQUEL TORRES E NILS ASTHER EM "THE SEA BAT".

RANULIA NORTON SORÔA MORANO (São Salvador) — Muito bem. Você soube comprehender o que lhe quiz dizer e faz muito bem de não desanimar. Gente perseverante como você, Ranulia, vae longe! Faça isso, sim, que fará tudo muito certinho. Arranje a sua promoção e, depois, aqui, tudo será muitissimo mais facil. E ella já está mais cathechisada, está?... Pois continuo querendo muito bem você, sim! Vá sempre olhando para cima e sempre sonhando! E' tão bonito sonhar e esperar com confiança a marcha natural da felicidade... Não acha? Isso mesmo. Vamos ver se 1931 trará novidades para você, não é? Então continue sempre romantica, sabe? Que só faz bem ao coração... E o seu "boy" a tem feito feliz? Cuidado com elles... Você quer?... Então eu vou mandar. Mas você promette não contar á ninguem?... Não recebeu, já? Então os "vôvôs" não adivinham tudo que as netinhas querem? Você tinha perguntado quem era que apresentava os artistas em "Hollywood Revue". Você não quer ser a esposa delle? Não tem todas aquellas qualidades? Agradeço o beijinho gostozinho e mando outros, em paga...

SEHORINHA SILVEIRA (São Paulo) — Não recebi a primeira que me mandou. Naturalmente houve extravio. Não sei quem seja esse tal Frederico. Gostaria de ajudal-a. Mas é bem pouco o que pede e ainda por cima esse "seu" Frederico é um illustre desconhecido...

AITARE' (Santarém) — Intressantes as suas opiniões. Gente enthusiastas como você é que anima a producção honesta e sensata do Cinema Brasileiro! Ellas responderão á você, sim.

P. E. DE FARIA (Ribeirão Preto) — Mande as photographias e continue com a mesma fé e o mesmo enthusiasmo que tem. Que são realmente notaveis e aproveitaveis. Mas só depois das photos é que é possivel responder qualquer cousa de positivo.

DIVA FOSTER (São Paulo) — Gonzaga entregou-me sua cartinha. Divinha, você escreva ao Paulo Morano e á Didi Viana, para "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio de Janeiro. Quanto á Janet Gaynor, em inglez, para Fox Studios, 1401, Western Avenue, Hollywood, California e Ramon Novarro, Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, California.

SANTINHA (?) — Sim, ha muito que existe. E, como na vida, existe sempre alguem mais intelligente que não se contenta em ler... E' velho, sim e quanto mais velho melhor. 1.° Fantol é meu amigo e falarei com elle a respeito do seu pedido. 2.° Mas não é intelligente... 3.° Sabe, mas ainda não pensou isso com você... 4.° Sim, mas não como eu já vi você, com a carta que mandou. 5.° Sim, como já disse. E quanto mais velho, melhor.

CHIQUITA (Recife) — Nem tanto. Disseram-me, até, que, ahi, difficil é não ver...

ENRI (Rio Grande) — O terceiro é Carlos Ferreira. O primeiro é que é Paulo Morano. Não produziu film algum. Apenas um "scenario" a sua moda.

RADAMES RUDY HAINES (São Paulo) — Demorou muito, mesmo?... A "Cinédia" vae iniciar agora, "Dansa das Chammas". Gostei dos seus commentarios. Mas é preciso que mande a photographia. Sinão, nada feito.

M. F. SILVA (Curvello) — 1.° Ruth Roland é americana, sim. 2.° 6 pontos. 3.° "Labios sem Beijos" será lançado muito breve. 4.° Não abandonaram, não. 5.° Elle, agora, está sob contracto com a "Cinédia".

DEDE' VIENNA (Victoria) — Não direi, não... Paulo Morano agradece os seus parabens. Pois chame como quizer. Aqui vão as suas respostas. 1.° Ricardo Cortez é judeu-americano do norte. Nasceu em Nova York. Deram-no como austriaco, francez e argentino, tambem. Para effeitos de publicidade. 2.° Não trabalhou, não. 3.° Em Brooklyn, New York. 4.° Nasceu nos Estados Unidos. 5.° Aos cuidados desta redacção. Volte quando quizer, Dedézinha.

RUTH ROLAND

NETINHA MAIS NOVA (São Paulo) — O titulo do film é justamente o mysterio... Você tem toda razão nos seus commentarios. Isso mesmo, a caçula! Você não estava rindo? Até á volta, Netinha querida do coraçao... Quem lhe beija as mãozinhas sou eu.

BILLIE DOVE (?) — São boatos, mesmo. Billie Dove não morreu, não. Coitadinha! Está vivinha da silva e até assignou um contracto novo com a Caddo, fabrica do millionario Howard Hughes.

MISS CAÇULA (São Paulo) — Tem todo o direito, sim. Continue enthusiasmada que ainda terá muita cousa bôa a ver. Eu acho que não eram duas mortes, não. Eram dois planos do mesmo artista. Os seus commentarios são certos. A scena do banho é uma das melhores, não é? Eu sei disso, porque aqui commigo, bem ao meu lado, trabalha o director do film "A's Armas!", Octavio Mendes. Didi Viana, Paulo Morano e Decio Murillo, "Cinédia Studio", rua Abilio, 26, Rio. Os outros dois, aos cuidados desta redacção. A sua suggestão ainda é um pouco difficil de se realizar. Devolvo o beijinho estaladinho.

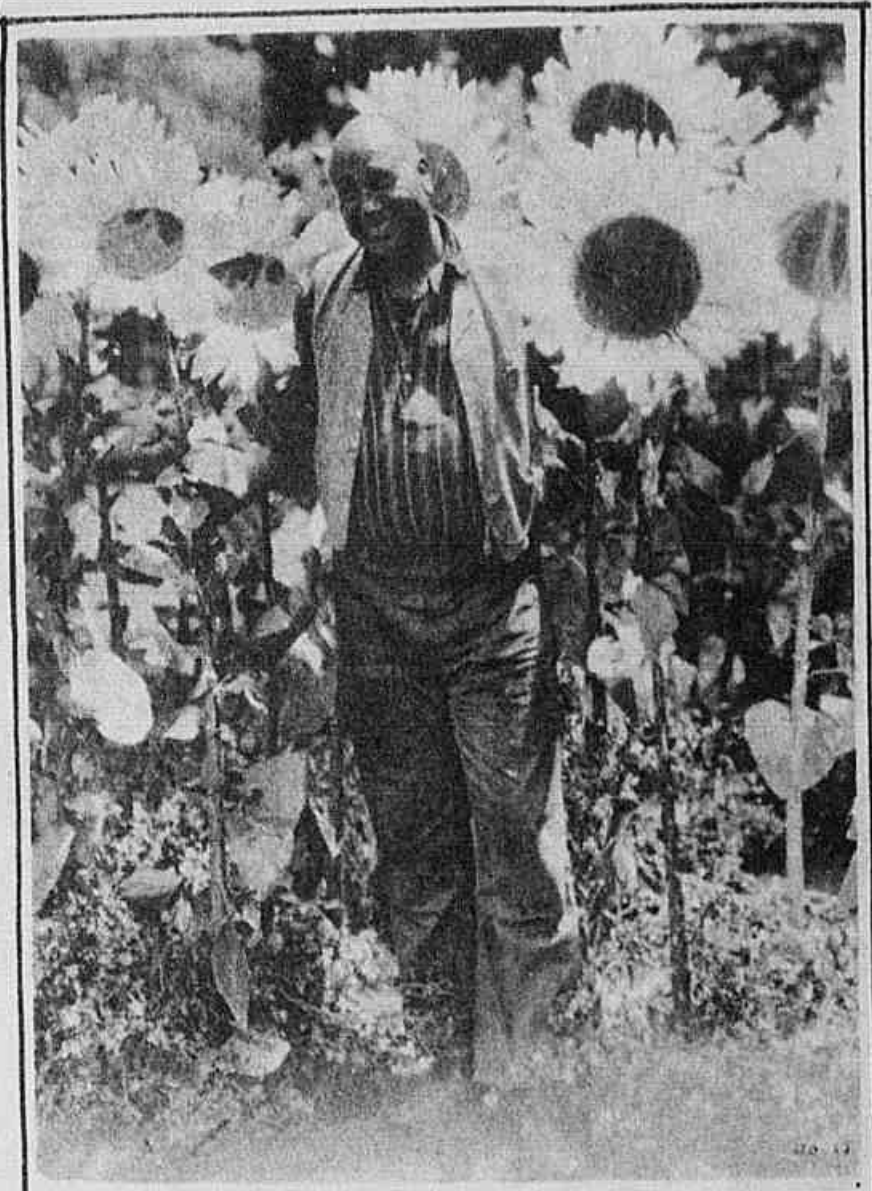
GEORGE CARPENTIER E SALLY O'NEILL, EM "HOLD EVERYTHING".

Pergunte-me Outra...

PAPAGAIO (Rio) — Não tenha medo algum de importunar. 1.° Porque, vae mandar fazer-lhe o caixão? 2.° 24 annos. 3.° Ahi está uma resposta difficil de dar... 4.° Não canta, não. Fala, apenas.

SEM GRAÇA (Rio) — Você me mande uma ou duas de suas photographias, Kodak, mesmo. E, depois, aguarde sua chamada. Aprecio muito sua vontade e admiro sua dedicação. Approveite e mande logo, porque agora é um excellente momento. Humberto Mauro está seleccionando o elenco do seu proximo film, "A Dança das Chammas". Não se esqueça de mandar o endereço, tambem.

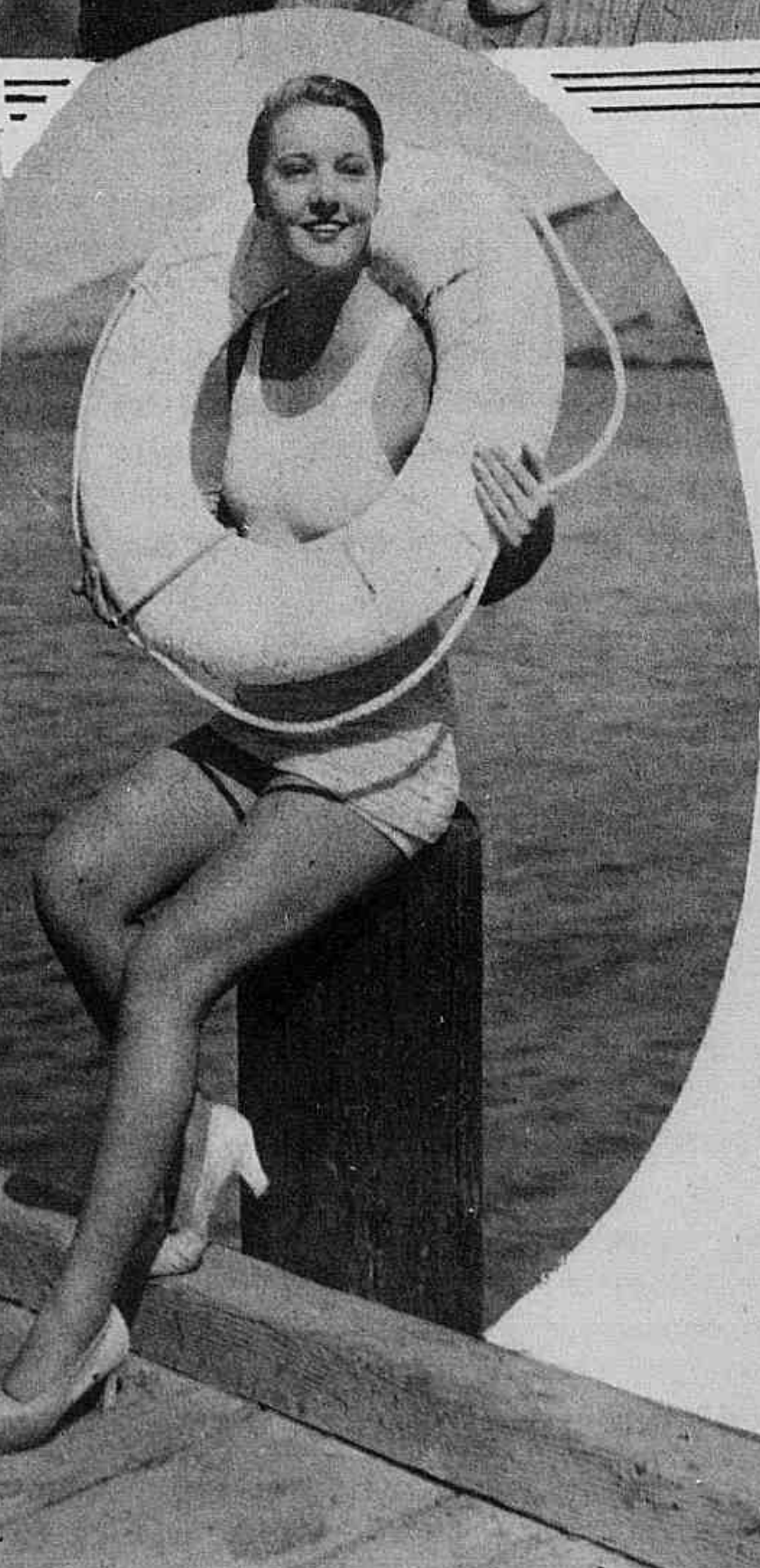
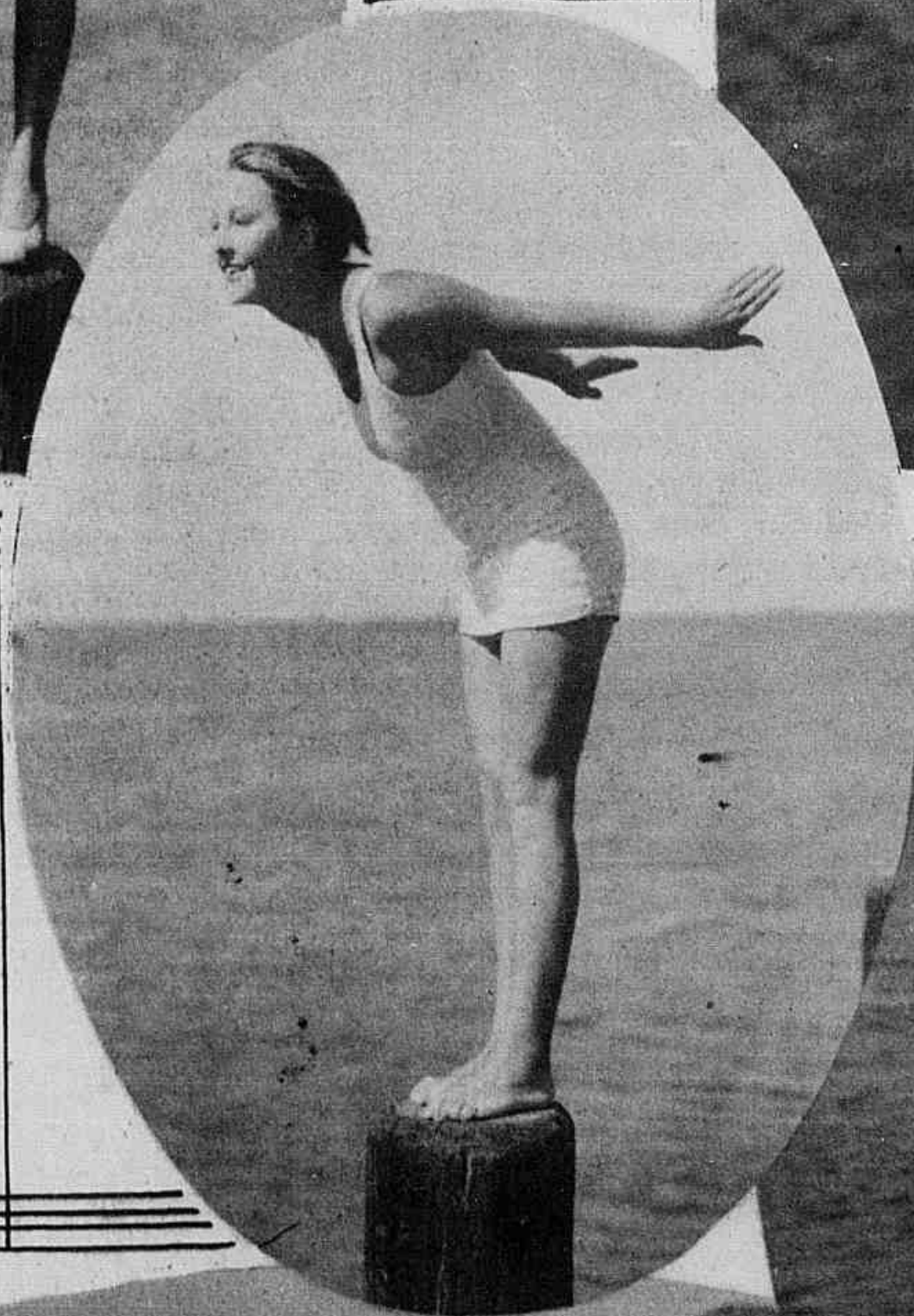
NILS NORTON (Porto Alegre) — E' o caso escrever ao seu amigo daqui e ver se arranja o mesmo officio, aqui. O resto será facil. Estando ahi, é logico, tudo é mais difficil. Mas não deve desanimar e, logo que consiga este emprego aqui, venha que, é logico, na "Cinédia", estando aqui, é sempre mais facil arranjar papeis em films, se bem que não seja certo. Agradeço o exemplar que me enviou. Não póde mandar os seguintes numeros? Aqui suas respostas. 1.° Claudette Colbert. 2.° John Mack Brown. E' Ione Reed e a fabrica é a Superlative. Até logo, Nils.

PRINCESITA DE OLHOS PALLIDOS (São Paulo) — Aquillo foi piada que eu fiz com você. Mas deve ter um metro e meio, se tanto. Não morreu, não. Billie Dove é bonita demais para morrer, não acha? Ella está viva e bem viva. Não é questão de difficuldade, não.

TOM WILSON.

E' de occasião. Qual! Meninas bôazinhas como você não terminam nunca em collegios internos ou conventos. Tenha confiança! 1.° Paramount Studios, Hollywood, California. 2.° Ella é espiritual, sem duvida. Mas se é um espirito... Só mesmo de onde leu a noticia... 3.° Ramon Novarro, M G M Studios, Culver City, California. Elle ainda não arranjou noiva, não. Você é candidata? 4.° Ainda não se casaram.

LUDWIG (P. Sul) — Accertou. Aqui, sem excepção, estimo a todos e a todos recebo com a mesma attenção. Mas quaes são as suas funcções? Gostei do bonito "prá xùxú"... Pois mande que só me dará prazer. E, se servir... Já sabe! Pois que façam essa reforma, realmente necessaria. Pois será brevemente satisfeito. E, olhe, garanto-lhe que vae cahir de costas! Não. Prefiro outra qualquer... Uso oculos, sim. Vou pensar na sua suggestão. Pois é aquillo mesmo. Nunca! Ella agora está na Bahia, por uns 60 dias, com a companhia de Raul Roulien. Elle e ella, deixaram o Cinema. Arranjou uma localidade muito fria para a mudança que suggere... Só 5? Se você continuar amigo como é, em breve serão 50. Não acha? a medida é bôa. Tem razão. Não entendo nada e nem quero entender. Conheço muito bem brasileiro.

OPERADOR.

LONGE DOS "TALKIES" E DOS FILMS MÃOS... NO SILENCIO DAS PRAIAS.

Dorothy Mackaill

Não precisa salva-vidas.
Nós todos morremos...
de amor por você!

MINHA

Dolores Del Rio conta a sua vida...

— As primeiras lembranças da minha infancia, trazem-me á mente, logo, revoluções. Assisti a quatro. Viviamos em Durango, aonde nasceu tambem Ramon Novarro. Papae até hoje é presidente do banco da localidade. E lá, não sei explicar porque, é que começavam todos os movimentos subversivos do Paiz.

— Uma das mais jovens recordações que guardo. Trago-a dos meus tenros dias. Quando trazia ainda uma bem pequena possibilidade de me recordar de alguma cousa. O que ficou no meu cerebro. Foi fructo do intenso pavor que se apoderou de mim. Lembro-me que brincava num jardim. Depois, ouvi um grito angustioso. Depois uma grande correria. E um trem. Que todos gritavam *o ultimo! o ultimo!*, passar sem que o apanhassemos. E tiroteios. E metralhadoras. E zumbidos de balas de canhões de grossos calibres. E, finalmente, numa caminhada de exterminio pelo deserto. Num wagon coberto. Igualzinho á muitas fitas que já tenho visto. Até alcançar Mexico City. Aonde conseguimos a paz que procuravamos e queriamos. Foram recordações tragicas que nunca mais me abandonaram.

— Em Mexico City, annos depois, passei novos momentos de emoção. Mas, ahi, já era mais experimentada. Maiorzinha e não me assustei tanto. Aliás, se me assustasse com aquillo, acabaria maluca! Assistimos, em Mexico City, á uma sessão de Cinema. Ao longe, escutava-se um pipoquear violento de metralha. E ruidos fortes de combates. Ao cabo da quarta parte do film, todos já se achavam inquietados. Os musicos não queriam continuar tocando. O publico já se preparava para sahir. Quando a téla apresentou um letreiro fresquinho, escripto a mão, dizendo ao publico, que a dois passos do theatro, estava-se travando uma encarniçada luta. Mas que nada de perigo havia, para os espectadores, porquanto ali nada podia succeder. O publico manteve-se calmo. Depois da quinta parte e do peor periodo do combate. Veio novo letreiro. Annunciando que o Palacio do Governo havia sido tomado e que um cavalheiro de tal assumira o novo governo. O publicc favoravel ao mesmo, applaudiu. Os outros, mantiveram-se calados. E a sessão continuou, calmamente...

— A' sahida do Cinema, estava a nossa espera um carro coberto. Mas o publico era transportado em partes, até á outra banda da Cidade. E, para sahirmos, tivemos que passar por cima de cadaveres e mais cadaveres de revolucionarios...

— Aos doze annos, passei um dos meus maiores perigos. Por causa de novo movimento. Naquella época uma cousa contante e intermittente. Tivemos. Meu pae, minha mãe, eu e mais 10 indios nossos servos. Que passar sete dias debaixo de um alçapão. Na adega de nossa casa. Foram sete dias que me pareceram sete annos. Ouvindo, sobre nossas cabeças. Tiroteio constante. Metralha. Canhões estrugindo. E toda aquella serie de horrores que, da lembrança de uma creança, nunca mais sáem...

Ao cabo do setimo dia. Faltaram os mantimentos. Nada havia, ali, que se comesse. Os criados, um a um, offereceram-se para sahir e buscar o mesmo. Mas meu pae, que, nessas situações, sempre se mostrava altruista, ergueu-se e exclamou:

— O dever é meu!

E antes que alguem lhe pudesse impedir os passos, já ia elle a buscar aquillo que nos faltava. Passaram-se horas. Minha mãe, agarrada a mim, soffria horrores. Eu, medrosa e encolhida, temia que elle não voltasse mais. Passaram-se umas cinco horas. As eternas metralhadoras. Os eternos passos, por cima de nós. Até que se fez uma claridade, pelo lado da abertura e papae veiu. Trazendo todos os mantimentos necessarios e contando as desgraças que se occorriam lá fóra.

— Foi assim que cresci. Sob revoluções. Ameigada pelos tiros de canhões. Acariciada pela metralhadora. E, além disso, mortes e mais mortes. No seio de minha familia. Perdi tios. Primos. Parentes innumeros. Naquellas carnificinas medonhas que ali pelas redondezas se travavam.

— Estas revoluções, estas correrias, esses atropelos, deixaram, no meu espirito, uma eterna ancia. Um eterno desasocego. Estive num convento. A paz daquelle claustro. Os passos apenas presentidos das freiras, não conseguiram nunca, amainar a ansia que dentro de mim havia. Eu sentia que estava sempre assustada. Sempre perseguida pelo ruido de tiros. Sempre atropelada... Foi assim, sempre, a minha vida. Pobre de mim, pouco socego tive na minha meninice. Menor ainda na minha infancia.

Talvez não menos accidentada na minha mocidade... Até hoje, ainda tenho essa impressão de perseguição correrias. Sinto-me sempre escondida de um pelotão de soldados que avança para matar. Parece-me, sempre, quando recebo uma carta. Um telegramma, que é uma noticia tragica. Jamais penso numa coisa bôa. A causa peor é que salta logo ao meu cerebro. E até hoje, por causa da minha meninice, ainda sinto, dentro de mim, um vulcão insaciavel e medonho que parece que me vae consumindo. A verdadeira impressão que sinto, é de que sou uma pequenina náu, perdida totalmente em cima de um oceano enfurecido e poderoso...

— Fui creança differente. Jamais tive, dentro de mim, os mesmos habitos das outras. Não brinquei nunca com bonecas. Não tive companheirinhas. Sempre fui sozinha. Vivia nos quartos dos maiores. Ou pelos salões e salas, ouvindo as conversas avançadas dos mais velhos. Que nunca se preoccuparam commigo ou deixaram de contar um conto picante ou uma anecdota immoral. Por causa da minha presença... Lia o que queria. Tornei-me séria e pensativa. Na idade em que ainda devia sentir o prazer da innocencia e da pureza. Brincando com outras meninas. E vivendo a vida alegre do ar livre, ou fazendo casinhas de panno para as bonecas do meu coração... Nunca me senti creança! Desde menina que me sinto mulher... Aos oito annos, era frequentadora assidua, com minha mãe, das vesperaes do Theatro da Opera. Foi ahi que em mim se desenvolveu o desejo ardente de ser artista. Aos dez annos, o meu sport favorito era pintar-me. Preparar-me, como se fosse uma mulher. Para ir á um theatro... Não me deitei nunca ás 8 horas da noite. Sempre me recolhia ás 11 ou á meia noite ou á 1 ou 2 da manhã... Não pensava em Cinema, naquella época. Aos doze, assisti os bailados de Anna Pawlova. E, para mim mesma, findo o espectaculo, determinei tornar-me uma sua emula...

— O meu insaciavel desejo de liberdade. Jamais me deu prazer de me sentir presa. Era por isso que eu não gostava nada do convento para o qual minha mãe me mandou, certa vez. Parecia-me, aquella immensa casa, um degredo perpetuo. E, nos passos que ouvia, pelos corredores, mais do que furtivos. Eu parecia estar ouvindo os passos de prisioneiros de um Além para mim desconhecido. Mas que eu temia profundamente... Sempre tive, nas veias, o sangue mais rubro que todos os maxicanos trazem nas veias. Um sangue eternamente revoltado. Eternamente cheio de desejos insaciaveis e de vontades insatisfeitas... Agora. Justamente neste instante. Sinto-me melhor. Parece-me que, finalmente, eu vou viver mais calma. Menos preoccupada.

— Em creança, dinheiro, para mim, era coisa que só podia interessar ao meu pae. Até hoje tenho a mesma concepção sobre dinheiro. Aquillo que nunca nos fez passar necessidida. Não nos pode nunca preoccupar, é logico. E eu jamais senti um desejo que meu pae logo não se preoccupasse em satisfazer. E, depois, casada, continuou minha vida sempre da mesma maneira.

— Meu nome era Dolores Asunsolo. Meu

VIDA...

pae, como já disse, era Presidente do Banco de Durango. Cargo que até hoje occupa. E, além disso, occupa o cargo de director geral do maior jornal das redondezas. O *Excelsior*.

— Não fui muito feliz, na minha vida. Porque eu nunca senti necessidade. Nem fome. Eu sempre vivi em conforto. Em luxo. Foi por isso que a vida, para mim, sempre foi um grande bocejo...

— Os americanos dizem que se nasce com uma colher de prata na bocca. Quando se tem a sorte de se ser, por todos os dias da existencia, cheia de dinheiro e bem estar. Eu tambem pensava assim. Hoje, palavra, sinto saudade de meu passado. Só porque eu o podia ter feito infeliz. E, assim, ter soffrido e ter aprendido, na vida, alguma coisa mais do que um eterno bem estar e uma eterna insatisfação...

— Não imagina o quanto eu me sinto fascinada. Por essas pequenas que começam a vida lutando. Que crescem, lutando. Mesmo contra a fome. E que, afinal, do rol dos *extra*, sobem, passo a passo, a escada do successo. Até se tornarem, finalmente, artistas de grande fama. Eu queria ter sido assim. No emtanto, até este regalo me foi roubado... — Ainda estava no convento. quando meus paes me tornaram noiva do homem que levaria em pouco ao altar. Jamais, é logico, tive occasião de cuidar de um lar. De um homem. Preparando-lhe o que elle preferisse. Sentindo, em mim, essa feminilidade que eu tanto admiro em outras.

— Tambem não havia feito minha entrada na sociedade. A minha primeira apparição. Foi numa festa de caridade. Dada em casa da mãe do meu futuro marido. Cuja festa era toda dirigida por elle. Jaime Del Rio. E que tinha, como situação principal, um bailado, de Pierrot e Colombina. Estreiei dansando. Todos me applaudiram muito. Dias depois, era a esposa de Jaime

— Sahida de vulcões de revoltas e mais revoltas. E, ainda de muros de conventos. Eu nada sabia do casamento. Muito menos de um lar. Ainda creança, conhecia a vida, pelas conversas que ouvira. Prejudiciaes, todas, diga-se de passagem. Mas nada sabia do casamento, realmente. Tão pouco da vida domestica. A vida, para mim, era um pouco differente da de outras mulheres. Para as quaes tudo isto é natural e logico. Conhecem os costumes medievaes? Das familias mais distinctas do norte e do sul. Que se sentiam felizes quando juntavam os seus componentes principaes pelos laços de um casamento. Mais de occasião do que de amor? Pois eu vivi um desses casamentos. Eramos a melhor familia do norte. Jaime, da melhor familia do sul. Casamo-nos. Para formar uma nova geração. Mais distincta, ainda...

— Gostei do meu casamento. Porque o achava lindo e, afinal, era mesmo, uma sensação desconhecida para mim. Parecia-me um conto de fadas. E, depois, foi apresentado com as maiores pompas e os maiores gastos. Esteve lindissimo, mesmo. E, imaginem!, uma das minhas maiores alegrias, nesse dia, foi porque usei o primeiro vestido comprido e os primeiros saltos altos de toda minha vida... Era mocinha. Sentia-me feliz. Pensei, por momentos, que meu pae soubesse o que fazia. Porque sempre me havia guiado, na vida.Havia de me guiar,tambem, a um bom casamento. Todos tambem achavam assim. Para que havia eu de discordar? Tanto mais que nunca havia amado a alguem. E jamais havia conhecido um outro homem, a não ser Jaime, que me falasse com meiguice e carinho.

— Para avaliares o quanto eu era creança. Basta dizer que jamais pensei, casando-me, na possibilidade de ter filhos. O dia do meu casamento, foi a situação principal da minha infancia. Depois do *conjugo vobis* é que entrei para a juventude.

— Casei-me na Igreja da Conceição, em Mexico City. Isto, no dia 11 de Abril de 1922. As joias de ambas as familias. As mais lindas e ricas que já vi, em vida. Ficaram sendo minhas. Fascinavam-me, com os seus brilhos. E eu a pensar, ainda, que era aquelle o verdadeiro brilho da felicidade... Jamais havia tido um amiguinho. Nem mesmo um flirt. O beijo que meu marido me deu, após a cerimonia. Foi o primeiro que sobre meus labios senti.

— Seis mezes, foram illusorios e bons. Viajamos. Pela Europa. Imaginem. Sahida de um convento. Com um marido. Justamente aquillo que eu ouvia as outras cobiçando. E vendo, com meus olhos, justamente aquillo que eu sempre vira em cartões postaes e que tão admiravel achava... Era o setimo céu! Mas tudo isso, como as joias, méra fascinação illusória...

— Agora, chego á parte mais delicada de minha vida. Por que, durante ella, eu soffri instantes que, mal contados, podem corromper os verdadeiros factos. Assim, aqui vae tudo narrado, com o maior carinho.

— Muito já se escreveu de mim e de Jaime. Muita coisa falsa e malvada. Que me puzeram seriamente aborrecida. Eu jamais me queixei a quem quer que fosse. Jamais falei, sobre isto. E, mesmo, o que tinha eu a falar?... Mesmo que eu falasse. Ainda continuaria sem o necessario credito. As entrevistas, appareciam nos jornaes. "Dolores Del Rio disse isso. Dolores Del Rio disse aquillo. Dolores Del Rio disse aquillo outro!!!" E eu, no emtanto, continuava calada. Perfeitamente calada e sem nada dizer... Mesmo agora, que estou falando. Ainda existem coisas que não posso e nem devo falar. O coração de uma mulher. Seja ella quem fôr. Sempre será o cofre fechado de algum segredo que ninguem deve saber. Se eu o dissesse. Seria pouco correcta commigo mesma. Para que dizer?...

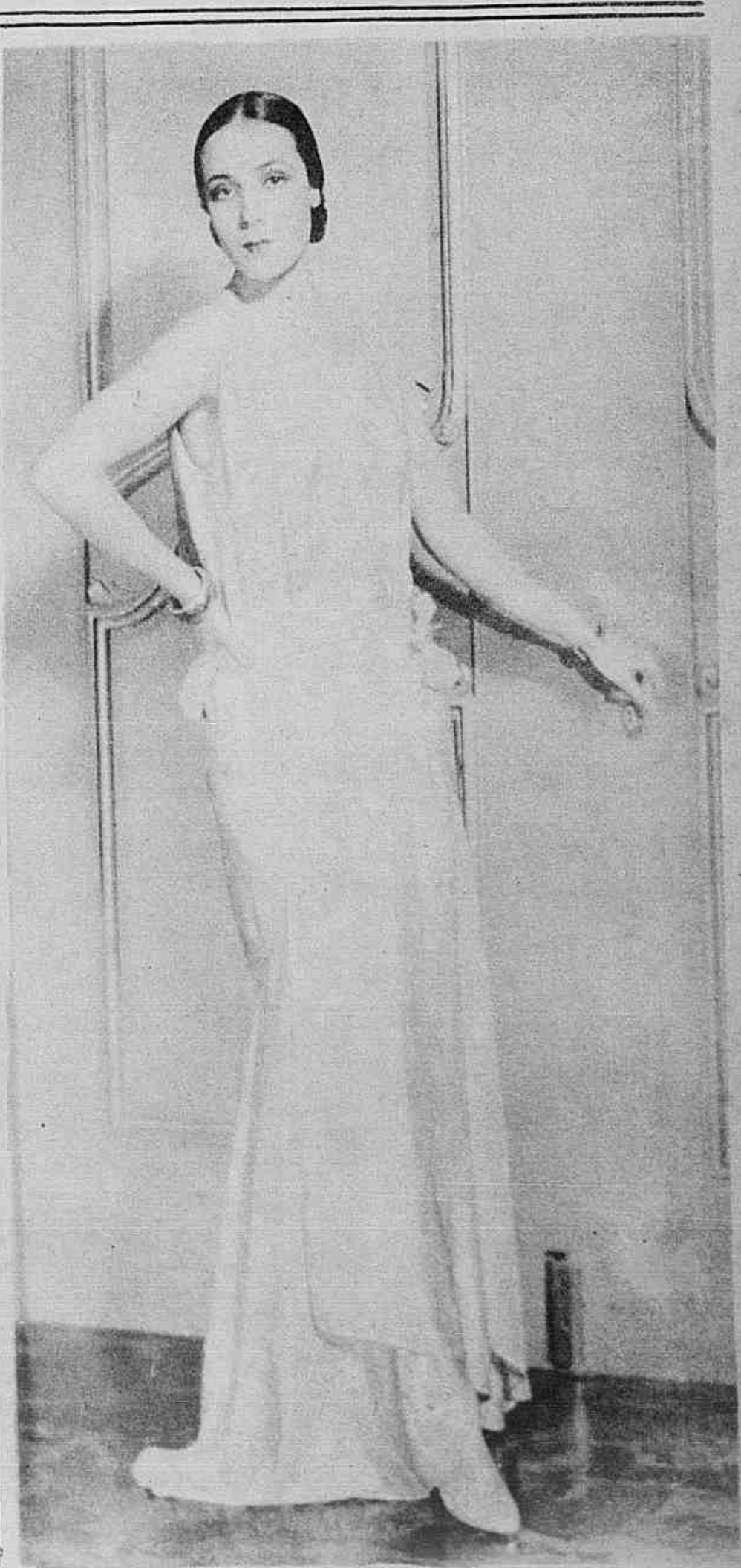
— Depois dos meus seis mezes de Europa. Sahi do sonho para a realidade. Aos poucos. Não ás brutas, não, Gradualmente. Estivemos em Paris. Patou desenhou um figurino especialmente para mim. Em Madrid, Jaime era muito conhecido. Já havia advogado ali e conhecia meio mundo. Fui apresentada ao Rei e á Rainha. Os cavalheiros e as cavalheiras de Hollywood. Já duvidaram disso. Mas é verdade. Hoje, teria valor isso para mim. Mas, naquelle tempo. Afinal. Nada mais foi do que um acontecimento corriqueiro. Senti-me alegre quando me avistei com Suas Majestades. Esta mesma alegria sempre se repetirá, quando os tornar a encontrar. Mas, naquella época, o que queria aquillo dizer para mim? Para que é que eu visitava o Rei e a Rainha? Qual a minha intenção? Eram conhecidos de Jaime. Individualmente, que significava eu para elles? Atirando-me um sorriso. Atiravam-no á esposa de Jaime Del Rio. E não a Dolores Asunsolo...

— Ao cabo de anno e meio voltamos a Mexico City. Tinhamos um lar que haviamos mobiliado com todo carinho. Colleccionaramos curiosidades historicas em Hespanha e na Italia. Trouxemos tudo para o nosso lar.

— Era um doce lar, não ha duvida. Dois quartos. Uma bibliotheca. Sala de jantar. Sala de musica. Sala de Fumantes. Hall E muitos criados. Oito, ao todo. Um, especialmente, um hespanhol, aliás, era que tudo apromptava para mim. A hora e a tempo. Tambem tinha em minha companhia a minha ama. Uma creatura meio mexicana, meio hespanhola. E que depois veiu até Hollywood, para minha companhia. Aonde enlouqueceu, pouco depois. O que nos fez leval-a de volta, para o povoado e para um sanatorio confortavel.

— Nossa vida, depois disso, passou a rolar commumente. Jogos de polo, de golf e cocktails. Polo, golf, cocktails. No dia seguinte, a mesma cousa. Até me sinto mal e parece-me enlouquecer, quando ainda me lembro de tanta insipidez...

— Não havia amor. O amor que liga um homem á uma mulher. Não existia! Era por isso que eu sentia minha vida vasia e im-

(Termina no fim do numero)

JOAN CRAWFORD . . . . . Bingo	Gwen Lee . . . . Marjorie
Robert Montgomery . . . . . . Andy	Edward Nugent . . . . Paul
Ernest Torrence . . Ben Murchison	Gertrude Astor . . . . . Mrs. Mason
Holmes E. Herbert . . . . Howard Presley	Grace Cunard . . . . Millie
John Miljean . . . . Bennock	Director : — . . JACK CONWAY

— Machucou-se?

— Não. E... E voce?

——O——

Vieram correndo, ambos. Chocaram-se no extremo do navio. Olhavam-se.

Elle, estupefacto.

Ella, estarrecida.

Era Bingo. Uma pequena de fogo e mel.

E Andy. Um rapaz distincto como um principe de magazine.

Quasi selvagem. Com aquelle saióte levissimo. Apenas atirado, com o blusão de sêda, sobre o corpo. Ella era mais do que uma simples mulher com a qual se tropeça, numa curva de corredor. Muito mais! Era um monumento de formosura e seducção. Um perigo de carne. Olhos mais maliciosos do que um luar dos tropicos. Bocca mais sensual do que um romance de Vargas Vila...

Afinal, ali estavam. Apenas fallaram as primeiras palavras. O restante, diziam apenas os olhos.

E, afinal, a curiosidade de Andy era justa. Bingo era differente. Tinha uma personalidade enorme nos seus olhos. No seu todo! E, além disso, guardava, no seu modo

de trajar. De olhar. De andar e de falar. Qualquer cousa de primitivo. Que, ainda que elle não quizesse, punha-lhe desejos de a beijar, no coração...

E, para ella, Andy era o primeiro que ella assim via. Fóra de uma pagina de revista. Porque em Zorro, local da America do Sul aonde estivéra até então, nada disso havia. Apenas trazia, na sua recordação, caras encardidas e morenas. Roupas estraçalhadas. Suor em cada physionomia. E aquelle eterno aspecto de desconforto e desalinho. Que a fizéra pensar, sempre, que os homens, afinal, não passavam, mesmo, de refinados animaes...

Pois ali estava Andy. Elegante. Fino. Falando macio e tendo até as unhas brilhantes...

Era natural...

Para ella, a sua civilização é que a deslumbrava.

Ali estavam, olhando-se, devorando-se com a maior das curiosidades.

Realmente, para Bingo, elle era extraordinario. Tinha cabellos encaracollados. Loiros. Era tão differente...

E, para elle, vendo-a assim.

Para elle, a selvageria della...

Pobre Bingo! Quantos annos ella lá passára. Sempre a luta pela conquista do ouro preto... Caras enlambuzadas de petroleo. Mãos sujas de petroleo. Almas petrolificadas... E ella! Cheia de enthusiasmo. Cheia de mocidade. Crescendo, dentro da matta, dentro de um sertão. Fazendo-se mulher! Sem siquer, nunca ter ouvido, de uns labios de homem, uma palavra de carinho e meiguice. E, sim, vocabulario summido e canalha. Que sentia rosnar á sua passagem... Sahido, todo elle, daquelles homens todos que a viam ali, naquelle deserto, tão branca e tão seductora. A fazer lembrar aos seus instinctos de féras. As possibilidades de uma conquista facil...

Mas agora, tudo se aclarava.

Era, na sua existencia, o instante mais feliz que já passára.

Em Zorro, perdêra seu pae. Que Bennock, um malandro das florestas, assassinára. Talvez para roubar seu dinheiro. Talvez para conquistal-a...

Em Zorro vivia perseguida pelos olhares medonhos dos mestiços. Que a seguiam. Por toda parte. Até mesmo ás margens do rio, aonde se banhava, diariamente...

Em Zorro apenas encontrára a amisade de Ben Murchison. E era esse mesmo Ben Murchison que a trazia para New York, agora. Para a transformar em menina de sociedade. Em menina de bons sentimentos e educação. Gozando, assim, de toda fortuna que seu Pae lhe deixára, em testamento, antes de fallecer.

——O——

Foi a voz de Ben Murchison que a tirou daquelle torpor.

— Mas, afinal... O que ha?

— Nada, senhor, é que...

Bingo interrompeu.

— Elle encontrou-se commigo! Batemos as cabeças. E, depois, elle me perguntou se eu me tinha machucado...

Andy desculpou-se, entre encabulado e risonho e afastou-se, comprimentando.

Ben voltou-se para Bingo.

— Já o conhecias?

Bingo abraçou-se á elle. Depois, olhou-o, longamente.

— Nunca o vi antes, Ben!

— E como falas com elle?

— E' que o achei extremamente sympathico...

— Vamos, deixa-te disto! Vae para teu beliche!

Afastou-se tambem. Deixou-a ali, sozinha, apenas com seus pensamentos de garota leviana e levada...

Não! Era impossivel que Bingo esperasse... Como? Ella? Que nunca e nunca se deixára dominar por ninguem? Que sempre tivera todas as vontades de seu Pae?... Não!

E sahiu a procura de Andy. Agradara-lhe extremamente aquelle rapaz. Pela sua figura de romance. Pelo seu todo! Estava fascinada por elle, precisava com elle se encontrar, portanto...

Segundos depois, espiava para dentro do camarote de Andy.

— O que ha?

Era Andy que se voltava, com o rosto todo ensaboado. E a olhava, entre risonho, e surpreso.

— E' que...

turinha mais interessante que já encontrei, em minha vida?

Andy continuou a se barbear. E Bingo a tagarelar. Contou-lhe tudo. De aonde viéra. Para aonde se destinava. E o que era Ben Murchison, na sua vida.

— New York?

— Sim, porque?

— E' que eu móra lá...

Bingo deu um salto, quasi faz Andy se cortar.

— Promette ser vizinho meu?

— Vizinho?... Bem... Mas não sei se voce sabe que New York é um pouquinho maior do que Zorro...

Bingo não comprehendeu bem aquillo. Sophismas, não entendia ella. Ironia, tampouco...

— Mas... Neste caso, não se importe, sabe? Eu me encarregarei de o procurar...

Riram-se. A gargalhada de Bingo. Franca e sincera. Foi direitinho aos ouvidos de tio Ben, que a procurava.

INDOMAVEL

(UNTAMED)

E Bingo não soube dizer mais nada. Andy sorriu. Depois riu, mesmo.

— Mas de onde vens?

— Da cabine de meu tio Ben...

Depois olhou tudo ali. Viu um retrato de mulher, sobre um movel. Lembrou-se de uma mulher que vira, ao longe, no tombadilho, presenciando a scena de ha pouco. Perguntou, num relance.

— Voce gosta daquella pequena que estava ha pouco comsigo?

Andy tornou a rir.

— E voce sabe que voce é a crea-

Elle, em instantes, bateu á porta de Andy.

— Entre!

Quando o viu, Bingo nem se abalou. Ben a apanhou e fel-a sahir. A' porta, ralhou com ella.

— Não te quero, menina, na cabine de rapaz algum! E voce, seu peralta, porque a deixou entrar?...

Andy não respondeu. Encabulára, terrivelmente e não sentia forças para se livrar daquella situação e em que se achava immerso...

Já quando a porta se fechava

Bingo ainda gritou a Andy. — Não se esqueça! Eu o procurarei! E, olhe, Andy! Eu não gostei nada daquella pequena que o chamou de *queridinho*...

—O—

A promessa, cumpriu-a Bingo mais depressa do que era de esperar.

A' noite, quando o luar veio beijar o tombadilho, Bingo se encontrou de novo com Andy.

Naquelle recanto do navio, ninguem estava. Tudo era socego e paz. Apenas ouvia-se a helice, cortando as aguas. E,

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

A POESIA DA MACHINA

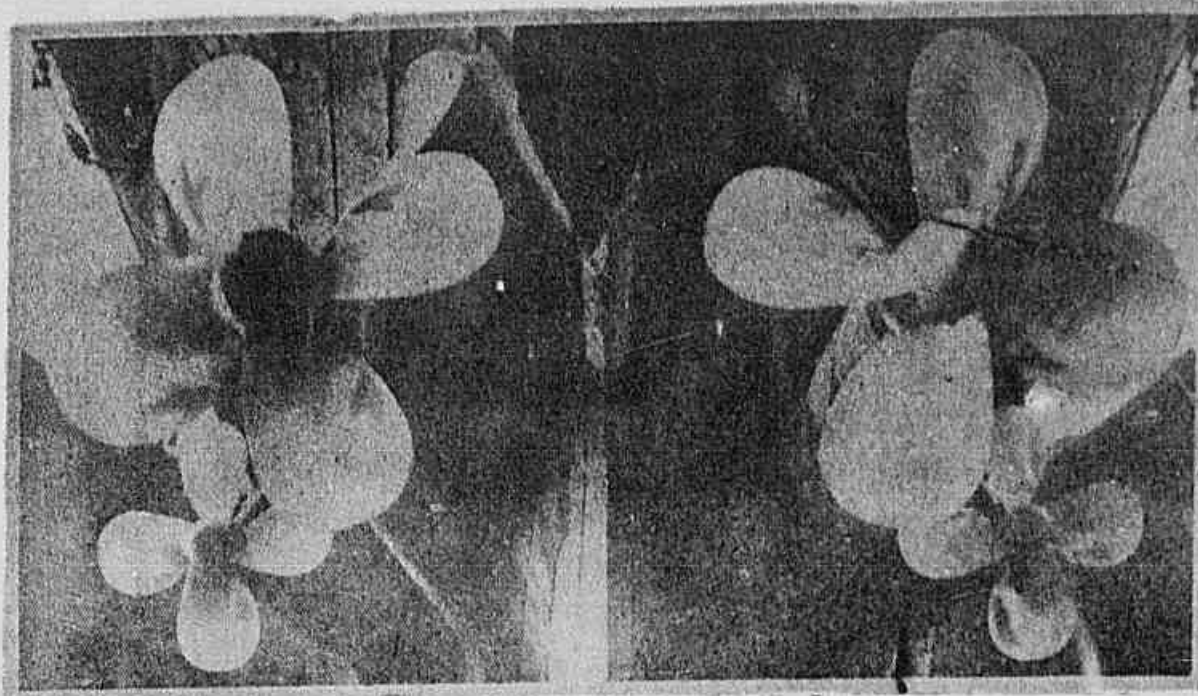
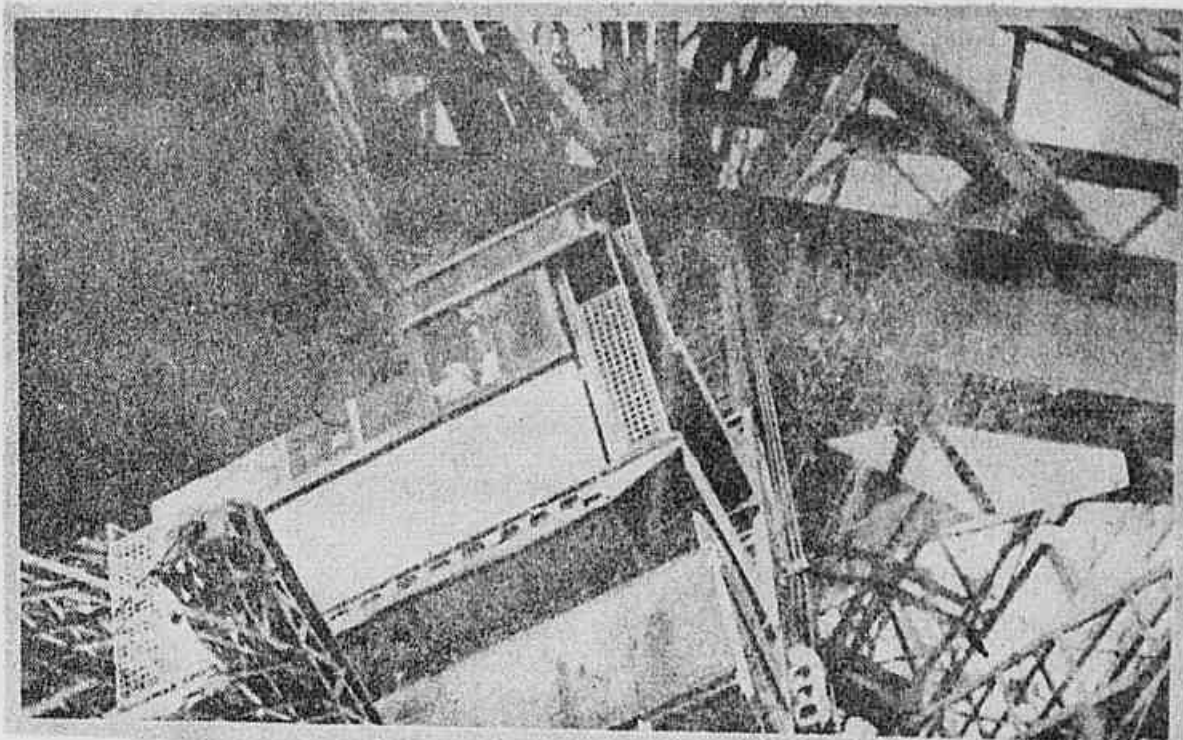
Nada existe que mais insistentemente influa na vida deste seculo do que a machina, os titans modernos, creados pela Engenharia. Hoje, tudo é machina, tudo é engenho. Acorda-se fazendo o café em machinas, preparando as torradas em machinas, tirando o pó das cortinas e moveis por meio de machinas, encerando os soalhos com machinas. Si o bebé chora, um disco apropriado no phonographo, ou ainda o radio, farão que se calle e durma. De tudo quanto apresenta *um movimento*, a machina é hoje o que mais nos interessa. Nada mais logico pois, que a machina chame sobre si a attenção de uma outra machina, cuja funcção é gravar, archivar o movimento. Por estas razões, a machina fica sendo um assumpto que se recommenda ao cinematographista, seja qual fôr a fórma escolhida; uma prensa, um guindaste, uma locomotiva.

AS FLÔRES DO MAR
Os propulsores de um transatlantico

Um dos primeiros films que se fizeram tinham por assumpto uma locomotiva. Aquellas séries de antigamente tratavam sempre da velocidade e da força das locomotivas e dos trens. E pensam que não fazia successo? E' facil saber.

Pergunta-se a Ruth Roland. Abel Gance é um director francez conhecido. O seu film "La Roue" não procura interessar pela historia, mas por uma analyse synthetica, assim ao modo russo, como os francezes gostam, das partes integraes de uma locomotiva. Assim pois como esse film, outros têm sempre apparecido, feitos por innumeros operadores da Camera, os quaes tratam da velocidade, da estructura e do poder das machinas, machinas fixas cujos braços se movem furiosamente em todas as direcções, machinas que se transladam no Espaço ou no fundo dos mares. Ha um film de Fernando Leger, francez, com a collaboração de Dudley Murphy, americano; ha ainda outro de Henry Chomette; e ha ainda um terceiro de um ukraniano, Eugéne Deslao, cujos principaes interpretes eram machinas. E note-se: esses exemplos têm pouca importancia... Ao filmar-se uma ou varias machinas, ha varias coisas para as quaes se devem voltar as nossas attenções; a relação entre o todo e cada uma de suas partes, a relação entre a machina immovel e a machina em acção, a relação entre as partes motrizes, o augmento e a diminuição da velocidade, a influencia das partes metallicas e refulgentes, a sensação do volume e a sensação da potencia. A filmagem de uma machina póde apresentar muita coisa de real interesse! Póde interessar e interessando, póde educar!

O enthusiasta do Cinema de amadores poderá saber, ou pela experiencia, pelo erro, ou ainda por uma intuição, como arranjar uma continuidade e como collocar a sua camera, de modo a gravar essas qualidades mechanicas apontadas mais acima. Não poderiamos descrever, porém, um processo elementar que se podesse tornar mais complexo e mais attrahente depois que o amador assimilasse os segredos da composição photographica?

De certo. Tomemos portanto uma machina simples, que possúa apenas dois movimentos; um horizontal, pelo braço do piston, e outro circular, pelo conjunto de uma biéla. Este é o typo da machina a vapor necessaria para movimentar outras machinas. O corpo da machina é fixo. Os movimentos são apenas dois, sendo que um se transforma no outro. Si tivessemos que filmar esta machina, examinal-a-iamos primeiro, minuciosamente. Estudal-a-hiamos tanto em movimento quanto em repouso. E começariamos por filmal-a assim, em repouso, seguido de outra filmagem progressiva, acompanhando essa progressão em que a velocidade vae crescendo, e o movimento se transformando em trabalho. E' um meio simples de apresentar a Poesia da machina; no entanto, esse meio tem suas difficuldades. Si seguirmos o processo acima, teremos focalizado o conjuncto, o todo em movimento, antes de gastarmos uma porção de film que dê para prender a attenção. Dahi ser preferivel esperar um momento, antes de filmar a machina em acção. Póde-se offerecer primeiro uma analyse interessantissima das suas partes em repouso. Ou si preferem:

ASCENÇÃO DA TORRE EIFFEL
(Photo René Le Clair)..

a camera deslocar-se-á, ao envéz da machina; que é o actor do film.

A camera examinará a machina em um sentido, depois em outro, alternando com o exame das diversas peças componentes do todo. A propria machina, os planos dessa machina, podem suggerir ao amador o modo como construir um film dessa natureza, isto é, um film descrevendo as bellezas e a poesia da machina. Uma machina simples, sem muitos contrastes na fórma, exigirá um desenho apenas.

Outra machina, porém, devido ao tamanho e á fórma, exigirá um estudo mais demorado e mais complexo. O operador intelligente poderá crear a impressão da machina em repouso, com suas peças iniciando o trabalho em commum, até converterem-se no todo em movimento.

René Le Clair, no seu film "La Tour Eiffel"", apresenta a progressiva construcção daquella Torre, mostrando os diversos estagios da erecção. Este exemplo, embora pertença á categoria das miniaturas e desenhos animados, indica que é possivel encontrar um movimento até mesmo dentro das coisas immoveis.

Depois deste trabalho da analyse progressiva das partes da machina, o primeiro passo deve ser no sentido da filmagem do todo em acção.

Póde-se filmar uma parte antes de fazer o mesmo com o conjuncto em movimento, e vice-versa; ou então, alternar-se o todo com a parte e a parte com o todo. De qualquer modo, é preciso apresentar o movimento sempre naquella direcção, afim de não provocar a confusão no espirito do observador. Lembremonos de que, seja qual fôr a ordem em que as sequencias do film sejam tomadas, ellas necessitam de obter a fórma de uma continuidade rythmada; de outro modo, qual seria o valor de um film desse genero? No córte final é que se póde construir um desenho verdadeiramente cinematographico do todo, uma acção em commum que se desenvolve em commum, e que progride em commum, pelas peças da machina filmada.

Uma filmagem tal como apontamos acima offerece innumeras opportunidades para o que se chama o controle do movimento, isto é, para as cameras que dispõem de velocidade retardada ou apressada. Mas tudo isso precisa fazer parte do conjuncto do film. Retardar o movimento só pelo prazer de um effeito passageiro equivaleria a destruir a progressão natural do film. Si porém o movimento retardado é apresentado em contraste com o movimento natural; ou si, retardando-se a apresentação do trabalho de um piston, demonstra-se a elasticidade dessa peça, o movimento retardado assume aqui enorme importancia. Talvez o movimento accelerado parando repentinamente dê então a ideia da potencia da machina. E si se trata de uma machina com movimentos verticaes, é facil accrescentar um effeito attrahente e seguro, invertendo a passagem do film. Aos poucos, o amador descobrirá que lhe será possivel construir um arabesco de fórmas e movimentos, com o auxilio não de uma, porém de varias machinas. Um parallelo tirado entre uma machina e uma outra. Um contraste apanhado entre esta e uma terceira. Um piston de uma pequenina machina transformando-se no piston de uma locomotiva; as rodas, cabos, trucks de um guindaste... Ha realmente muita coisa, neste campo tão vasto, digna de ser filmada pelo amador!

Não ha necessidade de entrarmos em mais profundos detalhes; isto é uma questão pertencente ao proprio amador. Elle poderá achar uma multidão de combinações; mas por outro lado, ha algumas generalidades que é preciso ensinar.

Por exemplo: devemos dar sempre a ideia da solidez e do peso daquillo que, como René de Le Clair, estamos filmando o elevador da Torre Eiffel. Descobriremos então que, de um certo angulo, a camara registrará justamente aquella sensação de força e de peso que procuramos. Escolhamos portanto esse angulo. Esse angulo poderá reduzir o campo da imagem, mas dará justamente o que desejamos.

E' preciso termos cuidado com o traba-

(Termina no fim do numero)..

Virginia Bruce

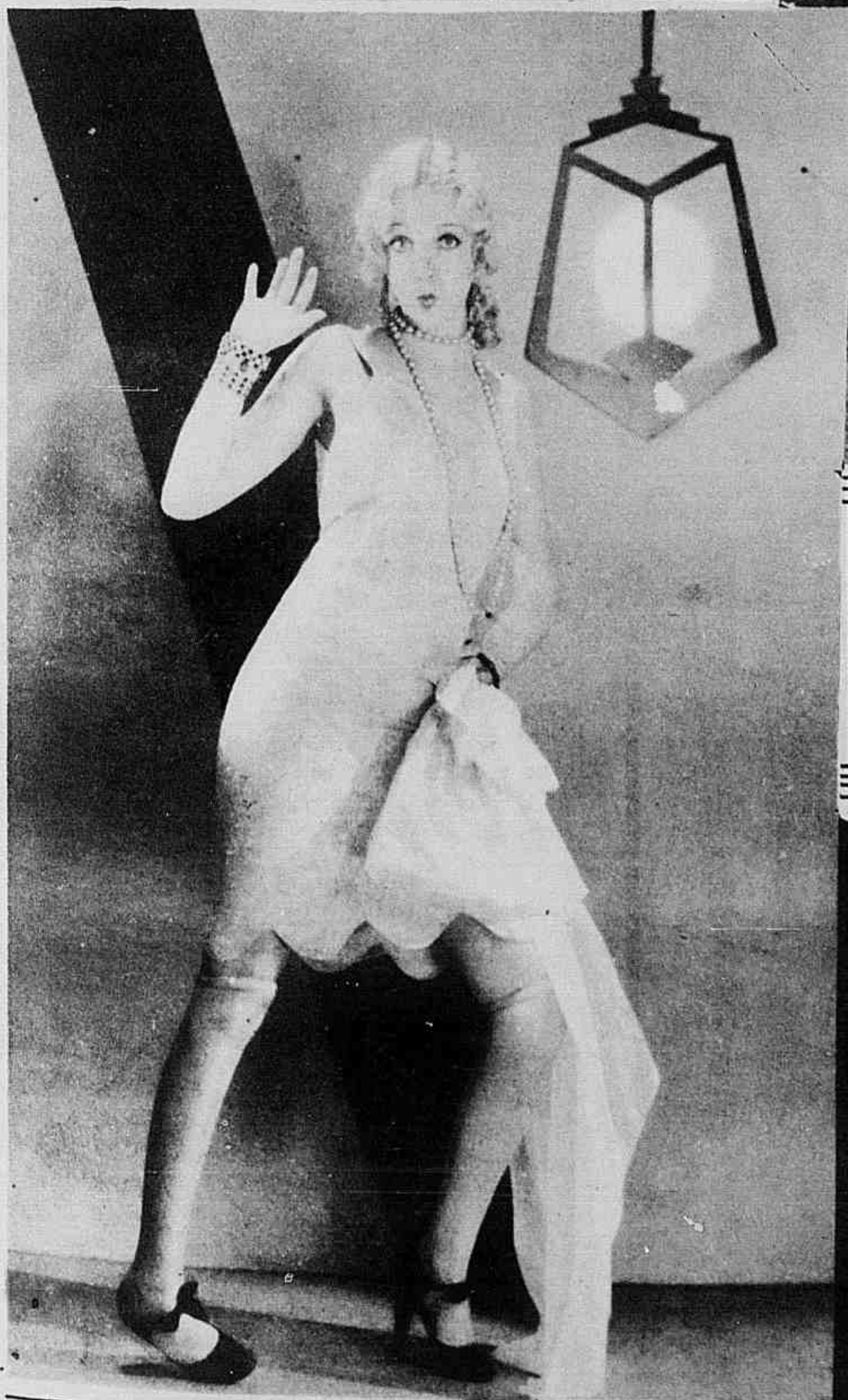
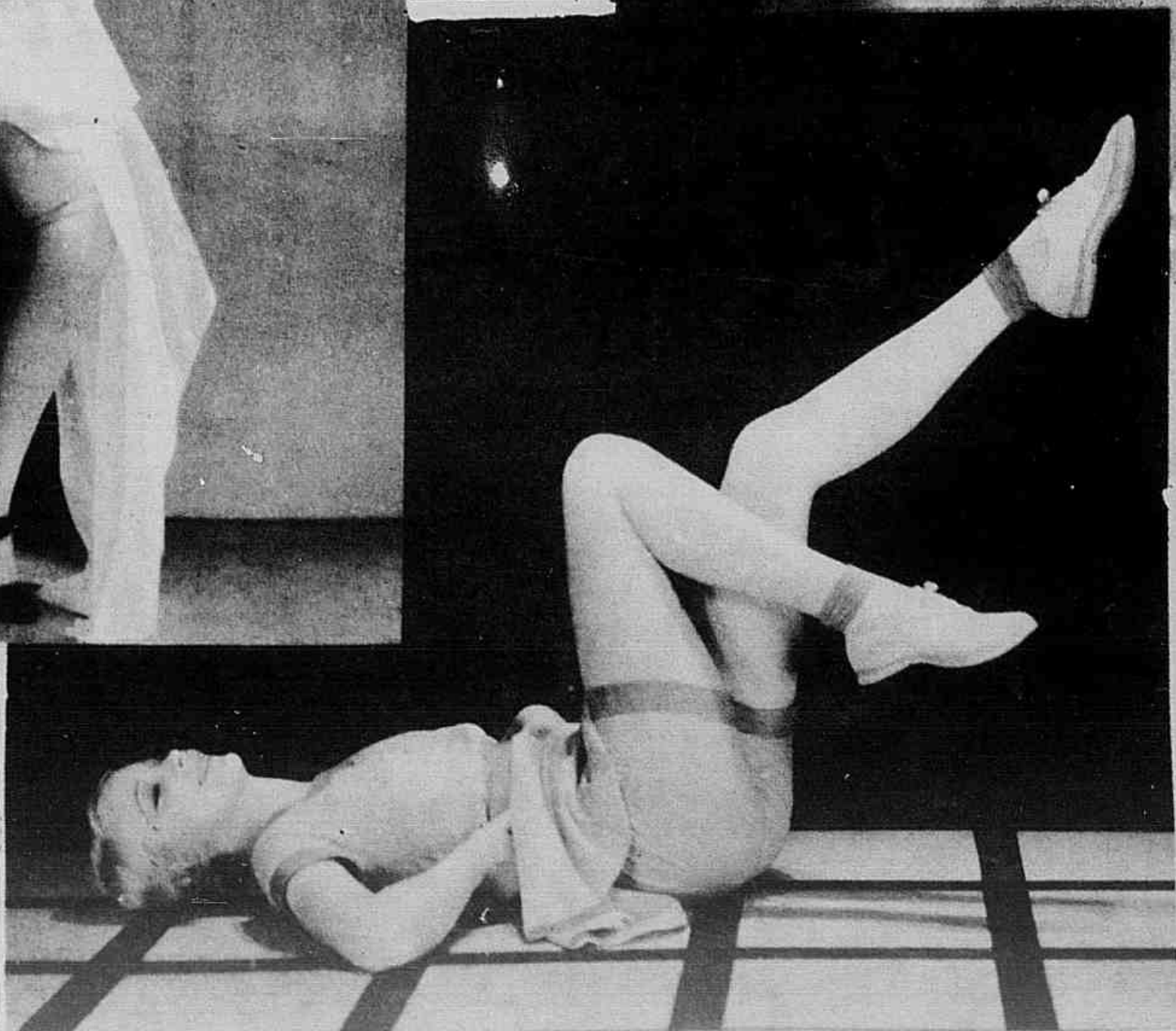
VIRGINIA QUASI... DE BRUÇOS.

E' LOURA, SIM...

VIRGINIA DA CALIFORNIA...

ELLA ERA "EXTRA" E AINDA E'...

Seu Menjou chegou de viagem...

Menjou achou a Europa e seus Studios muito atrazados.

Adolphe Menjou. Figura suave e distincta. O *boulevardier* incorrigivel O seductor perigoso. O homem que sempre é um bom partido... Aborreceu-se seriamente de Paris. E, apesar de todas as suas entrevistas dizendo, antes, que nunca mais deixaria Paris. Que, nunca mais!, voltaria á terra do *dollar*.

Voltou...

E voltou cabisbaixo. Sério. Com grande vontade de trabalhar e esquecer a sua tentativa franceza...

São delle, algumas das palavras que se seguem.

Hollywood, que elle sempre disse aborrecer. E que, afinal, deixou sob promessa de nunca mais voltar a ver... E', novamente, o seu lar. Lar que já foi seu, durante annos e annos. Desde seus tempos de extra, na Vitagraph, até ao apogeo maior de sua fama e gloria.

Está elle, de novo, fazendo films americanos. Apenas fez um film em Paris, para a Pathé-Nathan. *Mon Gosse de Père*. Depois delle, embora, nas suas primitivas entrevistas houvesse dito que faria mais uma grande serie. Voltou. Voltou, porque não poude mais supportar aquillo. Acostumado ao maior conforto. Não concebia certas difficuldades que, lá em Paris, surgiam á cada passo...

A razão maior de seu embarque para Paris, foi uma. E' que elle contava, quando terminasse o seu primitivo contracto com a Paramount, que os productores o procurassem e lhe offerecessem gordos ordenados, pela reforma do mesmo. E, no emtanto, tal não succedeu... Zangou-se e, para mostrar sua queimação, resolveu partir. Mas acha, hoje, que foi gravissimo erro seu. E que, de bom grado, voltaria atraz, se pudesse.

Momentos antes de partir para Paris, ha tempos, perguntaram-lhe porque o fazia. E elle, referindo-se ao seu contracto que expirára e ás demais propostas que não recebera. Disséra, enraivecido.

— Nem siquer uma proposta me fizeram!

Elle não se conformava em reformar seu contracto, pelo mesmo dinheiro. Achava aquillo um absurdo. Ficou, dias e dias, em seu appartamento, esperando que lhe procurassem os productores. Mas, ao cabo delles, exhasperou-se. Não aconteceu o que elle previa. E, assim, foi forçado a tomar uma resolução. A primeira que lhe occorreu ao cerebro, foi logo a errada.

— Irei fazer *talkies* em Paris!

— Não acha que errou, partindo para Paris?

Perguntamos-lhe.

— Sem duvida! Houve um grande erro. Mas confesso que errei. Antes assim, não é? Alem disso, acho, mesmo, que estava com salario excessivo, naquella epoca. Nada me teria custado, mesmo abaixar minhas pretenções. Meus films eram populares no estrangeiro. Mas nos Estados Unidos, no Sul, particularmente, eram fracassos que não justificavam, absolutamente, o ordenado enorme que eu estava percebendo quando meu contracto expirou. No emtanto, não era por minha causa e nem por minha culpa que me estavam pagando assim! Jamais pedi augmento de ordenado. Sempre os recebi, com alegria, é logico, mas sem ter pedido, antes.

Em Paris, depois de algum descanço, Menjou assignou um pequeno contracto para figurar nos films da Pathé-Nathan. Fez *Mon Gosse de Père*, como já foi dito. Em duas versões. Ingleza e franceza. Disse-nos elle que, afinal, não está máo film.

— Os Studios francezes, meu amigo, é que estão atrazadissimos! Ficam milhares de milhas distantes dos de Hollywood...

E depois, alem disso, aborreci-me seriamente da Europa. Aquillo já me estava pondo nervoso. E, afinal, reconheci que para passar férias, é agradabilissima a velha Europa. Mas para morar...

E foi assim que, aborrecido, enjoado da velha Europa. Elle voltou a Hollywood.

Quando chegou. Tambem não houve recepção alguma. Nem as fabricas correram á recepção, com contractos novinhos. Nenhuma, mesmo, procurou-o.

Mas elle resolveu ficar calmo e na expectativa. Para ver no que dava isso tudo...

Procurou, depois, a Paramount. Offereceu-lhe, de novo, seus prestimos. E esta, depois de alguma hezitação, offereceu-lhe um curto contracto, para fazer as versões franceza e hespanhola de *Slightly Ccarlet*, cuja versão em hespanhol passou a se chamar *Amor Audaz*.

Mas não lhe pediram que falasse inglez...

No emtanto, pelas duas versões, iria ganhar um bom ordenado. Mas... Terminou a ambas e, de novo, ficou parado... Depois de Junho havia uma opção para versões francezas. Que, esperava elle, havia de lhe caber, satisfactoriamente.

— E espero que elles não deixem de a realizar! Porque, creia, não quero voltar á Europa. Os methodos de filmar, os costumes dos Studios francezes. São atrazadissimos! O Cinema europeu, todo elle, não vae além de um grande fracasso.

Depois de uma pausa, perguntamos-lhe pelos seus planos.

— Meus planos?

Tornou a pensar alguns instantes. Depois resolveu falar alguma cousa.

— Tenho alguns. De facto, não poderei voltar á posição que eu tinha, assim num golpe. E' preciso que eu vá lentamente. Recuperando lentamente a minha posição. Mas uma cousa eu garanto. Não assignarei contracto algum, creia, que não me garanta bôas historias, bons elencos, bôa producção e, principalmente, bons directores. Sem isto, confesso-lhe, não me interesso por trabalho algum!

Tornou a parar, para pensar, alguns segundos e, depois, continuou.

— Não me interessa, garanto-lhe, ser novamente um *astro*. Não interessa, em primeiro, porque, sabe-se, os ordenados vão num crescendo intenso. Que, afinal, nas estatisticas que fazem, chega-se a ganhar mais do que um Presidente de Estado... E, além disso e segundo motivo. Só o ordenado do *astro*, enche as folhas de um orçamento que se faça para um film. Como resultado, arranjam-se meios de equilibrar as despesas restantes, para, assim, conseguir tudo dentro do orçamento. E, na maioria das vezes, para equilibrar um orçamento, o *astro* tem máo elenco para seu film. Director fraco. Historia barata. E scenario mais barato ainda... Resultado?... E' evidente. Máo film e, sem duvida, desprestigio para o artista.

Depois de pensar mais alguns segundos continuou.

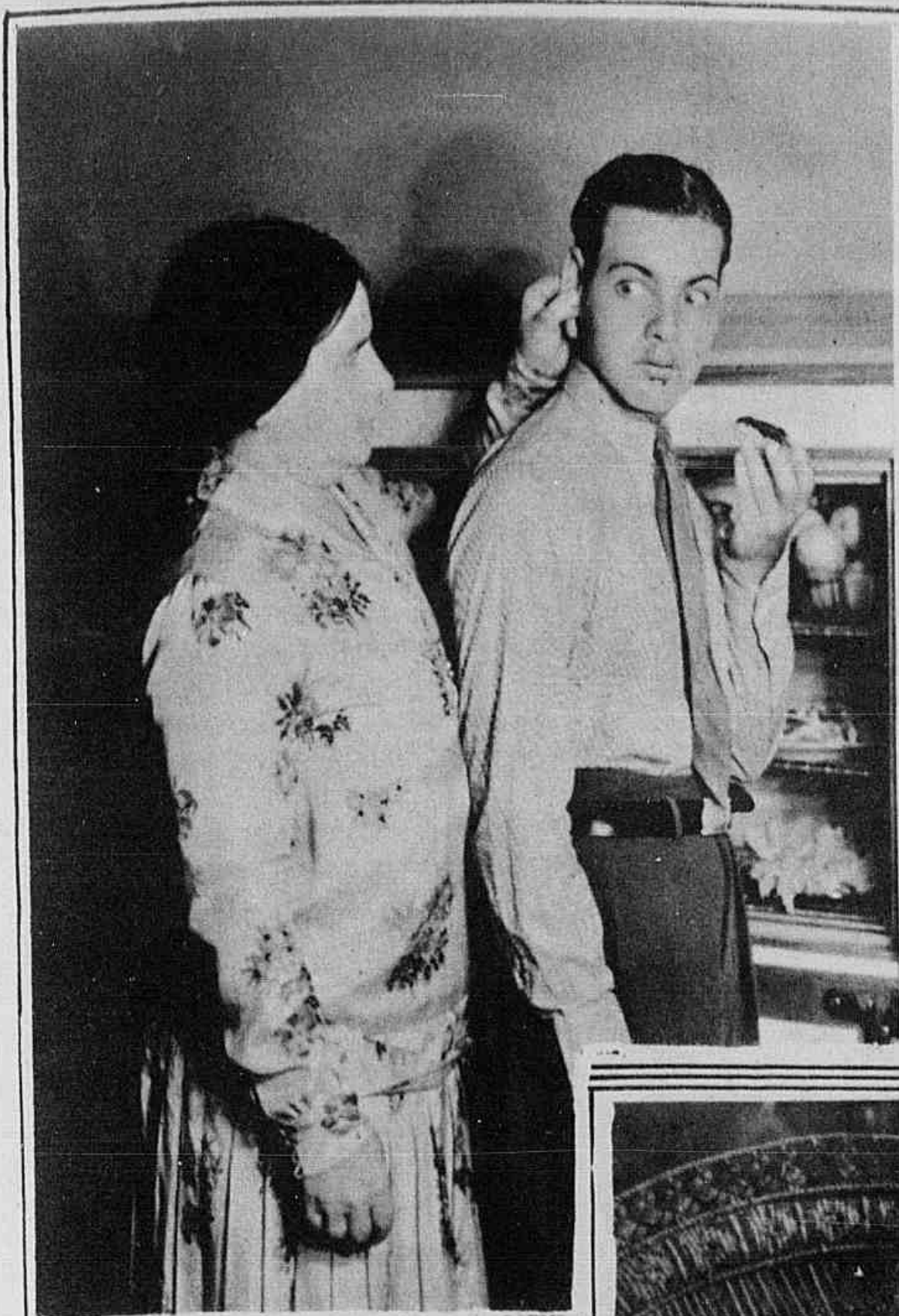
— Sendo apenas *featured*, como chamam em Hollywood, poderei ter bons papeis. Bons films. Bons directores e bons companheiros. E, assim, serei eu o unico beneficiado. Presome de não ser um tolo. Comprehendo e reconheço, sinceramente, que errei redondamente, quando deixei Hollywood e, num impeto de genio, resolvi ir trabalhar em Paris. Errei, por muitos motivos. Dos quaes, os principaes já se acham acima expostos. Mas, agora, posso me sentir satisfeito. Porque, afinal, estou de volta...

—o—

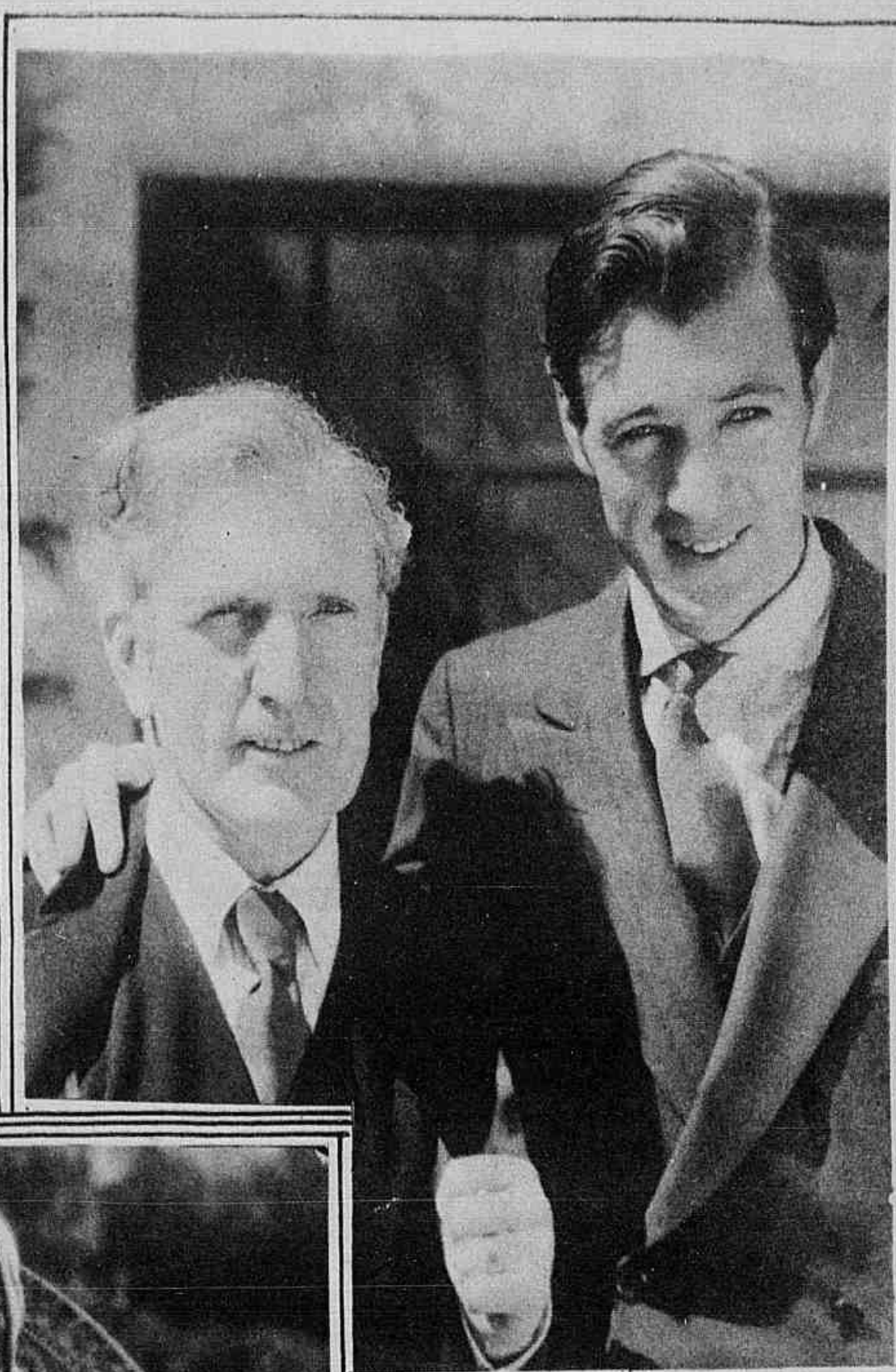
Foi tudo quanto nos disse Adolphe Menjou. O homem que está com a moral abatidissima. E que a procura resurgir, agora, numa serie de bons films. Embora já tenha perdido e para sempre, a posição alta e bonita que tinha, ha annos, na Paramount.

Parece, agora, que a M. G. M. o porá sob longo contracto. Mas para papeis principaes de suas versões estrangeiras. Em inglez, para *primeiras*, não mais...

₰ · Rowland V. Lee dirigirá *Rolling Down to Rio*, para a Paramount com George Bancroft no principal papel e Betty Compson, secundando-o.

₰ *Forever Yours*, que Sam Taylor está dirigindo para a United, com Mary Pickford, terá Kenneth Mac Kenna como galã.

MAMÃE

"KNOWS

BEST..."

EDDIE QUILLAN

GARY COOPER E O VELHO

CLAUDETTE COLBERT

STANLEY SMITH, nova figura da Paramount.

RICHARD ARLEN

KATHRYN CRAWFORD

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA

mar meu dote. A senhora vendeu aquelles nossos campos tão ricos. Tão ferteis! Ao Paschoal! E, Mamãe, eu tambem soube a que preço...

Marta quiz retrucar. Quiz negar. Acabou abaixando o rosto. Esperando, como se fosse ella a filha.

A reprimenda com a qual ella contava certo.

— Mas Mamãe! Nunca deveria ter feito isso! Sabe perfeitamente que eu não queria tadamente! Eu bem te conheço, vil rapoza! Paschoal acabou perdendo a paciencia. Num gesto brusco, ameaçou o braço para Carlotta.

Mas Marta atirou-se para sua frente e recebeu, em pleno rosto, violenta bofetada.

A acção foi rapida. Marta quasi tombou. Num instante, sem que para nada houvesse tempo, Carlotta, violenta de genio, agarrou impulsivamente um punhal. E, antes que alguem pudesse reflectir ou pensar em tomar uma medida de calma. Enterrou-o, todinho, pelas costellas de Paschoal.

— Esta é para não agredires mais á uma mulher!

Estabeleceu-se tumulto. Num instante, Carlotta comprehendia o que fizéra. Paschoal, no chão, gemia e estertorava.

— Mamãe. Eu o matei!

Antonia approximou-se da porta. Num instante, Toni ali estava e combinava-se a fuga. E, protegidos por Antonia, Carlotta e Toni fogem, dali. Para outro local ou, mesmo, para outro Paiz.

E ao passo que Paschoal, ferido, contava o incidente ás autoridades. Marta, triste. Apenas ten-

Casavam-se, Carlotta e Toni. Numa aldeia do Norte da Italia.

Pleno verão de 1914, para mais ainda augmentar o "calôr" que aquellas festas iam despertando nos que ali se achavam.

E emquanto os noivos se sentiam felizes, esquecendo-se de tudo. Eram Marta e Elena. Mãe e filha. Que cuidavam dos aprestos. Do trato dos hospedes. De tudo, emfim.

Foi nesse momento que um auto vindo de Roma, parou. E, delle, desceram Antonia. Mais uma das filhas de Marta. Com o seu empresario. Porque Antonia era excellente soprano. E, ali se achava, assistindo o casamento, de passagem. Porque já ia para Vienna. Aonde devia estrear numa das mais importantes casas de espectaculos. Cantando uma opera de responsabilidade.

Era assim que, um casamento, unia. Inesperadamente, aquella familia toda. Marta, á Mamãe. Elena, Carlotta e Antonia, as tres filhas.

Ali, todos se divertiam. Ninguem pensava em mais nada. Marta, radiante, servia a todos. E, em

intervallos, conversava com Antonia. Perguntava-lhe por tudo. Dava ordens a Elena. E, de longe, espiava Carlotta. Feliz e sorridente, ao lado do seu Toni.

Foi por isso que, quando Carlotta sahiu de seu logar. E procurou Marta. Ella estranhou.

— Mamãe. Quero fallar-lhe!

Marta. pensou em um milhão de cousas. Mas o que seria? Conselhos? Mas não... Porque, afinal, ella sempre criara suas filhas de fórma differente... O que seria?

— E' que soube agora, Mamãe' que, para for-

As tres IRMANS

(THE THREE SISTERS)

FILM DA F O X

LOUISE DRESSER	*Marta*
June Collyer	*Elena*
Kenneth Mac Kenna	*Conde d'Amati*
Tom Patricola	*Toni*
Joyce Compton	*Carlotta*
Addie Mc Phail	*Antonia*
John Sainpolis	*O Juiz*

Director: — *PAUL SLOANE*

isso Porque? Pensa que me agradou? Eu sei que foi para meu bem. Sei, ainda, que me quer muito. Tanto quanto quer Elena ou Antonia. Mas não devia ter sido assim, Mamãe...

Continuou ainda por algum tempo o fallatorio. Até que Paschoal, tendo ouvido seu nome, approximou-se.

— Quanto á você, usurario de baixa especie...

E arrumou-lhe, pelas ventas, phrases e mais phrases. Todas inspiradas no odio que a movia toda.

A principio, Paschoal não reagiu. Tentou se defender. E a cousa já se ia fazendo feia.

Marta apellou para os que ali se achavam. Pediu-lhe que os deixassem tratar daquillo. E, emquanto Toni ia tratar disso. Só ficaram ali Paschoal, Marta e as tres irmãs.

Continuou a disputa.

— Foste um vil canalha! Fizeste isto premedi-

do ao seu lado a sua querida Elena. Pensava nas suas duas filhas. Que ha pouco ali estavam. E que tão tragicamente della se haviam afastado...

Não demorou muito a Marta comprehender que Elena tambem a ia abandonar.

E' que ha muito que ella se interessava pelo Conde d'Amiti, um rapaz de nobre linhagem. Distincto e militar dos mais garbosos.

Esse interesse, a principio. Fez-se profundo amor. E, depois, veio o noivado.

Era mais uma de suas filhas que ia partir. Deixal-a. Fazer, com ella, o que tinham feito Carlotta e Antonia. Uma, casando-se. Outra, vivendo para sua arte.

E Elena se casou, mesmo. Casou-se com d'Amiti. Porque ella o amava de verdade. De nada adiantou seu pae o desherdar. De nada valeu reprehendel-o, severamente. De nada! D'Amiti amava Elena. Casou-se com ella, porque achava que isso era o sufficiente.

Partiram, depois de casados. Deixarám Marta sózinha. Mais uma vez pensando, maduramente, emquanto todos ao seu lado passavam, indifferentes ao seu soffrimento. Na sorte daquellas tres moças. Filhas de sua alma. Que longe della estavam. Cada qual seguindo o roteiro de seus destinos.

Um anno depois, Elena voltava. Mas antes não voltasse. Porque, infelizmente, eram tragicas as condicções desta volta...

(*Termina no fim do numero*)

CHARLES CHASE NOS FILMS... E, EM CASA, COM AS SUAS DUAS FILHINHAS.

Assistimos, ha dias, a versão synchronisada de "Os Dois Amantes", film da United, com Ronald Colman e Vilma Banky.

Elle nos lembra, agora, um ligeiro commentario sobre a sorte de musica que os americanos estão mandando suas orchestras tocarem, para seus films.

"Os Dois Amantes", sem favôr, foi o film melhor synchronisado que já vi. Melodias finissimas accompanharam o film todo, executadas, todas ellas, por orchestra das mais finas. E, além disso, collocadas com tanta justeza, ao lado da acção. Que, sem favôr, elevaram o valôr já existente do film, para mais 30 %. E, assim, ouvindo-a, desejamos, sinceramente, que os outros tambem assim fossem.

Aliás, mesmo, seria esse o ideal. Films silenciosos, musicados. Com sons e, sobre falas, apenas algumas. Principalmente as que pudessem substituir os letreiros e... nada mais!

No emtanto, tem sido feito bem ao contrario. E, em materia de musica, então, as tragedias que se têm dado, commumente. Principalmente em casos como o de "A Marselheza", que tinha musica genuinamente americana. Quasi "fox-trots", cantados por Rouget De Lisle...

Mas não nos deve fugir a esperança. Porque, afinal, antes de mais nada, o americano é um bom commerciante. Não lhe falta argucia sufficiente, para discernir que anda errado. Nem vontade, é logico, de accertar. Basta que se veja o grande movimento que já se opera, em toda a America do Norte, (parte Cinematographica, é logico!) em pról do film falado em linguas estrangeiras. Inclusive a brasileira, da qual já estão pensando. O que depende, apenas, é do publico não acceitar, como tem acceito, um tão grande excesso de musica cretina!

Não é dizer, logicamente, que são necessarias melodias extrictamente classicas. Symphonias de Beethoven. Ou melodias de Bach. Não! Mas a musica singela. De autores menos celebres, mesmo. Mas ao menos melodiosos. Já bastaria!

Tshaikowski, por exemplo, apesar de ter, na sua bagagem musical, peças profundamente classicas. Não tem, tambem, uma Valsa ou uma Serenata que são verdadeiros prodigios de melodia simples e enlevante?

Neste mesmo caso, temos muitos outros. Quasi todos! E, ainda, recuando um pouco mesmo, já vamos encontrar os compositores de operetas, como Franz Lehar, Kalman, Fall e muitos outros. E, mesmo, na revista americana, compositores do valôr de um Hammerstein ou de um Friml. Que, a par de algumas melodias fracas offerecem, ás vezes, cousas como o "Indian Love Call", de "Rose Marie". E, agora, que acabamos de ouvir, partituras como a de "Rei Vagabundo", por exemplo.

Estes, ainda que não sejam, logicamente, aquillo que se poderia idealisar, em musica. Já representam, sem duvida, cerebros muito mais intelligentes e aptos do que de um Irving Berlin, por exemplo. Que além dos seus "blues" e dos seus syncopados todos. Bons, uns. Fracos, outros. Nada de real valôr já fez pela musica. E, no emtanto, muito mais musicas se ouvem delle ou de um trio como o de De Sylvia, Brown & Henderson. Do que dos citados e, ainda, Strauss e mais alguns outros, realmente approveitaveis.

Grande parte deste nosso commentario, é baseado no enthusiasmo que em nós despertou a musica de "Rei Vagabundo", que vimos no Capitolio. E, ainda, nas possibilidades que já se antevêm para "Amor de Zingaro", brevemente. Muito embora as melodias deste ultimo, a não ser "The White Dove", pouco valham mais do que um "fox" de Irving Berlin...

"Rei Vagabundo", com a musica de Friml, é mais um film que se póde assistir e, igualmente, ouvir. Além das vozes de Dennis King e Jeanette Mac Donald. Soberbos, ambos. Existe a partitura firme e segura que acompanha todo desenvolvimento do film.

If I Were King, *Only a Rose*, *Song of the Vagabonds* e a valsa *Huguette*. São trechos, todos elles, invulgares. Quer seja pela riqueza de melodia que todos têm. Quer seja pela soberba intepretação que lhes deram os dois já citados artistas e mais Lillian Roth, cantando a valsa *Huguette*.

Não são musicas apenas com o tempo mais demorado, para tirar o syncopado natural ao "fox". Já têm mais melodia e já apresentam cousa que ouvidos um pouco mais exigentes possam ouvir.

E, quando já se ouviu uma synchronização perfeita, como a que falamos, no principio. E, depois, uma partitura excellente, como a deste film. Não se

DENNIS KING, O SUCCESSO DA SEMANA.

póde esperar com segurança, uma mudança talvez lenta, mas certa, de todos os processos musicaes dos Estados Unidos?

Isto falo, com toda sinceridade, porque, afinal, não seria exhaustivo, para nós, termos que apresentar films em brasileiro, por exemplo, apenas com melodias de sambas ou catêrêtês?... Custaria variar, para uma canção Brasileira? Ou, mesmo, uma brasileirissima valsa?... Não, não é? Mesmo sem precisar ir procurar classicos profundos.

E, assim, depois de uma tempestade de "fox" e "blues", etc., chegamos, finalmente, á um ponto mais

Dó Ré Mi Fá Sól

sério, musicalmente falando. "Rei Vagabundo" e "alguns" outros que já se annunciam.

Não, estão já cançados de ouvir um dansarino sapatear e uma bailarina dansar "fox" de ponta?

Não estão já cançados de ouvir o galã gemer um "blue" aos ouvidos da heroina melindrosa?

Não estão já cançados de "boys" e "girls" a soluçar quartetos e sextetos langorosos?...

Pois é isso. E' a nostalgia da bôa musica. Ainda aquelle que menos apreciar musica. Não póde deixar de se estarrecer, quando ouvir um commum "Humoresque", de Dvorak. Ao passo que esse mesmo, em casa, casa, chegará a desligar o radio, se começar á ouvir muito "blue" e muito "fox"...

Inauguramos hoje, nesta secção, que passará a sahir semanalmente, alguns commentarios sobre os acontecimentos musicaes mais importantes que se estão fazendo nos Estados Unidos, agora, em relação aos films falados e cantados.

Davi Broekman, director geral do departamento musical da Universal, acaba de compilar a musica que deve acompanhar as versões synchronisadas de *All Quite on the Western Front*, pelo mundo todo. As melodias, na sua maioria, são de origem allemã.

T. Henry, chronista musical de Los Angeles diz, a seguinte maldade, num dos seus commentarios.

— A idéa que se possa fazer de que o publico não aprecie a voz, no Cinema, é a mais ridicula possivel. Haveria alguem, no mundo, que supportasse Lawrence Tibbett ou Maurice Chevalier, num film, se os mesmos não falassem ou cantassem?...

Sigmund Romberg, compositor musical de grande valôr e, além disso, autor de toda a partitura da operetta "Viennesse Nights", que a Warner Bros. já produziu. Diz, referindo-se ao publico, em relação á musica fina.

— A musica symphonica será, para os que não apreciam musica, a cousa mais insupportavel possivel. No emtanto, bem illustrada, pela acção do mesmo trecho. Quer pelos versos, do libreto. Quer pela

Será perfeitamente accessivel ao publico. Que, depois de ouvir algumas composições deste mesmo genero, acabará, é logico, accostumando-se naturalmente á mesma. E, depois, não mais prescindindo della. Deve ser ministrada, no emtanto, em dóses as menores possiveis, a principio. Até que o publico se accostume á mesma.

Um commentario, sobre a musica dos films, diz o seguinte.

— Hoje, a heroina dos films é forçada a cantar. Cante ou não cante, é obrigado a cantar! Assim, o resultado é justamente aquelle que já se percebe: a canção perde todo valôr e a artista ainda acabá desácreditada...

Para os que entendem inglez, e, naturalmente, já se aclimataram com o Cinema falado, aqui vae uma "bóla" sobre a intelligencia dos compositores de "fox trots"... Conta-se que um delles, ao qual pediram uma canção thema para um film que se ia chamar *How can He be Napoleon?*, sobre a vida do mesmo militar, entregou, mas depois, a mesma, com o seguinte titulo: *Way Down North Up in Dixie*...

Que tal?

Ouvimos, nesta quinzena, os discos dos seguintes films.

THE VAGABOND KIND — Victor, n.° 19897, que tem as canções "Song of the Vagabond", hymno dos vagabundos, que Dennis King, no film, canta, incitando os companheiros á defeza da França. Cantado pelo proprio Dennis, com côro afinado. Um esplendido disco que deve figurar em todas as bôas collecções. O verso mesmo é occupado pela canção "Only a Rose", cantada por Carolyn Thompson, que, sem duvida, não é uma Jeanette Mac Donald, embora tenha um fiozinho de voz bem afinado. Esta mesma "Only a Rose", ouve-se, tambem, no disco Victor n° 1448, sello vermelho, cantado pelo tenor Richard Crooks e que, no seu verso, tem a canção "Rio Rita", do film do mesmo nome. E' um excellente disco. Mas a voz de Dennis King, apesar de tudo, é mais viril do que a de Crooks. "If I Were King", cantada por Dennis King, é outro esplendido disco. A sua esplendida voz de barytono, ouve-se soberbamente neste disco. Mas, no verso, a canção "Nichavo", que o mesmo Dennis vae cantar em "Paramount on Parade", é, sem duvida, melhor e muito mais interessante. Estas duas melodias, sem duvida, tornam o disco Victor 22263, que as contem, um dos melhores. "Huguette", a valsa que Lillian Roth canta, no film, tem no disco Victor, n.° 20512, excellente interpretação pela orchestra de Nat Schilkret.

Aliás, este, é um dos trechos mais bonitos do film e a melodia, igualmente, uma das mais bellas. Para dansa, ainda que inutilisando grande párte das bellezas das melodias "Only a Rose" e "Song of the Vagabonds", a Victor lançou a edição da International Novelty Orchestra, sob n° 19901.

CAPTAIN OF THE GUARD (A Marselheza) — Já se acham a venda, as melodias de John Boles, deste film. *For You* e *You. You Alone*. Duas valsas, das quaes a primeira é a melhor. Pertencem ás mesmas ao disco Victor n° 22373 e são esplendidamente cantadas pelo proprio John Boles. Que, para ser perfeito, só falta cantar com menos preoccupação vocal e mais sentimento.

RIO RITA — Que foi uma das operetas de mais successo, no theatro de Ziegfield, tem as suas melodias muitissimo conhecidas. Não ha quem não conheça "Rio Rita" ou "Kinkajou". A Victor, sob n.° 33312, resolveu dar uma versão Brasileira dos mesmos numeros. Canta-os, muito, bem, aliás, Arnaldo Pescuma, com acompanhamento pela orchestra Victor. Para os que preferirem a versão Brasileira, póde-se affirmar que é um disco muito bem cantado e esplendidamente gravado. A Columbia, sob n.° 16 —B., apresenta um finissimo disco sobre este mesmo film. Trata-se de uns miscelanea das musicas do mesmo, cantadas pela Columbia Light Opera Company. Um disco que deve ornar todas as bôas collecções e do qual os bons "fans" musicaes não se devem afastar.

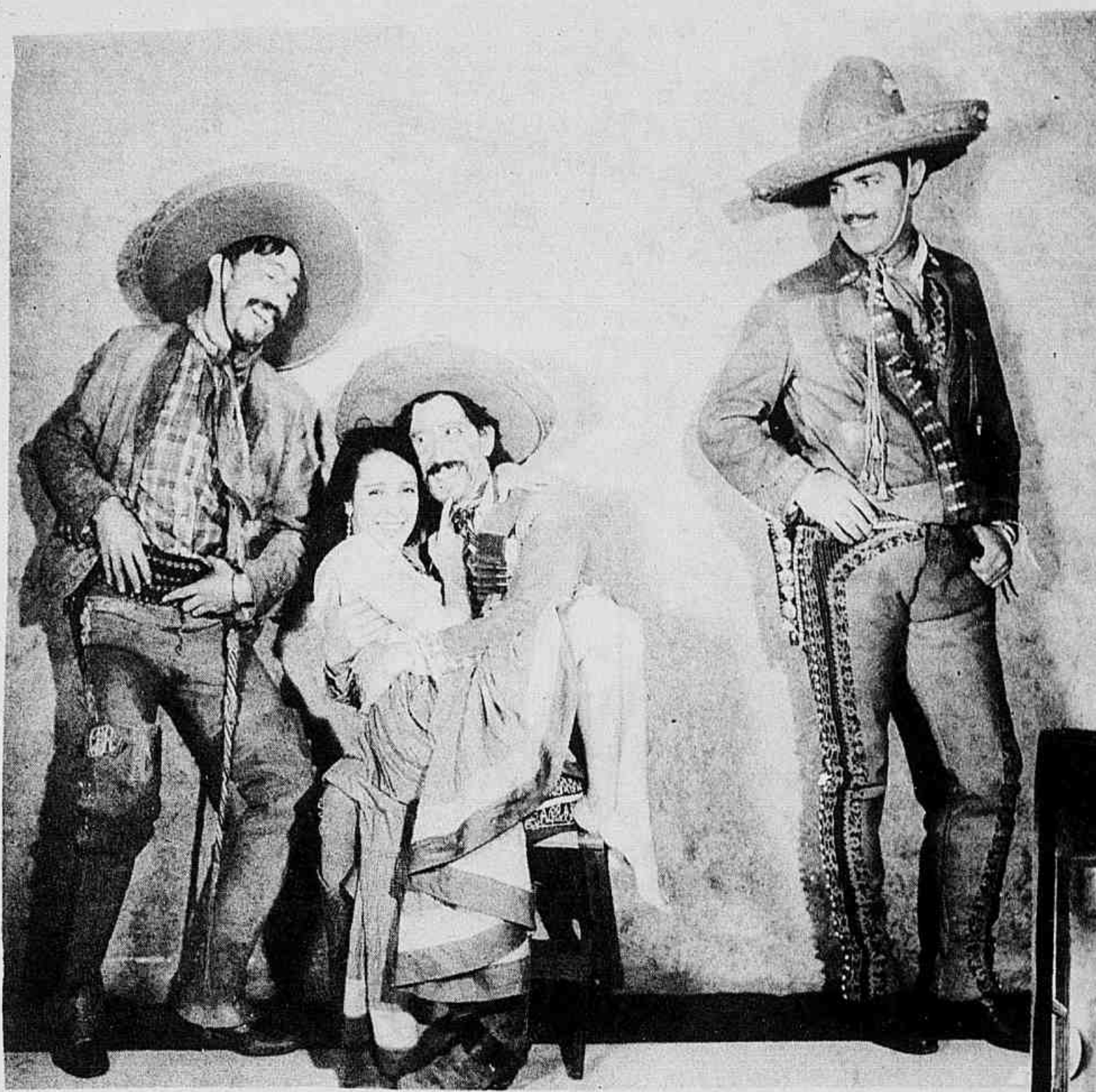
SALLY — Ha dias exhibido, tem, sob n.° 22250, da Victor, duas de suas melodias. *Look for the Silver Lining* e *Wild Rose*. Trata-se de um disco para dansa, executado soberbamente pela orchestra de Leonard Joy, que se intitula *The High Hatters*.

O REI DO JAZZ — Este film, apresentando Paul Whiteman e seu conjuncto, já tem, aqui, os se-

(*Termina no fim do numero*)

THELMA TODD

GOSTO DE VOCÊ TAMBEM. DOS SEUS OLHOS. DO SEU SORRISO. MAS... VOCÊ VAE CANTAR?

O homem mau

ANTONIO MORENO .. ... *Sancho Lopez*
Rosita Ballestero .. .. *Maria*
Andrés de Segurola .. .. *Morris*
Juan Torena .. .. *Alberto*
Director: — *WILLIAM MC GANN*

Alberto sentia-se agoniado. Era a hypotheca que se vencia. E, o que era peor, Maria, aquella que elle tanto amava. Ali, ao seu lado, casada com Morris, um individuo de má catadura e máos principios.

Como solver a situação?

Dobbs viria tomar posse da propriedade que lhe pertencia, sem duvida. Ou Alberto lhe arranjava os 10 mil dollars ou, então, entregava a estancia. Aquillo o amargurava, intensamente. Porque, afinal de contas, ali passaára sua mocidade. Ali exgottara annos e annos de luctas, ao lado dos seus. E, assim, de um momento para outro, achava-se, ainda que não o quizesse, estupidamente espoliado.

No emtanto, Dobbs tinha razão. Era delle o dinheiro que fôra emprestado. Não se fazia o resgate, logicamente devia elle tomar posse d o que lhe pertencia.

E, assim, sob o ciume de Morris. Que não o tolerava na presença de Maria. Desconfiado e ciumento de sua propria sombra. E com a presença de Dobbs e de sua filha Angela, uma romantica e sonhadora creatura. Alberto sentia-se suffocar.

A unica solução, naquella noite de aborrecimento, foi conversar com Maria. Fel-o, por longos minutos. Esquecendo-se, assim, um pouco do quanto já lhe vinha acontecendo.

A' hora de recolher, Morris já estava em seu quarto, esperando por ella. Furtivamente, Alberto beijou-lhe a mão. Nada havia entre ambos, a não ser o grande amor que os unia. Mas Maria era digna e Alberto era decente. Jamais haviam pensado em dar tamanho desconforto moral a Morris.

Mas quando Maria entrou, encontrou um sobrecenho carregado e uma ameaça atroz num sorrizo canalha.

— Já vens, tão cedo, dos braços de teu amante?

Ella sentiu uma onda de sangue subir-lhe á cabeça.

— Morris, não deves ser tão cruel! Estive conversando com elle, é exacto, mas não vim de seus braços.

— Mentes !

— Digo-te a verdade!

— Mentes e me vaes pagar. Queres assim me humilhar, vil creatura, por que?

— Mas eu não te quero humilhar, Morris, eu sou tua esposa e sei valer a decencia deste titulo!

— Mas tu o amas?

— Não o nego. Apesar disso, garanto que sei ser tua esposa!

— Mas tu o amas?

— Já disse que não o nego!

O que se seguiu, foi rapido. Morris, impelliu-a até ao leito. Esbordoou-a. E, quando ella já chorava, terrivelmente magoada, elle arrancou da espora e, violento, investiu para ella.

— Vou marcar-te, vil infame, para que me não infames mais!

E correu para ella. Agarrou-a. Ia feril-a, desapiedadamente, quando ouviu um tremendo tiroteio, no pateo. Soltou Maria, incontinente. E, quando se quiz voltar para o janella que dava para o patamar, já tinha, diante de si, um canno de revolver e dois olhos negros e brilhantes, emoldurando um sorriso de aço em dentes de neve.

Era Sancho Lopez. O *Homem Máu*. Terror daquellas cercanias. Espantalho de todo mundo...

— Com que então, meu bom amigo, agredindo uma mulher...

— Quem é você?

— Não me conheces?

Agarrou-o, atirou-o longe, num murro,

— Sancho Lopez?

— Achas?

Elle mal se ergueu. Tremia e temia aquelle homem de tão má fama e de tão feroz catadura.

— Mas ella é minha esposa !

— E isto te dá o direito de bater?...

— Sim !

— Neste caso, tambem tenho de te arrumar uns pescoções...

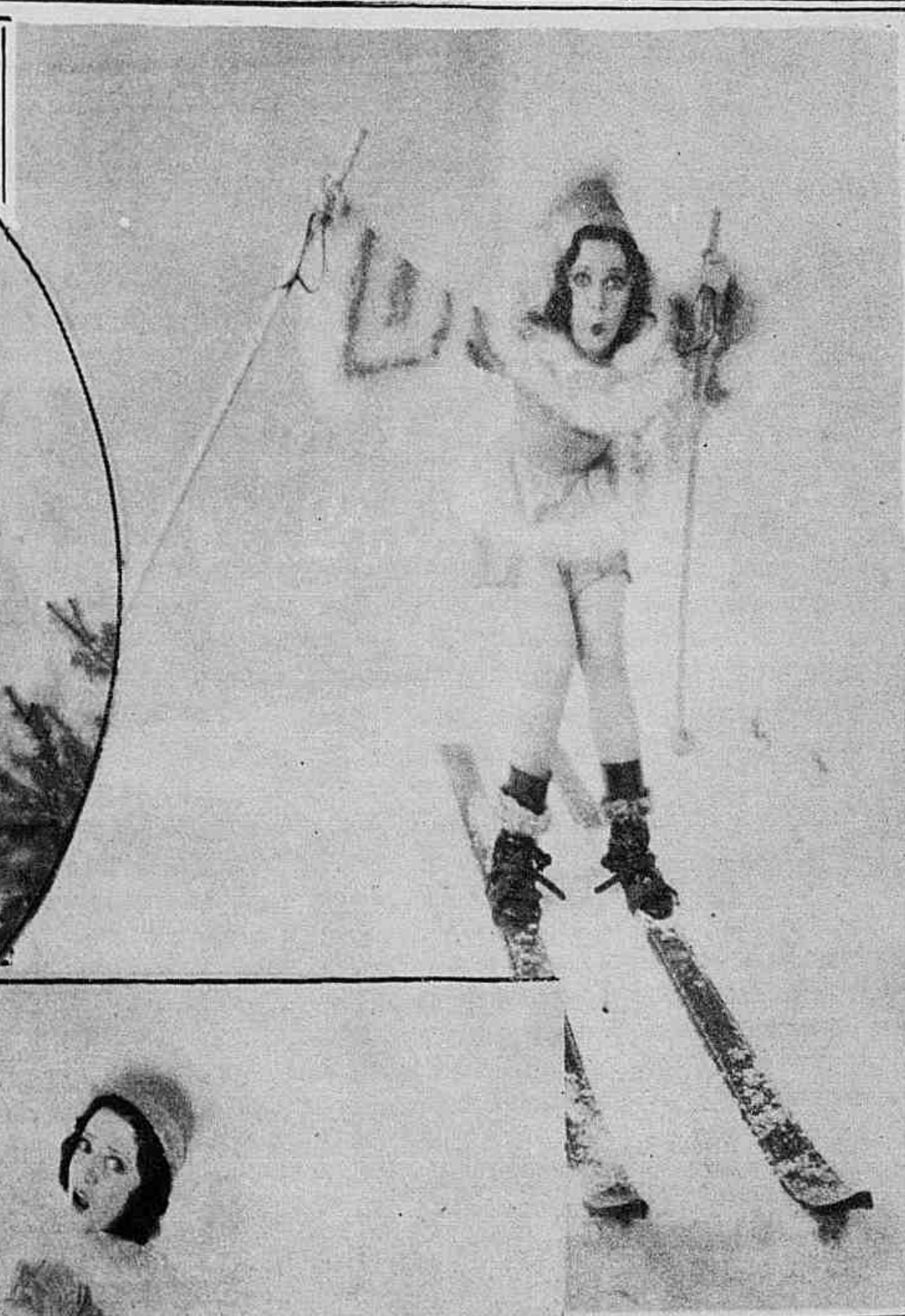
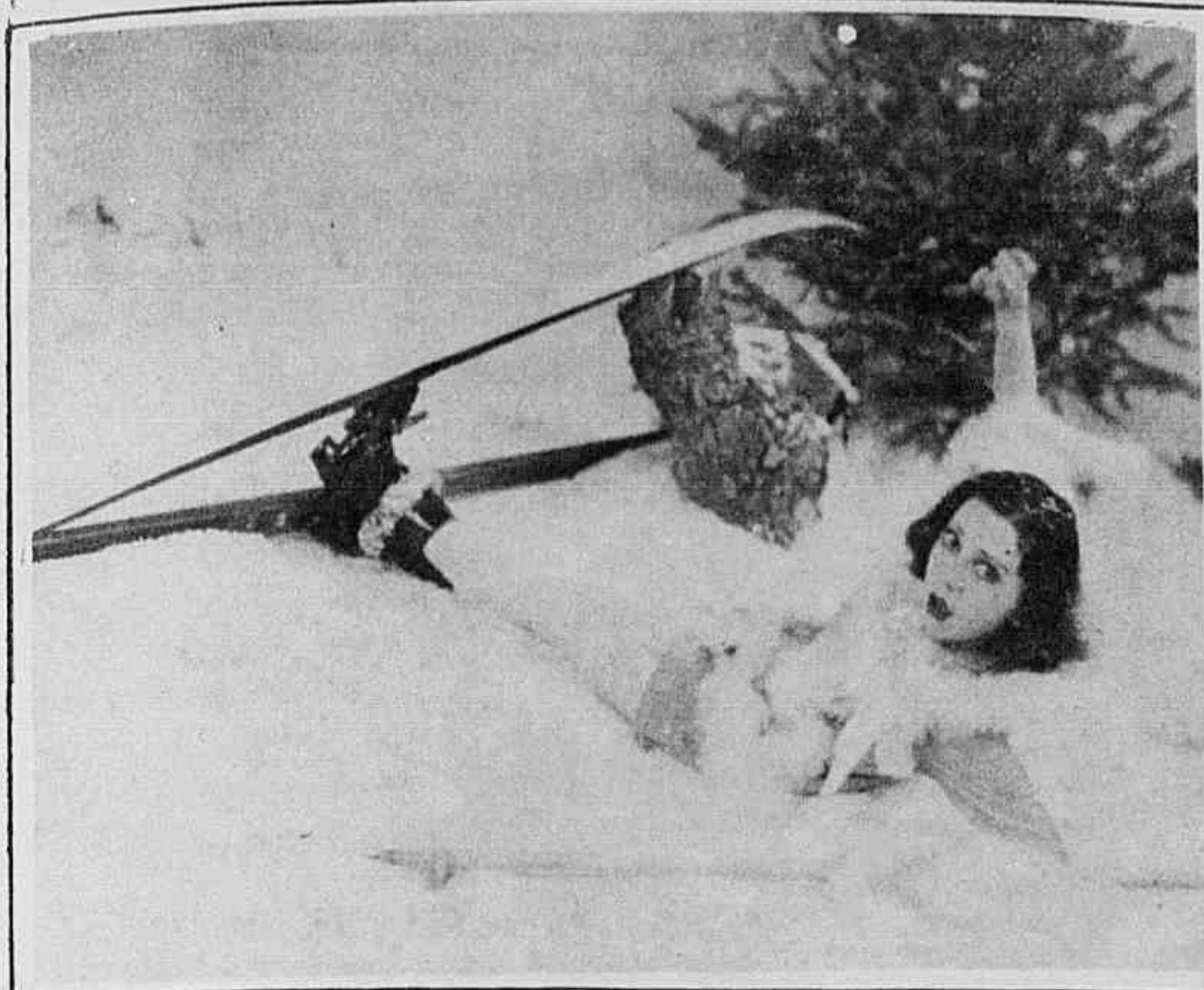
Nem o disse, melhor o fez. Atirou-o pelas escadas a baixo. E, fazendo uma reverencia delicada a Maria, entrou logo a cortejal-a...

* * *

Dois dias depois, Sancho Lopez estava ao par de tudo. Sabia que Maria amava Alberto. Que este, dedicado e sincero, era a alma daquelle misero rancho e o sustento do velho Taylor. E que Morris e Dobbs, dois exploradores, ali apenas queriam interesses pessoaes. Morris, porque achava que aquelle terreno tinha petroleo. E Dobbs, que tambem sabia disso e tinha a cautela da hypotheca que lhe garantia socego, ali, com petroleo e tudo...

Sancho Lopez, em tudo isto, tinha uma alma branca. Acostumado ao roubo e ao saque. Não fazia o que lhe vinha á mente. Friamente, calculadamente. Elle pensava. Distribuia justiça, mesmo nas suas más acções. E, quando algum criminoso malvado lhe cahia nas mãos, não o justiçava, sem, antes, saber de todos seus máus precedentes.

Estes acontecimentos, portanto, e, ainda, as revelações que aquelles dias lhe haviam fei-

(Termina no fim do numero)

MYRON
BYRON E'
TÃO LINDA
QUE E' PRECISO
ANDAR NO
GELO...

Victor Mac Laglen entrevista-se

(FIM)

Arthur. Deste para Winnipeg, daqui para Vancouver e, finalmente, daqui para os Estados Unidos. Em Spokane, abri um curso de cultura physica. Depois, passei a figurar em *vaudeville*. Joguei box. Até que tornei a viajar. Por San Francisco, San José, Chicago, Hawaii, Australia, Bombay e Poona, na India. Depois disso, fiz a guerra. E, da guerra, voltei para casa. Depois, finalmente, o regresso á Bagdad. O meu caso, lá, com a pequena India. A morte de Fred. O meu regresso. A minha nova ida aos Estados Unidos. E, depois, finalmente, o convite que J. Stuart Blackton me fez, para figurar num seu film, como *boxeur*. Sabia elle que fôra campeão dos amadores da armada e, tambem, artista de alguns films inglezes. Com Diana Manners, como estrella. O meu primeiro film, chamou-se *The Call of the Road*. Depois delle, nos Estados Unidos, estreiei em *Defende-me, e serei tua!*

— E *Beau Geste*?

— Muito bom film. Mas, dos meus, prefiro, ainda e sempre, *Sangue por Gloria*. A cousa melhor que já fiz e o film que mais emoção trouxe ao meu coração, quando eu proprio o assisti, prompto. Porque, sabes, tinha tanto de mim, nelle... Apreciei-o mil vezes mais do que *Mundo ás Avessas*...

— Bem, chega!

— O que?

— Nada. E' que já falaste demais e estou cançado de te aturar. Sabes o que vou fazer desta entrevista?...

Houve uma praga. Uma blasphemia. Diversos *sub-titulos* que a censura cortou, em *Sangue por Gloria*... E, finalmente, estava terminada a entrevista que Victor Mac Laglen fez comsigo proprio...

Cinema de Amadores

(F I M)

lho de camara. O amador precisa lembrar-se tambem de que vae trabalhar sob condições de luz invariaveis, e que além disso vae filmar um assumpto sem tonalidades na côr. A rigôr, isso augmenta a belleza da photographia; mas o cuidado com o diaphragma precisa ser grande.

Imagens de sêres humanos e animaes não pódem tomar parte no film, a não ser que se trate de uma pellicula industrial. E' verdade que, ás vezes, a imagem do machinista dá um certo relevo á imagem da machina; mas esse relevo é estrictamente falso ao fim almejado aqui pelo amador. Essa imagem, sendo intrusa, affecta o film. E si esse film obtem certa graça na poesia do movimento, aquella imagem se torna absolutamente desnecessaria.

As pontes levadiças são productos da Engenharia que convidam a camara a se pôr em acção.

E' conhecidissima a famosa Torre de Londres. Films dessa torre podem ser encontrados em pelliculas de 9 ou de 16 milimetros. Essa torre abre se em duas metades afim de deixar passar os navios. E depois fecha-se novamente, encaixando-se as duas partes, para dar vasão ao trafego.

Joris Ivens é um joven amador hollandez. Pensando em filmar a Ponte levadiça de Rotterdam, Ivens seguiu passo a passo a movimentação languida da ponte, semelhante á da Torre de Londres, mostrando a todo momento a natureza da construcção. E teve o cuidado de apanhar só aquillo, da construcção, que désse a idéa da sua solidez; porque comprehendeu que a vista de toda a ponte, ao mesmo tempo, faria com que o aço parecesse antes fraco do que solido. Ha porém uma coisa que nós aprendemos com o estudo. E' que o film sobre machinas é como um poema; não póde ser muito comprido. E foi justamente o que Ivens fez, levando o seu film até o ponto da sua duração logica, para enfraquecel-o com isso. Em certos trechos desse film de amadores, exhibido para uma associação new-yorkina, vê-se a base de concreto da ponte occupando toda a téla para dar uma sensação do tacto com a visão muito detalhada da sua contestura. O nosso collega de Rotterdam incluiu no seu film os movimentos da ponte levadiça (para abrir e para fechar-se) e incluindo-o, alternou-o com os movimentos do trafego maritimo e terrestre; os trens, os automoveis, os carroções, os navios, tudo isto dando vida á languidez e vagarosidade dos movimentos da ponte, e enriquecendo o conjuncto.

Aqui no Rio de Janeiro, nós temos uma multidão de assumptos para fazermos o mesmo. O caminho aereo Pão de Assucar, a estrada de ferro do Corcovado, a ponte Lauro Muller, as obras do Caes do Porto, o funicular de Santa Thereza. Em Santos teriamos as famosas Dócas de Santos. Na Bahia, teriamos o famoso Elevador.

Aconselhariamos porém aos amadores que evitassem os films muito complexos a principio, iniciando a sua pratica com a filmagem de schemas, e de machinas simples, em movimento.

As Tres Irmãns

(F I M)

E' que d'Amiti seguira para o "front". Mezes depois, sem mesmo ter visto sua filhinha, morria em combate. A noticia, para Elena, ainda fraca. Fôrá um terrivel balo. E sobrava-lhe dinheiro apenas para a viagem de regresso. Para os braços de sua Mãe.

E voltára. Mas era outra Elena. Sempre chorando. Sempre infeliz. Sempre miseravel...

Marta tudo fez para a consolar. Eram conselhos. Eram longos abraços. Eram beijos immensos e sem fim. Mas a sua magoa, era profunda. Dessas que nunca mais se desfazem.

Adoeceu.

E, emquanto adoecia, avançavam, para áquellá villa, os austriacos.

Numa noite de terror e vigilia. Marta comprehendeu que se abandonasse ali a criança, tudo estaria perdido. Era preciso agir O mais rapido e seguramente possivel.

Coração roto, beijou sua filha, delirante, doente, quasi em agonia. Apanhou o netinho. E, com elle sobrassado, deixou sua casa. Casa que tantos annos de alegria e felicidade tinha presenciado...

Mas a deixára. Ainda nem longe estava, num carro de soldados, que fugia rapidamente. E uma granada arrebentava-a toda. Deixando, no corâção daquella pobre Mãe. Um immenso vazio de tristeza e dôr...

—

Um dia, em Roma, Paschoal encontrou Marta. Para sustentar o neto, ella se empregára como lavadeira de pratos, num café.

E, sabendo-a em companhia do neto. Que tambem era neto do Duque d'Amiti, adverte o avô. Em um instante estava legalisada a sua posse sobre o pequeno. E, em rapidos golpes, apoderando-se da criança, o Duque deixa Marta, na vida, mais uma vez immensamente só...

—

Depois de tanta tristeza, restava-lhe, afinal, alguma alegria.

Veio ella de Carlotta e Toni. Que, da America, aonde se achavam felizes e favorecidos pela sorte. Lhe enviaram dinheiro para que ella os fosse encontrar.

Mas o dinheiro vinha pelas mãos de Paschoal. E este, apenas lhe dando as noticias. Guardava o dinheiro para si...

Passaram-se mais tempos. De agonia e lucta. Apenas alegrados pelas noticias que de Carlotta e Toni, lhes dava Paschoal.

Foi quando se assignou o armisticio. Para celebrar tamanha alegria. Ambos, prosperos e felizes, na America. Vêm para a Italia.

E, com o endereço de Marta, procuram-na.

O que se passou ali; naquelle dia, não tem descripção.

Carinhos. Relatos de annos e annos de ausencia. Miseria. Tristeza. Tudo posto de banda! Apenas recordações bôas. Entristecidas, apenas, pela ausencia de Elena. Porque Carlotta e Antonia, ali estavam. Juntas, na America, haviam vivido felizes, apenas pensando nella, a pobre Marta. Mas agora, finalmente, uniam-se. Para nunca mais se separarem.

Depois dos espiritos se serenarem. Toni se admirou do seu estado de pobreza. Relativamente ao dinheiro que lhe tinham enviado.

— Dinheiro?

— Sim! O dinheiro que todos os mezes lhe mandavamos, pelo Paschoal!

— Mas elle jamais me entregou uma lira que fosse... Toni ergueu-se. Aquillo era demais. Bastava!

Sahiu, num arranco. Marta quiz seguil-o. Mas Carlotta e Antonia a retiveram.

— Ora deixe, Mamãe! Elle se haverá perfeitamente com esse typo...

Minutos depois, sobraçando o sufficiente para terem uma ceia farta e como ha tempos Marta não tinha. Voltava Toni.

— Paschoal?

— Está na chefatura.

— Mandaste-o prender?

— Mandei. Mas...

— O que?

— Antes fil-o sentir a delicadeza toda destes pulsos...

Riram-se. Preparou-se tudo. Começaram a ceia. Entre risos. Phrases e alegria. Uma cousa tão bôa que o coração de Marta. Já affeito ao soffrimento. Não podia, mesmo, acreditar...

Apenas de longe. Sobre a mezinha de cabeceira. Num sorriso tristonho. A imagem de Elena. Tão meiga e bôazinha! Olhava. Como a abençoal-os. Naquella reunião que unia, de novo, seus corações afflictos e que tanto haviam soffrido.

Dó Ré Mi Fá Sól

(F I M)

guintes discos Columbia, excellentes, por signal, que resumem, mais ou menos, a qualidade das melodias do film. *Happy Feet* e *A Bench in the Park*, sob n.° 5627, da Columbia, conforme já dissemos, é o primeiro delles. Dois esplendidos "foxs". Muito bem executados, tambem. *Ragamuffin Romeu* e *I Like to Do Things for You*, formam o segundo, sob n.° 5629, Columbia, igualmente executados pelo conjuncto de Paul Whiteman. Este disco é esplendido. Mas "It Happened in Monterey", valsa de Mabel Wayne, a compositora de "Ramona" e "Chiquita" e "Song of the Dawn", sob n.° 5628, Columbia, são o melhor disco desta collecção Paul Whiteman, sobre "O Rei do Jazz". Vale a pena ser ouvido e adquirido, para as bôas collecções. A valsa é delicadissima e sempre serve para aguardar o disco de John Boles, para a Victor. Porque elle, sabe-se, já o gravou e, no film, foi quem a cantou.

SONS O'GUNS — Este film da United, que Al Jolson vae estrellar, com Lily Damita, e cujas primeiras scenas já foram tomadas, offerece diversas excellente melodias. Provisoriamente, para que já se tenha uma idéa das mesmas, temos, aqui, o disco Columbia, 5615, que reune "Cross Your Fingers" e "Why?", executadas, ambas pelo conjuncto de Selvin. Disco mais para dansa, sem duvida. Mas interessante, tambem.

ALVORADA DO AMOR — Ainda que tarde, é opportuno lembrar o disco Columbia 17 — B., porque, sem duvida, do mesmo film, poucos discos gravaram, com tamanha belleza, trechos desse film. Executa-os, Jack Payne e sua orchestra. E' um disco de 25 m/m e gosa de todas as regalias dos bons discos. Merece figurar em qualquer bôa collecção.

Zilda Moraes, aliás Yara Dazil, estrella do film Brasileiro "Piloto 13", tem uma excellente vozinha e se a quizerem ouvir, poderão ter o disco Columbia, 5222, que tem melodias suas, "Meu bem vem cá" e "Tá tudo se acabando". Duas melodias regionaes, em dueto com Paraguassú, que, igualmente, já figurou no film Brasileiro, falado, "Acabaram-se os Otarios". E' justo que o publico tanto se interesse pelos artistas brasileiros, que têm voz, quanto pelos americanos. E Yara Dazil, sem duvida, tem-na e bem afinadinha, mesmo.

—

Annunciam-se, para brevemente, os seguintes.

DANGEROUS NAN MC GREW — Film da Paramount, estrellando Helen Kane. "Dangerous Nan Mc Grew" e "I Owe You", são dois trechos do mesmo, gravados, já, em disco Victor.

UNDER A TEXAS MOON—Film da Warner, com Frank Fay e Rachel Torres, tem a melodia "Under a Texas Moon", em discos Columbia, pela orchestra

Nawahi e Victor, pelo conjuncto de Gene Austin.

THE BIG POND — da Paramount, com Maurice Chevalier, já offerece "You Broght a New Kind of Love to Me", em versões cantadas por Chevalier, para a Victor e executadas por Paul Whiteman e seu conjunto para a Columbia.

IN GAY MADRID — da M G M, emquanto Ramon Novarro não se resolve a cantar para discos, offerece as melodias "Into my Heart, Santiago" e "Dark Night", em versões Victor e Columbia, executadas pelas orchestras de Nat Shilkret e Paul Specht.

E é tudo quanto "Dó Ré Mi Fá Sol" offerece de interesse para esta semana.

Eisenstein em Hollywood

(FIM)

film. Desde que o viu em Paris, quando da exhibição, lá, do film "Potemkin".

Elle me disse que, antes de mais nada, é contrario aos films que têm "estrellas" ou "astros". Porque, diz elle, havendo "estrellas" e "astros", o film passa a repousar sobre a personalidade delles. Quando, sempre, devem elles ser apenas as consequencias do film e, nunca, as bases do mesmo.

— Se a concepção artistica do film é conservar analogia com seu desenvolvimento technico, devemos concordar que os films podem, perfeitamente, fascinar o publico, independente do emprego de "estrellas".

— Não é necessario que os films sejam personificados por esta ou aquella, este ou aquelle. Porque, afinal, a personificação de uma obra de arte, sempre, é a forma mais imperfeita dessa mesma arte.

Eisenstein, em parte, não aprecia "estrellas", comprehende-se, porque tem medo que um "close up" feliz, roube, aos espectadores, um segundo que seja da attenção que elle quer, todinha, para o seu trabalho de direcção. E' talvez mais por isto do que por outra cousa que elle escolhe, sempre, homens barbados e quarentões, para galãs e heroinas de mais de 100 kilos e 1000 sardas... Elle prefere dirigir as massas... populares. O povo anonymo, gente despretenciosa de gloria. Porque, diz elle, não gosta de galãs empastados e heroinas perfumadas. E espera, com a sua gente, apenas attrahir attenção para o seu trabalho. Ainda que arranhe alguns bocejos, em paga... E' um ponto em que não concordo integralmente com Eisenstein. Porque, afinal, eu senti Frank Borzage, dirigindo "Setimo Céo". E Henry King, dirigindo "David, o Caçula". E Griffith, dirigindo "Lyrio Partido". Apesar dos "close ups" de Janet Gaynor e Charles Farrell, Richard Barthelmess e Gladys Hulette e Lillian Gish e Richard Barthelmess...

Mas, voltemos a ouvil-o. E' sacrilegio contradizer um genio. E eu quero o reino dos céos... Depois, já estão cansados de ouvir o Marinho, não é? Ao passo que os genios, são tão raros...

Aqui estão mais algumas idéas suas:

— Num film, desenvolvo um thema. Não uma estrella. Usando o povo, conto uma historia. E, ainda que este não seja um exemplo concreto, é, comtudo, movimento universal, e, de interesse fundamental para todos. Geralmente não uso artistas profissionaes, porque, entre o povo, selecciono muito melhor os typos que desejo e que são aquelles que realmente podem representar o povo que eu vou focalisar, mesmo. Naturalmente, talvez tenha que usar alguns "astros" e algumas "estrellas" de Hollywood. Mas já vou preparado para o trabalho e saberei agir...

— Sei e comprehendo, perfeitamente, que o povo americano differe muito do europeu. Os americanos não têm o paladar devidamente treinado para films de arte pura. O povo de todo o mundo é mais ou menos parecido. Mas não se comprehendem muito bem. E' é esta a razão de certa repulsa que têm os americanos pelos assumptos russos ou allemães... Os europeus são mais maliciosos do que os americanos. Elles apreciam a subtileza ao passo que estes gostam das cousas mais em acção do que em sophismas. Naturalmente Eisenstein, assim dizendo, não tinha assistido, é logico, "Garotas Modernas" ou "Donzellas de Hoje". Já para não falar nos films americanos de Ernst Lubitsch...

Falando sobre os problemas dos musicos, disse elle que acha que os mesmos não têm razão por terem perdido seus empregos, com a vinda do film sonóro. Porque, diz elle:

— Um pianista, por exemplo, está limitado aos sons que sáem do seu instrumento para o pequeno numero de espectadores de uma platéa. E, com o film falado e sonóro, a sua musica poderá atravessar paizes e mais paizes e ser transmittida, mesmo, ao mundo todo. As orchestras symphonicas, igualmente. E, assim, os bons musicos devem procurar os Studios de Cinema, para, nelles, se empregarem e poderem dar a bôa musica ao publico do mundo todo que a espera com ansiedade.

— Na synchronisação de um film, são innumeras as vantagens da união da musica com os effeitos sonóros. Por exemplo: o sussurro do matto, o vozerio do povo, ruidos, em summa, que, fundidos á bôa musica, augmentarão, por certo, de 100 por cento o interesse da parte sonóra do mesmo film.

— Um espectador que se agitar, numa poltrona, impulsionado pela acção dramatica do entrecho e, ao mesmo tempo, pelo poder da symphonia perfeita que esteja ouvindo, sahirá do Cinema fatalmente satisfeito. Porque se divertiu de duas maneiras deliciosas. Ouvindo e vendo.

— O theatro, já não tem mais aonde ir. Os seus limites são extremamente reduzidos, ao passo que a "camera", não conhece limites. Faz tudo e muita cousa nova ainda póde crear para a téla.

Durante os primeiros tres mezes de sua estadia aqui, Eisenstein não fará um film. Além de procurar se acclimatar mais com os costumes do publico americano. Tambem estudará de perto os costumes internos dos Studios americanos. E aprenderá, na sua perfeição, a technica dos "talkies". Para, depois, deduzir sobre o que deve applicar, em materia de "talkie", ao film que confeccionará aqui.

Agradeço ao Studio da Paramount, a gentileza que teve commigo, tudo facilitando para esta entrevista com Sergei M. Eisenstein, director russo de renome mundial e excellente cidadão. Delicado, sympathico, bôa prosa e simples ao extremo.

O interessante é que, ao mesmo tempo que aqui estou terminando esta entrevista com Eisenstein, tambem tenho, ao meu lado, o numero de uma revista americana, com uma critica de "Velho e Novo", assignada pelo conhecido Michael Gibbons. Vamos lel-a? O que custa? Naturalmente é um dos elogios a mais que elle colhe em Hollywood.

Critica: — Film de primeira qualidade, para o proletariado russo. Nada tem com Cinema, mas é motivo unico para propaganda instructiva dos costumes sovieticos. Os subtitulos, (doze, logo ao inicio do film) são exhortações ás maneiras das proclamações sovieticas. Se não houvesse sido feita na Russia e não tivesse a soberba photographia que tem, poderia ser perfeitamente classificado como producto commercial, dedicado a Henry Ford e demais associações de cultivo agricola.

Dizem alguns, com ou sem razão, não sei, que; na Russia, existem 90 milhões de oradores publicos. Mr. Eisenstein, com a "camera", é mais um delles... Alguem que considere, a sério, a Russia de Gorki, Chekow e Tolstoi, com seus estupendos rios de dramas e tragedias que, afinal, são as proprias veias da vida da Russia, notará, fatalmente, a flagrante e triste deficiencia de Mr. Eisenstein como director.

Eisenstein é um guerreiro economico. As suas interpretações da vida, approximam-se ás suas proprias convicções politicas e sociaes. Jamais elle tocou, de facto, o coração da vida da Russia, como ella realmente é. Não ha belleza e nem alma no seu trabalho.

A educação do proletariado russo, nesta oração photographica de Eisenstein, é de importante significação!

Mas na educação do publico, sobre o ponto de vista de que Cinema é arte, Eisenstein nada tem feito, até hoje e nada tem dito, realmente, que o torne um director acima do vulgar em que tantos outros já se acham.

Os enthusiasmos que os seus trabalhos têm, soffrem, profundamente, dos arremessos politicos das suas idéas.

As qualidades dramaticas dos seus trabalhos, e deste film, principalmente, são frias e deshumanas, tanto quanto pancadas de um craneo, num lagedo de marmore...

O operador do film é que merece as melhores referencias.

O organista do Filmarte Theatre, devia conhecer mais musica. Pelo seu acompanhamento, nota-se, claramente, que nunca ouvio falar em Tschaikowsky, Borodin, Rimsky-Korsakow e tantos outros compositores da grande Russia...

Bilheteria: — Este film, a não ser para os Cinemas de pura "arte", não tem a menor parcella de bilheteria.

Estou arrependido, mas é tarde... Se eu soubesse que Mr. Gibbons era assim, eu não me teria atrevido a traduzir esta sua critica...

Emfim... já estamos falando de Eisenstein, commentemos elogios e restricções.

RUDIE

(FIM)

Hoje, meu amigo, tiraram o romance dos films. Como se arrancassem os olhos a um joven. Cheio de esperanças. Cheio de amor á aida!...

Arrancaram a alma ao Cinema. Como se arrancassem as rimas bonitas de um poema...

Hoje, Valentino, é só revista e mais revista. Quando mudam, é para os mares do sul. Guitarras. E synchronismos que tomam o film todo. Depois, fazem uma lucta, só para apanhar os ruidos. Fazem questão que figure um trem. Só para mostrar o arfar metalico da locomotiva. Gostam de um jardim que tenha passaros. Só para arranjarem uma imitação satisfactoria, registrando-a... Só pensam no som. No ruido. Na voz. Esquecem a Belleza. Romance. O Encantamento...

Vinte films de Bancroft, por exemplo. Como "O Poderoso". Comparam-se, meu amigo, por acaso, ao mais insignificante dos detalhes de "Paixão e Sangue"?...

Eu queria um film falado de você. Valentino. Mas que fosse só fal do numa situação dramatica. Um trecho falado, breve. Apenas para enfeitar o todo sentimental do seu film. Mas todo falado. Cantado. Sapateado... Não! "O Aguia", por exemplo. Com assumpto russo. Fatalmente teria um grande bailado. Em Technicolor. Com todas as girls da Albertina Rash's Balet...

Não é?...

Para você, meu amigo, foi melhor. No tumulo da recordação. Sempre! Ainda mais agora. Os "fanssinceridade". Irão sempre deixar a flôr bonita da saudade.

Valentino. Você é mesmo o symbolo do Cinema. Sempre foi silencioso. Sempre foi romantico. Sempre foi sentimental. Sempre teve poesia. E sempre fez sonhar...

Deixe que elles falem, meu bom amigo. Deixe! Não se incommode. Um dia elles ainda hão de supplicar á você. Parque sempre se apresentou para alma. Que a procure. E que interceda, junto á ella. Para que volte ao Cinema. Porque elle tornou a se regenerar...

Eu me despeço de você. Não me esqueço, nunca, de você. Porque, não me esqueço tambem da morte da belleza e da arte do Cinema...

Adeus, meu bom amigo. Conta esta negra tragedia ao Wallace Reid. A' Barbara La Marr. Ao Alen Hollubar... A' todos esses antigos amigos do bom Cinema. Que não chegaram a viver para alcançar esta calamidade que trouxe voz e som. Para substituir a illusão e o romance...

A INDOMAVEL

(FIM)

mais distante, um borborinho de vozes, do interior da não...

— Você aqui, Bingo?

Ella nem se ergueu. Com um olhar, foi-o sentar ao seu lado.

— Andy, eu não disse que te procuraria?

— Mas fui eu que te achei...

— Mas eu te estava aqui chamando, pensando em ti...

(Termina no fim do numero)

Mania que a gente tem

(FIM)

a minha differença! Se preciso passar por elles, soffro mais do que por tudo mais que me aconteça, na vida.

Em seguida, fomos ouvir Evelyn Brent. Depois de pensar um pouco, ella nos respondeu, firme:

— Aos gatos! Não os supporto! Todos os meus amigos conhecem, perfeitamente, esta profunda aversão que eu tenho por elles. Não posso demonstrar, claramente, o que quero dizer nesta *profunda aversão!* No emtanto, se por aqui passasse ou se aqui entrasse um gato... Não era mais necessario que eu falasse, para que me comprehendesse, claramente... *Eu sinto!* E' uma cousa que está dentro de mim. Torno-me pallida, não posso siquer falar. Sinto uma suffocação immensa e um grande desejo de gritar, não podendo fazel-o, no emtanto. Se algum gato pulasse sobre mim, creia, eu morreria de horror! E' horrivel, para mim, siquer a idéa que faço disso. Tenho, pelos gatos, um profundo e immenso pavor!

Clara Bow, que procuramos ouvir, em seguida, disse-nos que tem muitas aversões. Uma, particularmente, por um determinado perfume. Que, quando o sente em alguem, já basta para que tenha seu dia completamente estragado. Mulher que o use, contumazmente, perderá, para ella, todo valor e terá, mesmo, sua profunda inimisade.

Durante momentos de folga, de uma filmagem, ouvimos rapidamente as impressões de George Bancroft.

— Cartões de pesames, meu amigo, são as cousas que mais detesto, no mundo! Queria ter, sob minhas mãos, dois minutos, a guéla dequelle que me escrever um delles... Tambem detesto, com a mesma intensidade, os cartões de felicitações. Bem por isso é que odeio os fins de anno. E procuro, quando elles se approximam, estar bem distante de amigos... Minha mulher faz tudo para evitar que elles me attinjam. Mas, sempre, quando me livro dos cartões. São os proprios amigos que me vêm felicitar e desejar bons dias de vida... Se não os esgano, é, afinal, porque são amigos, mesmo... O melhor Natal de minha vida seria aquelle em que ninguem mais se lembrasse de que existe e me deixasse passar a noite feliz e socegado...

Em seguida, procuramos conhecer a opinião de Mona Maris. Queriamos tambem conhecer uma aversão hespanhola...

Falando o inglez correctamente, Mona Maris nos respondeu, com firmeza:

— As mulheres que se mostram demasiadamente frageis, são as minhas aversões! Sabe, não é? Aquellas... Que nem siquer se abaixam para apanhar um lenço que lhes cáe das mãos... Taes mulheres, creia, fazem-se ter vergonha do sexo á que pertenço... Ellas são a maior aversão da minha vida.

Falando, imitava os modos das taes creaturas que lhe causam aversão. E, assim, deixamol-a, ainda que a prosa estivesse bôa e promettesse bastante interesse.

A aversão maior de Ronald Colman, é a multidão. Geralmente, ou antes, infallivelmente, elle não frequenta reuniões muito frequentadas. Nem apparece em *meetings* populares... E' retrahido e tem verdadeira aversão á turba.

— A turba.

Disse-nos elle.

— E', nada mais, nada menos, um dragão feroz. Que quer tudo devorar. Tudo apanhar para saciar suas guélas... O seu appetite é tremendo. E qualquer cousa serve-lhe de alimento. A direcção da turba, por exemplo? Haverá cousa mais sem senso? Parece, mesmo, ás vezes, rebanho sem pastor... As unicas vezes em que me senti envolvido pela turba, senti-me pessimamente. De uma dellas, mesmo, cheguei a me sentir com um mal estar horrivel!

O verdadeiro horror de William Haines. Cousa que elle detesta e nem pode ouvir falar nella. E' refresco de laranja. Porque, explica elle, quando éra creança, mamãe lhe ministrava, sempre, depois de uma de suas indigestões, de tanto comer torta de maçã, oleo de ricino. E, assim, para enganal-o e ao sabôr do oleo. Costumava, sempre, empurrar-lhe, logo a seguir, um refresco de laranja. E, assim, tomou-se elle de tremenda aversão pelo mesmo e, assim, quando nisso lhe falam. Elle chega a fazer caretas expontaneas...

Joan Crawford, que procuramos a seguir, disse-nos, sem mais reflexões:

— Aversões? Tenho, sim. Pelas thesouras, por exemplo... O som de alguma cousa que se corta. Fazenda ou papel. Causa-me verdadeiro pavor. Se acontece alguem apanhar thesouras, na minha presença e, com ellas, começa a cortar alguma cousa, á minha vista. Eu, immediatamente, sinto arrepios pelo corpo todo e um frio percorrer toda minha espinha dorsal. A's vezes eu chego mesmo a gritar!

Betty Compson, que procuramos depois, dizia-nos, calmamente, que, na vida, jamais sentira uma aversão que fosse. Por isto ou por aquillo. Antes de nos retirarmos, vimos que um rapaz della se approximava. Trazia uma gravata terrivelmente vermelha. Ella não se conteve. Num impeto gritou-lhe, nervosa, que tirasse aquillo de si. Voltamos. Tornamos a perguntar-lhe porque é que fizera aquillo.

— Tem razão.

Respondeu-nos ella.

— E' mesmo uma aversão que não lhe tinha contado, mas por esquecimento, apenas. A côr encarnada, por mais que queira, causa-me um profundo mal estar. Tenho que afastal-a de mim, tanto quanto possivel. E isto é hereditario. Porque, lembro-me, esta côr, para mamãe, dava a mesma impressão que me dá. Causava-lhe nauseas. Ainda ha bem pouco, para comprar um automovel visitei uma determinada agencia, que, em reclames, offerecia uns modelos realmente interessantes. Mas, quando lá cheguei, só vi automoveis vermelhos. E aquillo, ainda que eu não quizesse, causou-me terrivel impressão e até grosseiramente eu me retirei da agencia...

E, ainda existem mais alguns. Cujas prosas não foi possivel ouvir. Mas cujos rapidos momentos de idéas trocadas. Favoreceram alguma informação, ainda.

Warner Baxter, por exemplo, não deixa ninguem guiar seu carro. Acha que é a cousa que mais o irrita. Janet Gaynor, sente-se mal se, pela manhã, calça o chinello esquerdo antes do direito. E Bessie Love, que tem uma versão pavorosa á areia.

São casos.

Ainda muitos se offereceriam. Mas não temos nós já bastantes aversões, aqui para parar?...

O Homem Mau

(FIM)

to. Revelaram-lhe, logo, a sorte de inidividuos eram aquelles. Nada mais pensou, dahi para diante, sinão justiçal-os devidamente.

O unico que ali não se achava, era Alberto. Pouco antes do assalto, tinha deixado o rancho, para cuidar da ida de um gado para a cidade vizinha. Tudo que Sancho descobrira, em relação á elle, fôra pelas palavras de Maria, depois de seu interrogatorio cerrado.

Quando o viu entrar, elle que interrogava ferozmente a Morris, tornou-se pallido. Depois, num relance, atirou-se a Alberto, sorrindo e estendendo-lhe a mão.

Este, que vinha assustado, com aquellas caras ferozes que por ali se achavam espalhadas, não o conheceu.

— Quem é voce?

— Não se lembra? Olhe que é generoso, mais uma vez, assim procedendo...

— Mas quem é?

— Sou aquelle tropeiro que, ha annos, você encontrou á beira de uma estrada. Quasi morto de fome e sêde. E que você soccorreu...

— Ah!... E... o que significa isto?

— Nada. Apenas a minha quadrilha. Sou Sancho Lopez!

— Você?...

— Sim. Quasi morto de necessidade, quando luctava honestamente pela vida. Prosperei, demais, mesmo, logo depois do instante em que me fiz ladrão...

— E como veiu parar aqui?

— Como?... Ora... Eu paro sempre aonde não me esperam...

Alberto tirou, das rugas da testa, todo o ar intrigado que tinha. Abraçou Sancho Lopez, longamente. Depois, ainda sorrindo e rememorando o que Sancho citara, elle lhe perguntou que lhe contasse porque estava ali.

— Para roubar! E... O que esta gente me acaba de dizer, é verdade?

Alberto tudo lhe contou. Sobre a ganancia de Morris. Sobre a usura de Dobbs. Sobre a infelicidade de Maria. Sobre Angela e tudo mais...

— Ahn!... Então é assim?

Agiu, rapidamente. Apossou-se de Morris.

— Canalha, dá-me o teu dinheiro!

Teve os 10 mil dollars, com os quaes Morris ia comprar o terreno de Dobbs.

Depois, apanhou Dobbs.

— E tu, cynico, dá-me a cautela!

Teve a cautela, tambem.

Entregou-as a Taylor.

Depois, com um sorriso. Cheio de malicia, ousadia, petulancia e sympathia... Agarrou Maria. Levou-a para os braços de Alberto.

— Minha menina... Aqui estarás melhor!

Morris tentou reagir.

— Porque com este rato...

Olhou-o, sempre sorrindo.

— Vae morrer!

E fez um ligeiro signal á um de seus homens que ali estavam.

Ouviu-se immediatamente o tiro. E o baque pesado do corpo de Morris ao chão.

— Adiós!!!

Ouvia-se uo longe um som surdo de cavallos em correria.

— Em guarda!

Era o aviso.

Approximava-se a tropa do governo. Era preciso bater em retirada, antes que fosse tarde.

Sancho Lopez approximou-se de Maria, fez-lhe uma reverencia. Depois beijou romanticamente a mão de Angela. Abraçou Alberto e, num salto, ganhou o covallo que o esperava.

Ouviu-se por algum tempo o afastar de seus homens.

Depois, apenas uma estupefacção na physionomia dos que ali estavam.

Em segundos, quasi, Sancho Lopez vitara a sorte de todos que ali estavam. Justiçára, brutalmente, com a mesma brutalidade dos seus instinctos de selvagem. Mas, apesar de tudo, devolvera á Taylor o que lhe pertencia, realmente. E a Alberto déra a felicidade que elle nunca esperára conseguir...

Até ao proprio Demo entregára a carga que lhe pertencia: a alma immunda de Moris...

— o — o — o — o — o — o — o — o — o —

"O Tigre Branco", (White Tiger), que a Universal, ha annos, fez com Priscilla Dean, Matt Moore, Wallace Beery e Raymond Criffith. Vae ser de novo filmado pela mesma Universal e dirigido pelo mesmo Tod Browning.

O elenco terá Mary Nolan, Eward Ronbinson e Owen Moore, nos principaes papeis.

Minha Vida . . .

(Continuação)

becil... A nossa amisade era profunda. Os philosophos talvez andem certos. Quando affirmam que a amisade é a melhor conclusão de um casamento. Pode ser! Mas não creio que uma pequena de dezoito annos. Casada. Seja ella de que cionalidade fôr. Supporte essa philosophia, apenas, sem, ao menos, para um pequenino instante, se deliciar com um lampejo de paixão... Jamais havia amado alguem. Continuava não amando ninguem. E por isso é que minha vida parecia um immenso vacúo.

— Jaime era dez annos mais velho do que eu. Guiava sua vida, pelo dictames sociaes da Cidade. Eu, era apenas um apendice á sua existencia...

— Comecei a me atirar á vida de sociedade. Com uma ansia maluca. Afinal, nada mais era do que uma creatura

commum. Não sentiu, já, um grande desejo de achar que é boa a má vida que leva? Não?... Pois eu senti. Achava aquella vida insipida. Detestavel. Mas fazia-me crer. A mim propria. Que era esplendida e deliciosa... E, assim, **pretendi** apreciar a vida que levava em Mexico City.

— Orgonizei meus programmas. De maneiras que não tivesse um só momento livre. Queria me tornar rainha daquella sociedade. Para assim, ao menos, esquecer minha vida infeliz.

— Um anno depois, minha vida continuava vazia. Tão vazia ou mais vazia do que até então fôra... Desgostosa. Aborrecida. Triste. Procurei minha Mãe. Ella me disse, depois de ouvir minha descripção. "Mas Dolores. És moça. Intelligente. Porque gastas tudo isto em polos e golfs e cocktails?... Porque não voltas ás tuas lições de dansa? Gostavas tanto dellas".

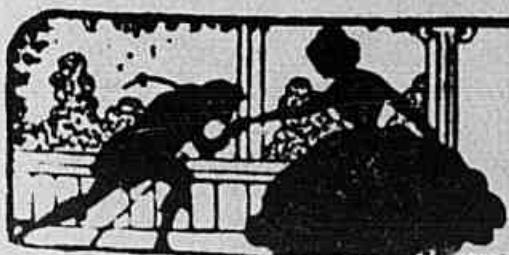
— Foi ahi que tive, na minha vida, o meu primeiro lance de independencia. Resolvi aquillo. Sem consultar á ninguem. Apenas ouvindo o conseuho de minha Mãe. Comecei vida nova. E não só passei a me dedicar ao estudo da dansa. Como, tambem, á academia de canto. Para aperfeiçoar minha voz. Jaime nada disse. Era, apesar de tudo, um espirito cordato e bom.

— Amigos que cultivei, na Academia, foram os principaes responsaveis pela minha entrada para os films. Foram elles que me encorajaram e fortificaram meu grande desejo.

— Minhas amiguinhas, caçoaram de mim. Acharam que isso era impossivel e improvavel. Encheram a cabeça de meu marido de idéas contrarias. E, afinal, elle proprio já não conseguia descobrir porque é que eu não conseguia mais parar em casa para continuar minhas obrigações sociaes.

— Elle teria ganho. Afinal, eu já me habituara a não pensar por mim propria. E havia de obedecel-o, é logico. Mas os esculptores. Os desenhistas. Os artistas daquella mesma Academia. Todos! Aconselhavam-me a proseguir do meu desejo e não o abondonar por preço algum. Tratavam-me, afinal, como um ser humano. Que julgavam bonito e perfeito. Para poder tentar uma carreira que apparentemente tão improvavel se mostrava. Ao cabo da minha resolução final. Bem poucos eram os **posseurs** que me acompanhavam. Bem poucos os **snobs** que ainda me applaudiam... Mas os meus amigos. E as minhas relações novas é que me animaram e muito a a proseguir naquillo que queria.

— Foi ahi que Edwin Carewe veio á Mexico City. Chegou, justamente no momento psychologico favoravel. Jamais poderia ter feito cousa semelhante, com tamanha precisão. Offereceu-me, justamente aquillo que eu estava pensando em realizar... Entrar para o Cinema!

— O Senhor Pesquiera, que já havia sido embaixador em Washington, trouxe para tomar chá comnosco. Edwin Catewe, Claire Windor, Madame Carewe e Bert Lytell.. Bert e Claire, naquella epocha, estavam justamente na lua de mel. Pediram-me que lhes cantasse alguma cousa e que dansasse. Tambem dansei. Carew achou-me a Valentino do tango... Pouco tempo depois, elle Edwin offerecia uma grande festa e nos convidava. A mim e a Jaime, Foi durante a mesma que

Leiam "*O Malho*" do proximo sabbado.

Jogo da aristocracia, da preferencia das *Senhoras*, BRIDGE, significa distincção

PARA TODOS..., a mais elegante revista brasileira, offerece aos seus leitores desde a proxima edição magnifica secção de BRIDGE

me offereceu a opportunidade para os films. Rimo-nos delle. Achei que era uma boa piada que ella fazia á minha custa. Mas os meus amigos, da Universidade, não riram. Acharam que aquillo era uma cousa seria. A minha familia affirmava que elle me insultára. O proprio Jaime não gostára nada daquillo. Mas os meus amigos diziam que elle havia rendido justa homenagem ao meu talento... A resolução não foi tão facil. Era preciso vencer meu marido, antes de mais nada. Elle nada parecia disposto a isso... Não o deixei mais. Até que o vi embarcando para Hollywood. Afim de conhecer. melhor, as condições da minha viagem para lá. Jaime voltou tendo apreciado Hollywood e seus habitantes. Achou-os civilizados e encantadores. Mandou-me buscar... Um bilhete, accompanhava o meu guia. "Venha. Aqui a cousa é outra. Muito differente do que você pensa. No primeiro dia que tiver de se levantar ás 6 da manhã. Morrera todo seu estimulo e toda sua vontade de fazer Cinema. Você nem Inglez sabe falar..."

— Era isso que elle pensava. Eram essas as suas palavras. Achava, elle, que uma pequena que almoçava na cama, todos os dias. Só se levantando depois de meio dia. Não supportaria, um só dia. Levantar-se pela manhãzinha. E trabalhar, o dia todo, arduamente, por méro gosto artistico... O quanto elle se enganava commigo...

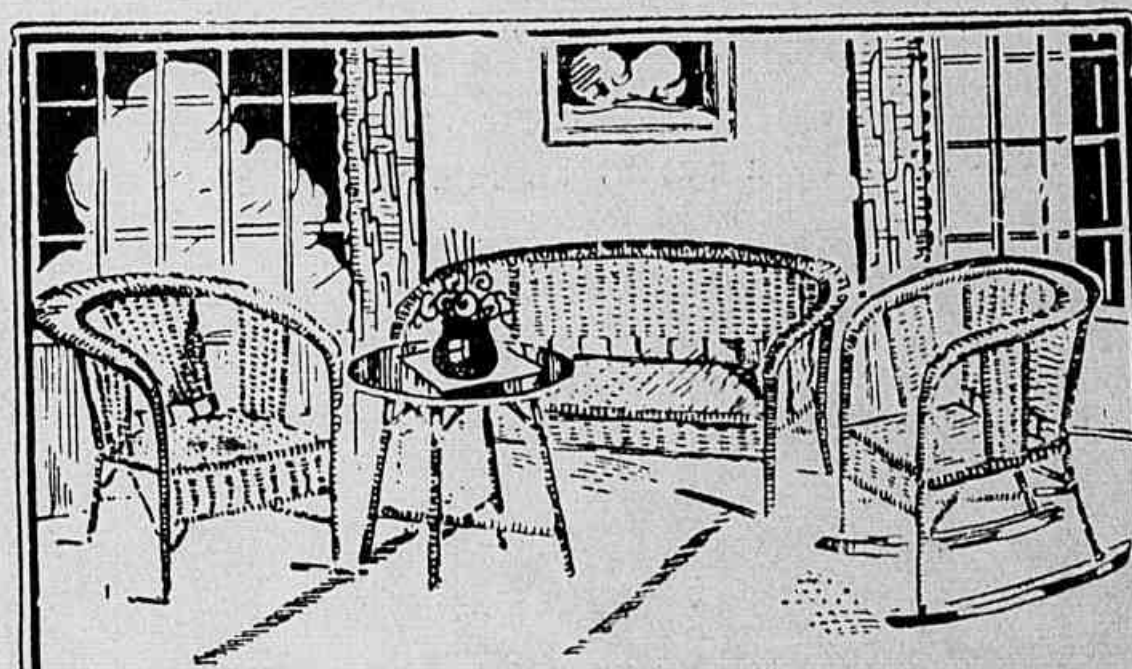
Dia 28 de Agosto de 1925 eu chegava a Hollywood.

* * *

— Jamais conheci o pobreza. E, no emtanto, a luta, para mim, era eterna... Hollywood, para mim, foi uma completa e radical novidade. Tudo que eu pensava, sahia ao contrario. O que eu pensei preto, era branco. E o que eu pensei branco, era preto...

— Tinha meus idolos de Cinema. Como todo mundo tem. Mesmo os **snobs** que dizem não ligar ao Cinema... Eram elles, Rudolph Valentino e Barbara La Marr. Para mim, era mais do que idolos. Eram super-homens!

— A primeira festa que se offereceu em minha homenagem, em Hollywood. Foi dada por Claire Windsor. Encontrei-me com Barbara La Marr, Pola Negri, Norma e Constance Talmadge. Creaturas de sonho. Que, afinal, eu apertava num abraço e ouvia falar... Depois, ouvindo-as falar. Na mesma forma de todos. Contando casos. Vivendo. Falando. Commentando. Como quaesquer outras creaturas humanas. Ahi é que as comprehendi! Eu não falava uma só palavra de Inglez. Ellas não falavam hespanhol. Pola falava allemão. Eu nada sabia de allemão. Aquillo, para mim, era um desespero. Desesperei-me, profundamente. Dahi, para diante, minha unica ambição passou a ser falar inglez. Queria deixar de gesticular. Para poder falar inglez correntemente, como ellas falavam e como eu sentia que podia falar.

— Em seis mezes, fazia-me entender, perfeitamente. Falava um pouco. Entendia outro pouco. Não empregára professor. no emtanto. Não era preciso. Os electricistas. Os encarregados do almoxarife. As estrellas. Os astros. Os directores. As scenaristas e os scenaristas. Eram meus professores involuntarios... Dorothy Mackaill, Jack Mulhall, Lloyd Hughes, não me esqueço, foram alguns dos que sempre se mostraram empenhadissimos nos meus conhecimentos da lingua que elles fallavam. Apontavam para o objecto sobre o qual eu me sentava, por exemplo. E me diziam. **Chair! Chair! Chair!** Eu repetia. Depois, quando aprendia a me maquillar. A encarregada, batia a esponja sobre meu nariz e dizia. **Powder puff! Powder puff! Powder puff!** Eu repetia

(Termina no proximo numero)

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

A Indomavel

(Continuação)

Elle se sentou. Ella tinha, entre os dedos, uma guitarra. Dedilhava-a.

Tudo ali, naquella noite morna e apenas bafejada de uma aragem com cheiro forte de mar. Seduzia e agarrava as almas...

Quando Andy mal se continha, já, Bingo lhe pediu que cantasse.

Elle apanhou a guitarra. E, suavemente, cantou **Wonderfull Something**, uma melodia que dizia de um amor que nascera, vivera e morrera...

Quando terminou, tinha o halito de Bingo a lhe esquentar as faces.

— Bingo...

Olhou-a. Trajava com a mesma simplicidade. Mas pela transparencia daquella sêda. Elle via os encantos seductores de Bingo...

Abraçou-a.

Era demais! Aquellle ambiente. Com aquella lua e aquelle céo... Continha-se, ainda.

Ella, mansamente, vendo que elle se retinha á algum preconceito, apanhou a cabeça delle entre as mãos macias. E, num impulso, trouxe seus labios para os dellas. Sorvendo-os, num longo beijo.

Mais quente e mais suave do que aquella noite e aquella lua...

Elle não resistiu mais.

— Bingo! Meu bem. Se você soubesse... Mas não sabe! Eu te quero, mais do que a propria vida. Você tem um não sei que me prende. Não sei se são teus cabellos. Tua bocca ou teus olhos! Sei que és tu, Bingo. Não és como as outras. Tens qualquer cousa estranha, dentro de ti... Temo-te mais do que um cipó trahiçoeiro...

Agradou-lhe os cabellos. Beijou-a mais e mais. Até que seu labios se cançassem. Ahi comprehendeu que não estava sendo correcto.

— Bingo... Não devemos continuar! Ainda mal nos conhecessemos...

Ella o olhou. Não trazia, sobre os olhos ou sobre a testa. O vinculo infamante de uma attitude mercenaria. Era Bingo, a selvagemzinha innocente. Que queria, porque amava. E amava, porque ouvira a voz do coração... Não era ainda mulher. Era criança, talvez... sentia que Andy era tão bom, tão meigo... Não o beijára, por acaso?...

— Andy... É indifferente o que penso de ti. Em dez minutos de conhecimento, comprehendi que te amava, mais

(Termina no proximo numero)

Novidade

SÃ MATERNIDADE

CONSELHOS E SUGGESTÕES PARA FUTURAS MÃES

(Premio Mme. Durocher, da Academia Nacional de Medicina)

— Do Prof. —

DR. ARNALDO DE MORAES

Preço: 10$000

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

RUA SACHET, 34 — RIO.

O SEGREDO DE UMA CUTIS PERFEITA

As "estrellas" de cinema não obstruem os poros de sua pelle com cremes para o rosto e outros pretendidos "alimentos" para a cutis. Ellas sabem muito bem que não ha substancia alguma que tenha o poder de vivificar uma pelle morta. O que ellas fazem é desquitar-se da pelle velha. Para obtel-o basta applicar-se ao rosto Cera Mercolized, fazendo isto á noite, antes de deitar-se, e retirando a cera pela manhã. Desta fórma, a tez gasta se elimina gradualmente, dando logar á apparição da nova cutis que toda mulher possue debaixo da cuticula exterior. Procure hoje mesmo Cera Mercolized na pharmacia e comece a recuperar a sua formosa cutis juvenil e louça.

Ismael A. Muniz Freire

Partos, molestias das senhoras e vias urinarias.

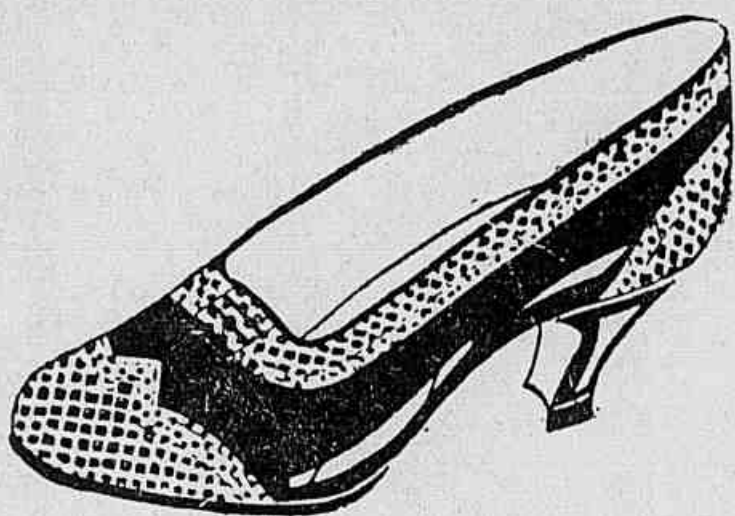
Residencia: 73, Xavier da Silveira — Tel. Ipanema, 1171. Consultorio: Travessa do Ouvidor, 39 — 3º — Tel. Central, 4966. Das 4 ás 7, diariamente.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO" — A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

E' O EXPOENTE MAXIMO DOS PREÇOS MINIMOS

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivella de metal. Salto Luiz XV, cubano médio.

32$ Em fina camurça preta.

ULTIMAS NOVIDADES

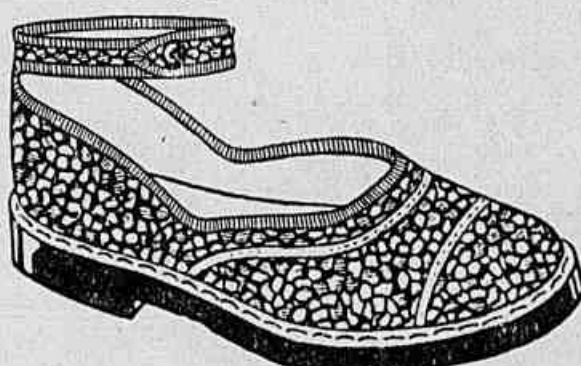
42$ Fina pellica envernizada preta guarnições de couro de cobra estampado, Luiz XV, cubano médio.

35$ Em naco branco lavavel com vistas de bezerro amarello, Luiz XV, cubano médio.

34$ Linda pellica envernizada preta com fina combinação de pellica branca, serrilhada, Luiz XV, cubano alto.

38$ O mesmo modelo em fino naco beige lavavel e guarnições de couro de cobra, serrilhado, estampado, Luiz XV, cubano alto.

30$ Em camurça ou naco branco, guarnições de chromo côr de vinho, salto Cavalier mexicano. Rigor da moda.

30$ O mesmo feitio em naco beige, lavavel, guarnições marron tambem mexicano.

A ULTIMA

Lindas alpercatas em superior velludo fantasia com lindos frisos em retroz vermelho, todas forradas caprichosamente confeccionadas e de fina qualidade de lindo effeito e exclusivas da Casa Guiomar.

De numeros 17 a 26. . . . . 10$000
" " 27 a 32. . . . . 12$000
" " 33 a 40. . . . . 14$000

Porte 1$500 por par.

RIGOR DA MODA

30$ Lindos e modernissimos sapatos em fina pellica envernizada preta com lindo debrum de couro magis-preto e tambem com debrum cinza e lindo laço, tambem debruado, proprios para mocinhas por ser salto mexicano.

De numeros 32 a 40

O mesmo modelo e tambem com o mesmo salto, porém, em pellica de cores beige ou marron, mais 2$000.

Pedidos a **Julio de Souza** — Avenida Passos, 120 — Rio. — Telephone 4—4424

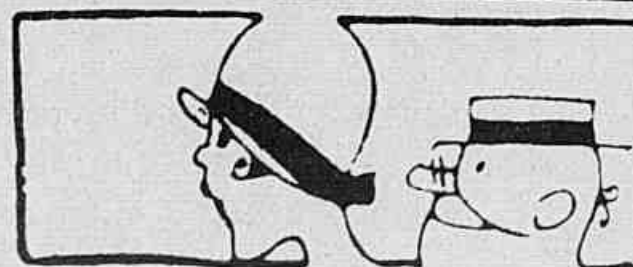
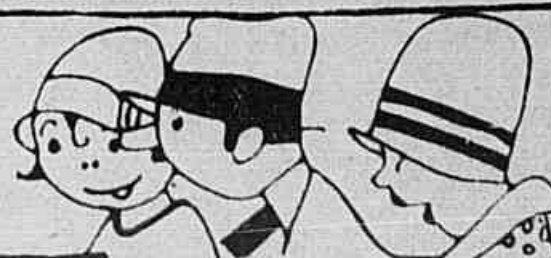
SABÃO RUSSO (solido e liquido)

O GRANDE PROTECTOR DA PELLE

Contra rheumatismo, queimaduras, contusões, torceduras, frieiras, talhos, rugas, espinhas, pannos, caspa, manchas, assaduras e suores fetidos.

AGUA DE COLONIA E SABONETE FLORIL

ULTRA FINOS E CONCENTRADOS

A' VENDA EM TODA A PARTE

LEITURA PARA TODOS informa mensalmente, com lindas illustrações, os principaes acontecimentos mundiaes.

Entre todas as publicações
Cinematographicas
prefiro e preferirei o
"Cinearte-Album"
que está preparando,
para 1931,
uma edição luxuosissima
com bellos Retratos Coloridos
dos maiores Artistas de
Todo o Mundo

COMO ESTE GLOBO
Conterá o
Almanach do "O MALHO"
de 1931
um pouco de
todo o
mundo

Offs. Gphs. d'O MALHO